

**UNIVERSIDADE DE LISBOA - FACULDADE DE ARQUITECTURA**



## **O PÁTIO ENQUANTO CENTRO E MEDIADOR**

**INTERVENÇÃO NO BAIRRO DO BARRUNCHO**

**CATARINA ALEXANDRA MEIRA FERNANDES**  
(LICENCIADA EM ESTUDOS ARQUITECTÓNICOS)

DISSERTAÇÃO PARA A OBTENÇÃO DE GRAU DE MESTRE EM ARQUITECTURA

ORIENTADOR CIENTÍFICO **PROF. DOUTOR PEDRO JORGE DIAS PIMENTA RODRIGUES**  
CO-ORIENTADOR CIENTÍFICO **PROF. DOUTOR MICHEL TOUSSAINT ALVES PEREIRA**

### **JÚRI:**

<b>PRESIDENTE</b>	<b>PROF. DOUTORA FILIPA MARIA SALEMA ROSETA VAZ MONTEIRO</b>
<b>VOGAIS</b>	<b>PROF. DOUTOR HUGO JOSÉ ABRANCHES TEIXEIRA LOPES FARIAS</b>
	<b>PROF. DOUTOR PEDRO JORGE DIAS PIMENTA RODRIGUES</b>

LISBOA FA-UL, NOVEMBRO DE 2013

*"Fazendo esquecer a simplicidade arquitectónica, o espaço aparece profundamente decorado: são as cortinas de renda nas janelas, as gaiolas de pássaros, os vasos, as latas, os alguidares, os baldes velhos repletos de plantas, ladeando as portas, as janelas ou espalhando-se pelo terreiro. E as roupas enchendo os espaços de estendais improvisados e emprestando ao pátio um colorido pictórico. Mundo naïf, desconcertante mas simultaneamente tão pitoresco!"<sup>1</sup>*

*"No pátio substitui-se a casa pela rua e a rua pela casa."<sup>2</sup>*

---

<sup>1</sup> LEITE, Ana Cristina e VILHENA, João Francisco - *Pátios de Lisboa, Aldeias entre muros*. Lisboa: Gradiva, 1991 - pág. 44.

<sup>2</sup> Idem, pág. 105.

Título da Dissertação: O pátio enquanto centro e mediador.

Nome do Aluno: Catarina Alexandra Meira Fernandes

Orientador Científico: Prof. Doutor Pedro Jorge Dias Pimenta Rodrigues

Co-Orientador Científico: Prof. Doutor Michel Toussaint Alves Pereira

Mestrado: Mestrado Integrado em Arquitectura. Especialização em Arquitectura

Data: 14 de Novembro de 2013

## **I. Resumo**

O presente trabalho foi realizado no âmbito do projecto final de mestrado decorrente do projecto de intervenção no Bairro do Barruncho.

O seu objectivo será conduzir e suportar de forma teórica, a componente prática do mesmo, relevando a importância do pátio enquanto elemento gerador e mediador na arquitectura doméstica. O trabalho terá uma maior incidência no pátio colectivo e na importância que este espaço tem para a habitação ao longo do tempo, em especial na arquitectura pós revolução industrial em Lisboa - nas vilas operárias. Neste tipo de arquitectura, a rua, o pátio ou mesmo o beco são de tal forma semelhantes na vivência e no uso, que o próprio nome é simplesmente "pátio". Para tal, o trabalho divide-se em 6 capítulos. No primeiro iremos explicar o que distingue o pátio, o beco e a rua. No segundo, as diferenças entre um pátio colectivo de um pátio privado, e como as suas variantes foram usadas e apropriados ao longo do tempo. No terceiro, iremos descrever os casos de estudo mais importantes para o projecto: vilas, Bº Alto dos Moinhos e Quinta Monroy. Por último, o quarto, quinto e sexto capítulo destinam-se à descrição do projecto final de mestrado: contextualização, intervenção e projecto da habitação respectivamente.

Palavras chave: pátio, rua, beco, habitação social, comunidade

Dissertation Title: O pátio enquanto centro e mediador.

Student's Name: Catarina Alexandra Meira Fernandes

Orientation: Professor Pedro Jorge Dias Pimenta Rodrigues

Co-Orientation: Professor Michel Toussaint Alves Pereira

Masters: Integrated Master's Degree in Architecture

Date: November 14, 2013

## **II. Abstract**

This paper was accomplished for the masters final project, arising from the intervention project at Bairro do Barruncho.

The goal of this project will be to guide and support on a theoretic basis, the technical drawings of the project, showing how important the courtyard is as an element and mediates the domestic architecture. The project will occur mostly at the common courtyard and how important this area is for long-term housing. Specially after the industrial revolution in Lisbon - the workers' villages. On this kind of architecture, the street, the courtyard or even the alley are so alike in terms of living hood and usage that the same is simply "courtyard". As so, the paper is divided into 6 chapters. On the first chapter we will explain what differentiates the courtyard, the alley and the street. On the second chapter, the differences between a common courtyard of a private courtyard, and how its variants were used and appropriated over time. On the third we will describe the most important case studies for the project: Vilas, Bº Alto dos Moinhos e Quinta Monroy. At last, the fourth, fifth and sixth chapter are all about the masters final project: contextualization, intervention and the housing project respectively.

Keywords: courtyard, street, alley, social housing, community



### **III. Agradecimentos**

Um especial agradecimento a todos os que me motivaram, incluindo família, amigos e professores:

- Pai e Mãe por me ajudarem a tornar na pessoa que sou.
- Norberto, por me dares sempre a resposta correcta mesmo que não tenhas ouvido a pergunta.
- Maura Silva, Ana Margarida Carvalho e Cintia Millan pela amizade, pelos esclarecimentos, pelos desabafos, no melhor e no pior.
- Susana Duarte, pelo companheirismo na faculdade, em dias de salas vazias.
- Professor Pedro Rodrigues, por me ajudar a procurar um método de projecto baseado no que existe.
- Professor Michel Toussaint e professor Hugo Farias, por me elucidar quanto ao emprego correcto das palavras.

A todos e a muitos outros, um muito obrigado.

*Ao meu pai.*

## IV. Glossário

<i>Ala</i>	espaço destinado à guarnição de retratos dos antepassados
<i>Andron</i>	corredor
<i>Atrium</i>	pátio de entrada
<i>Cenaculum</i>	sala de jantar; apartamento
<i>Cubiculum</i>	quarto
<i>Culina</i>	cozinha
<i>Domus</i>	casa urbana, casa dos ricos
<i>Exedra</i>	sala de estar ou recepção (também conhecida por <i>Tablinum</i> )
<i>Fauces</i>	entrada
<i>Hortus</i>	horta
<i>Impluvium</i>	tanque no átrio da casa para recolher águas da chuva
<i>Insulae</i>	prédio de arrendamento dividido em apartamentos
<i>Peristylum</i>	espaço descoberto rodeado de colunas
<i>Tabernae</i>	loja, comércio
<i>Triclinium</i>	sala de jantar
<i>Peristylum</i>	espaço descoberto rodeado de colunas
<i>Tabernae</i>	loja, comércio
<i>Triclinium</i>	sala de jantar
<i>villa</i>	casa do campo
AEC	Arquitecturas Espontâneas Clandestinas
AML	Área Metropolitana de Lisboa
AUGI	Áreas Urbanas de Génese Ilegal
CIAM	Congresso Internacional da Arquitectura Moderna
CML	Câmara Municipal de Lisboa
RECRIA	Regime Especial de Participação na Recuperação de Imóveis Arrendados
REN	Reserva Ecológica Nacional
SAAL	Serviço de Apoio Ambulatório Local
PIZ	Plano Integrado do Zambujal

### Notas:

- Este trabalho foi realizado de acordo com o antigo acordo ortográfico.
- A bibliografia respeita a norma portuguesa (NP) 405.

## IV. Índice

I. Resumo .....	3
II. Abstract .....	4
III. Agradecimentos .....	5
IV. Glossário .....	6
IV. Índice .....	7
V. Índice de Imagens .....	8
VI. Introdução .....	11
VII. Objectivos de trabalho .....	12
VIII. Estado de Conhecimentos .....	13
1. O pátio, a rua e o beco .....	15
1.1. Pátio .....	16
2. Pátio Privado e Pátio Colectivo .....	19
2.1. O pátio privado .....	20
2.1.1. O pátio privado ao longo do tempo .....	22
2.2. SAAL .....	33
2.3. O pátio colectivo .....	36
2.3.1. O pátio colectivo de origem urbana .....	36
2.3.2. O pátio colectivo de origem popular .....	39
2.4. Função do pátio colectivo .....	43
2.5. Mudanças e permanências .....	44
3. Casos de estudo .....	46
3.1. Vilas operárias .....	47
4.2. Bairro Alto do Moinho, Lisboa .....	58
3.3. Quinta Monroy elemental, Chile .....	59
5. Bairro do Barruncho .....	63
5.1. Contextualização da área de intervenção .....	63
5.1.1. Habitar em contexto de clandestinidade .....	64
5.1.2. Análise SWOT do Bairro do Barruncho .....	67
5.2. Espaço Público existente .....	73
5.3. Sentido do Lugar .....	76
6. Intervenção no Bairro do Baruncho .....	78
6.1. Projecto Urbano .....	80
6.1.1. Ideia .....	80
6.1.3. Objectivos da proposta .....	81
6.1.5. Espaços de estar a manter e respectivas habitações .....	82
6.2. Unidades operativas e faseamento da construção .....	84
6.3. Projecto do Espaço Público .....	86
6.2.1. A rua, o beco e o pátio no projecto .....	87

6.3.2 Pátios principais/ praça central .....	90
6.3.3. Corredor verde .....	93
6.4. Projecto da habitação .....	94
6.4.1. Módulo base e variantes da habitação .....	95
6.5. Sistema construtivo .....	97
7. Conclusão .....	99
8. Bibliografia .....	103
Artigos de revistas/ livros .....	104
Dissertações de apoio .....	105
Outros .....	105
Sites consultados .....	106
Anexos .....	107
A-I Casos de estudo.....	108
A.I.i. Bairro Alto do Moinho .....	108
A.I.ii. Quinta Monroy .....	109
A.I.iii. Conjunto habitacional Somincor .....	110
A-II Reabilitação do existente .....	111
A-II Maquetes .....	115
A-III Painéis finais .....	117

## V. Índice de Imagens

Fig. 1 Pátios em Nussdorf, Viena.....	15
Fig. 2 Esquemas: pátio, rua e beco .....	15
Fig. 3 Centralizar e mediar.....	18
Fig. 4 Circulação na rua e no beco .....	19
Fig. 5 Tipos de casa pátio .....	21
Fig. 6 Bairro residencial em Babilónia .....	22
Fig. 7 Aglomerados em forma de pátio comuns em Marrocos e Yaoundé .....	22
Fig. 8 <i>Domus</i> romana, Pompeia .....	23
Fig. 9 Claustro de Santa Maria della Pace, Bramante, Roma .....	24
Fig. 10 Projecto de um palácio parisiense .....	25
Fig. 11 Palácio <i>Geraud-Torlonia</i> , Roma .....	25
Fig. 12 Casa em altura e moradia: movimento Moderno .....	26
Fig. 13 Casa em Muuratsalo, Alvar Aalto .....	29
Fig. 14 Intervenção realizada numa parte do Bairro Tosculano, Roma .....	29
Fig. 15 Casas pátio, Chicago.....	30
Fig. 16 Esquemas das referências de Muuratsalo, Roma e Chicago .....	30
Fig. 17 Operação SAAL nas Antas .....	32

Fig. 18 Conjunto habitacional Somincor .....	32
Fig. 19 Casa pátio, Matosinhos .....	32
Fig. 20 Bairro da Bouça e Bairro do Alto do Moinho .....	35
Fig. 21 Habitação colectiva urbano e popular .....	36
Fig. 22 Edifício na rua Dona Maria Coronel, Sevilha .....	38
Fig. 23 Conjunto habitacional na rua Hombre de Piedra, Sevilha .....	38
Fig. 24 Pátio do Barbosa, Graça .....	39
Fig. 25 Ilhas do Porto .....	42
Fig. 26 Vila Borga, Campolide .....	45
Fig. 27 Pátio colectivo em Lisboa .....	46
Fig. 28 Domínio privado e público da casa indiana e americana .....	48
Fig. 29 Bairro Alto do Moinho: planta de implantação .....	58
Fig. 30 Bairro Alto do Moinho: esquiço e foto a partir das vias .....	59
Fig. 31 Bairro Alto do Moinho: esquiço a partir das ruas - escadarias .....	59
Fig. 32 Quinta Monroy: implantação, o antes e o depois .....	60
Fig. 33 Quinta Monroy: edifícios .....	60
Fig. 34 Quinta Monroy: sistema evolutiva e interiores do módulo .....	61
Fig. 35 Vista para o pátio Rosa, Barruncho .....	63
Fig. 36 Etnias no Barruncho .....	65
Fig. 37 Bairro do Barruncho: Classificação da qualidade das construções .....	69
Fig. 38 Bairro do Barruncho: usos na envolvente .....	69
Fig. 39 Limites e espaço público do Bairro .....	70
Fig. 40 O bairro, a casa e as pessoas .....	71
Fig. 41 Análise do Bairro do Barruncho .....	71
Fig. 42 Barruncho: principais espaços públicos .....	73
Fig. 43 Pátio mediador e pátio final de um percurso .....	76
Fig. 44 Pátios a preservar: indicação em planta .....	76
Fig. 45 Bairro do Barruncho: exterior e interior .....	78
Fig. 46 Proposta de intervenção: limites, pontos marcantes .....	79
Fig. 47 Proposta de intervenção: circulação .....	80
Fig. 48 Proposta de intervenção: usos .....	80
Fig. 49 Espaços comunitários .....	81
Fig. 50 Edifícios a manter (planta) .....	82
Fig. 51 Edifícios a manter (fotos) .....	83
Fig. 52 Intervenção na Ribeira das Jardas, Agualva-Cacém .....	87
Fig. 53 Proposta de intervenção: permeabilidades e centralidades .....	88
Fig. 54 Identificação dos pátios propostos .....	90
Fig. 55 Pátio cruz .....	90
Fig. 56 Pátio do recolhimento .....	91

Fig. 57 Esquemas da ligação do Pátio Cruz e do Pátio do Recolhimento .....	91
Fig. 58 Pátio funil.....	91
Fig. 59 Pátio do encontro .....	92
Fig. 60 Pátio festa.....	92
Fig. 61 Praça e Centro cultural (antiga Fábrica de Peles).....	93
Fig. 62 Corredor verde: hortas urbanas .....	93
Fig. 63 Exemplo de divisão do terreno em parcelas: hortas .....	94
Fig. 64 Dinâmica de crescimento e segurança urbana .....	95
Fig. 65 Módulos base: esquemas.....	95
Fig. 66 Projecto da habitação: exemplo de evolução .....	96
Fig. 67 Evolução da habitação .....	96
Fig. 68 Sistema construtivo.....	98
Fig. 69 Foto tirada no interior de uma casa do bairro .....	102
Fig. 70 Maquete de estudo: escala 1/ 500.....	115
Fig. 71 Maquete de estudo: escala 1 / 200.....	115
Fig. 72 Maquete de estudo: escala 1/ 200.....	115
Fig. 73 Maquete final: escala 1/ 1000 .....	116
Fig. 74 Maquete final: escala 1/ 200 .....	116
Fig. 75 Maquete final: escala 1/ 100 .....	116

## VI. Introdução

O tema do presente trabalho incide no estudo do pátio e decorre do desenvolvimento do projecto para o Bairro do Barruncho realizado no âmbito da cadeira Laboratório de Projecto VI do 1º semestre do 5ºano.

Tratando-se o Barruncho de um lugar informal, existem contingências sociais e culturais que devem ser articuladas e aplicadas no projecto urbano<sup>3</sup>. A comunidade existente é na sua maioria de origem africana e, como tal, a forma como esta se apropria do espaço é específica e não deve ser menosprezada ao longo de todas as fases do projecto.

Quanto à temática desta dissertação, o pátio pode ser, em primeiro lugar, privado ou colectivo. A escolha da temática "o pátio" prende-se com a forma de estar, de viver o dia a dia no pátio colectivo, muito próxima ao que existe no Bairro do Barruncho. Este permite a comunicação demorada das pessoas e a união dos laços da comunidade do sítio. Pretende-se por isso ao longo desta dissertação, esmiuçar o carácter centralizador do pátio colectivo e, ao mesmo tempo, mediador entre a rua e a habitação.

Ao longo do tempo, o pátio foi utilizado um pouco por todo o mundo.

Os seus principais objectivos são o arejamento dos espaços interiores que o envolvem e a permanência das pessoas no exterior, ainda que dentro de um âmbito privado do edifício. Na maioria dos casos, o sentido de protecção e de recolhimento está presente.

O pátio colectivo é especificamente um espaço público ou privado e nele se podem realizar diversas funções, desde grandes eventos a pequenas brincadeiras entre crianças, e nem por isso deixa de ser um espaço com uma identidade intimista, crucial para o bem estar da população. Referente ao pátio colectivo, Jorge Mário Jauregui afirma na entrevista "Construir a partir do conflito" - *"o espaço colectivo, que não é apenas aquilo que não está construído, é precisamente o que mantém juntas as partes (...), é a razão de ser da cidade e, neste sentido, tem um carácter sagrado (...)"*<sup>4</sup>. O pátio colectivo é hoje uma extensão da rua, uma expansão de um beco que permite o convívio e a perpetuação das vivências em comunidade e na comunidade. Enquanto elemento estruturante e por vezes central do substrato urbano da cidade, assume-se enquanto espaço que potencia a vida com os outros. É também um espaço de transição entre a rua e a casa ou mesmo um *ponto singular*, com características específicas que

---

<sup>3</sup>"Uma das diferenças fundamentais entre intervir na cidade formal e a cidade informal é que esta última exige articular os aspectos físicos (urbanístico-arquitectónico-ambientais) com os sociais (económico-cultural-existenciais) e os ecológicos, considerando as três ecologias mencionadas por Felix Guattari (ecologia mental, ecologia social e ecologia ambiental) de forma simultânea, no mesmo acto projectual." - PINA, José Costa - *Construir a partir do conflito*, entrevista a Jorge Mário Jauregui. In revista Arquitectura e Vida, publicação em série nº 46/2004 - p.36.

<sup>4</sup> Idem, p. 41.

marcam o sítio<sup>5</sup>. Por convenção é fechado em si mesmo e pode ser um elemento intermédio de uma composição arquitectónica ou mesmo de chegada de um percurso. É por isso, importante verificar o *sinhal que o fixou*<sup>6</sup>, ou seja, o motivo da origem do espaço.

A metodologia adoptada para este trabalho passa pela leitura crítica de estudos, publicações sobre o tema e pela construção de hipóteses de criação de uma arquitectura sustentável e adequada ao sítio. Todo o processo será acompanhado por uma análise crítica de soluções específicas e construídas.

Quanto à divisão do trabalho, este é composto por seis capítulos inter-relacionados, que vão desde uma componente mais teórica a uma mais prática. No primeiro capítulo iremos esclarecer as diferenças entre o pátio, o beco e a rua. No segundo capítulo, iremos tratar do estudo diacrónico dos pátios privados e colectivos ao longo do tempo. No terceiro, mencionaremos os casos de estudo mais relevantes para a concretização do projecto, nomeadamente aqueles que fazem uma ponte entre os bairros sociais e o uso do pátio. No quarto e quinto capítulo, iremos respectivamente descrever o contexto social e a proposta de intervenção aplicado no Bairro do Barruncho. Por último, no sexto capítulo iremos descrever sucintamente de que forma é que o estudo teórico conduziu e foi importante para o projecto de intervenção.

## VII. Objectivos de trabalho

O objectivo principal deste trabalho é entender a relação entre a casa e o pátio comunitário. Para isso estão implícitos um conjunto de outros objectivos tais como:

- estudo diacrónico da casa pátio, e identificação de padrões espaciais no tempo;
- contextualização da área de Intervenção: o Bairro do Barruncho;
- estudo da relação da habitação e respectiva envolvente próxima, no Bairro do Barruncho; compreensão do uso e sentido do pátio no lugar;
- formação de uma estratégia projectual enquadrada na temática escolhida para esta dissertação e suportada em casos de estudos específicos para o efeito;
- adequabilidade das diferentes soluções de casa com pátio estudadas ao projecto;
- explicação das opções tomadas ao longo da componente prática, com base na componente teórica do projecto;

---

<sup>5</sup> ROSSI, Aldo - *A arquitectura da cidade*, Itália, 1966 - Versão consultada: *A arquitectura da cidade* - Lisboa: Edições Cosmo, 2001 - pág. 151.

<sup>6</sup> Idem, pág. 155.



Procura-se ao longo deste trabalho perceber de que forma é que o pátio se diversificou ao longo do tempo, qual a sua importância para a comunidade e de que forma é que esse conhecimento pode ser utilizado no projecto de intervenção para o Bairro do Barruncho.

## VIII. Estado de Conhecimentos

A presente tese incidirá na elaboração de um Plano de Pormenor de Reabilitação urbana para o Bairro do Barruncho, com cerca de 112.726,82 m<sup>2</sup>.

O Bairro do Barruncho pertence à freguesia da Póvoa de Santo Adrião, em Odivelas, e corresponde a uma situação de um bairro informal<sup>7</sup>. Assume uma estrutura morfológica e tipológica específica - nº de pisos habitualmente baixos - e é habitado por diferentes etnias (cabo-verdianos, portugueses e ciganos). A sua individualidade em relação a outras entidades informais, requer uma preocupação sistemática durante todas as fases do projecto de intervenção, na tentativa de mostrar na sua definição particular e a sua identidade formal e urbana<sup>8</sup>.

No que toca à evolução do sistema pátio, recorreremos aos livros *La Arquitectura del Patio* de Antón Capitel e em *Pátios: 5000 anos de evolução* de Werner Blaser. Quanto ao estudo da casa e da forma como esta funciona, é importante mencionar o sentido sociológico da habitação em *House, Form and Culture* (Rapoport) e a sistematização das formas de produção do espaço em *The social Logic of the space* (Bill Hillier e Jullienne Hanson). Para uma melhor compreensão de que forma é que o pátio foi utilizado no movimento moderno e movimentos posteriores, recorreremos a *Movimientos Modernos en Arquitectura* de Charles Jencks, à obra *Cruz e Ortiz* e, especificamente para Portugal, ao livro *Arquitectura em Portugal* (SECIL), à obra *Pátios em Lisboa - aldeias entre muros* de Ana Cristina Leite e João Francisco Vilhena, entre outros.

Ao longo da história, o pátio diversifica-se tal como de resto o fez a arquitectura em geral. Surge-nos o pátio comum, que permite a introspecção do sujeito, e o pátio colectivo, um espaço que agrega não só os edifícios envolventes mas também as pessoas dentro de uma esfera mais privada que a rua. Aquando a Revolução industrial, existiu um excesso de procura em relação à oferta de alojamento para a classe operária, classe esta que necessitava de uma morada perto do local de trabalho. Foram por isso construídas vilas, habitações de arrendamento por

---

<sup>7</sup> LADEIRA, Carolina Joana de Freitas - *Cidade Informal: a casa e os modos de habitar na Cova da Moura* - Lisboa: Publicação FA, 2010- pág. 9.

<sup>8</sup> "To get a individual adaptation which is essential for true belonging, we must have a process which allows the city to involve so that it reflects each individual in his and her individuality". - ALEXANDER, Christopher - *The Nature of order - A vision of a living world* . volume 3. California, Center Environmental Structure, 2002 - p.36.

vezes associadas a existentes, cujo objectivo principal era o lucro do proprietário<sup>9</sup>. Tanto Maria João Rodrigues em *Tradição, transição e mudança*, como Ana Cristina Leite em *Pátios de Lisboa - Aldeias entre muros*, demonstram que o contexto subjacente - nomeadamente a revolução industrial - influenciou directamente a forma de produção do espaço. As construções para os operários realizadas aquando a revolução industrial nos pátios das habitações existentes - as vilas - exemplificam hoje essa colectividade: foram realizadas nos "espaços sobranceiros" das casas dos proprietários da classe média, na maioria das vezes em torno de um pátio com sentido híbrido: mais privado que a rua e mais público que a casa<sup>10</sup>.

No que toca ao sentido do espaço, o pátio pode ser um centro ou um espaço de transição. Por um lado é um centro na medida em que se constitui enquanto ponto para o qual convergem e se constituem outros espaços. Por outro lado, o pátio pode ser considerado um espaço mediador, na medida em que representa a mudança de um espaço para um outro diferente ou ainda um gesto de preparo para outro lugar. Sendo um espaço colectivo, permite a passagem da cidade para a casa, espaço bem mais privado<sup>11</sup>. Efectivamente, todos estes lugares são servidores ou separadores dos adjacentes e nem por isso deixam de ser arquitectura, tão ou mais importante quanto os restantes uma vez que a real definição de um espaço passa pela sua relação com os restantes.

O trabalho cria por isso um enfoque no pátio, enquanto espaço simultaneamente colectivo e público. Gehl<sup>12</sup>, afirma que existem três grandes actividades que se desenvolvem nos espaços público - actividades necessárias, opcionais e sociais - e, em grande medida, é a forma como o mesmo é apto para o desenvolvimento destas actividades que conduz as pessoas a usarem o espaço. Desta forma, o pátio colectivo é qualificado enquanto tal, na medida em que tem em si um conjunto de características que permitem as pessoas o usarem enquanto determinado espaço. É então com base neste conjunto de informação que pretendemos realizar este trabalho e revelar a importância do pátio para a arquitectura e para a sociedade, enquanto elemento que une/separa, protege/defende e que constitui, de igual forma, um dos principais mecanismos operativos da habitação social.

---

<sup>9</sup> "Uma das características da vila, como na generalidade das construções construídas com fins lucrativos, é o aproveitamento máximo da área disponível. Daí a necessidade da concentração do espaço livre, inútil ou pouco lucrativo do ponto de vista do rendimento, por forma a construir o maior nº de fogos - também eles reduzidos a áreas ínfimas - numa dada parcela de terreno. " - Idem, pág. 284.

<sup>10</sup>De acordo com Nuno Teotónio Pereira (1995), o alojamento de operários deve-se à "necessidade de fornecer mão de obra junto aos locais de trabalho" e surgiu em meados do século XIX. A falta de habitação para classe operária na cidade de Lisboa, é renegada pelos governos da Regeneração. O operários vêm-se obrigados a ocupar espaços vazios tais como os pátios, as caves insalubres e as traseiras de habitações.

<sup>11</sup> " You can only reach shelter, the interior, by passing through them" - VAN EYCK, Aldo - *Aldo Van Eyck works* - Ed. Vcent Ligtelijn, Publicação Birkhauser, 1999 - pág. 11

<sup>12</sup> GEHL, Jan - *La humanización del espacio urbano*. Barcelona: Editorial Reverté, 2006 - pág. 19.

## 1. O pátio, a rua e o beco



Fig. 1 Pátios em Nussdorf, Viena.

(fonte: BLASER, Werner:1997, pág. 15 e 16)

A rua e o beco são usados pela população de uma forma muito próxima, em comunidades com grande proximidade.

Em Alfama, por exemplo, a função de circular, percorrer e andar na rua e no beco mistura-se com a função de pátio colectivo: viver, brincar e estar com os outros. A ambiguidade destas três formas de espaço - rua, beco e pátio - leva-nos por isso a aprofundar, em primeira instância, a relação e a distinção entre os mesmos espaços.

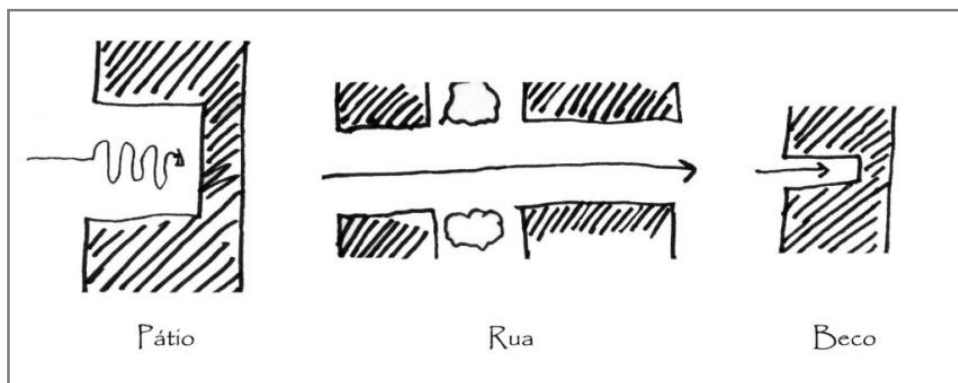


Fig. 2 Esquemas: pátio, rua e beco  
(exemplo de configurações)

### 1.1. Pátio

*"El hombre necesita de un espacio de paz y de recogimiento que le proteja del espacio exterior, hostil e desconocido, pero que, sin embargo, participe del día u de la noche, del sol y de la luna, del calor, del frio y de la lluvia. Este espacio, que está sometido al paso de los días y las estaciones, es decir, a las reglas que determinam la existencia, es el "patio".*<sup>13</sup>

Tipologicamente, a definição de pátio encontra-se bem definida. A leitura das suas variantes poderá no entanto conduzir a significados diferentes mas convergentes entre si. De acordo com alguns autores, o pátio é um:

- *"espaço interior aberto para o céu"*<sup>14</sup>
- *"terreno murado, anexo a um edifício. Recinto descoberto, no interior de um edifício ou rodeado por um edifício. Vestíbulo. Átrio. Grande saguão. (...) Nome que se dá aos antigos teatros: o pesado pano de Arrás correu para a representação. Fez-se no pátio um silêncio de Cartuxa. Julio Dantas, Pátria Portuguesa, 43 ( ep. cast. pátio)*<sup>15</sup>
- *"(The courtyard is an) outdoor space that has buildings, rooms or building elements around enough of its perimeter to give the space clear definition. (...) The shape of the courtyard is very often rectangular or square, although other shapes such as round may be found as well. Its size may vary from just a few meters in length ( as in small houses in Middle Eastern, north African and Japanese cities) to much larger spaces ( as in farmsteads of north Africa, collective dwellings of China, or urban caravanserais of Cairo)"*<sup>16</sup>

Sendo o pátio um *espaço sem tecto, aberto ao céu*<sup>17</sup> com dada dimensão e forma, este constitui um tipo de arquitectura baseado numa estrutura fulcral, geradora de outros espaços a ele dependentes. É um lugar que se pode assumir como parte interior de um conjunto

<sup>13</sup> BLASER, Werner - *Pátios, 5000 años de evolución desde la antigüedad hasta nuestros días*. Barcelona: ed. Gustavo Gilli, 1997 - pág. 7.

<sup>14</sup> PEVSNER, Nikolaus; FLEMING, Jonh; HONOUR, Hugh - *A dictionary of Architecture* - pub. Penguin Books Ltd., Harmondsworth, Middlesex, 1975 (versão consultada: *Dicionário de Arquitectura*. Madrid, Alianza Editorial, 1992).

<sup>15</sup> FIGUEIREDO, Cândido de - *Dicionário de Língua Portuguesa*. Amadora: Edições Bertrand 1976 - volume II, pág. 611.

<sup>16</sup> *Encyclopedia of vernacular architecture of the world, Volume 2 - Culture and Habitats*. Ed. Cambridge University Press 1998 - pág. 633.

<sup>17</sup> TOUSSAINT, Michel.

arquitectónico (e por isso privado), ou como espaço colectivo, detentora de uma qualidade agregadora dos espaços e, acima de tudo, das pessoas.

O primeiro caso é o que habitualmente se reconhece enquanto "pátio convencional". É um núcleo privado que estrutura um número mínimo de edifícios, por vezes confinado a uma sala sem tecto ou mesmo um vestíbulo descoberto, cuja função é estabelecer uma relação do interior privado para com o exterior também ele privado. É o caso da arquitectura japonesa, onde o pátio é o elemento essencial da habitação - um espaço de prolongamento de outro espaço que por vezes se dilui com os que lhe são contíguos. Em casos excepcionais como nos conventos e nos mosteiros, pode tomar a forma de claustro, associação de pátio central com uma arcada de circulação no interior de um dado edifício.

No segundo caso, onde o pátio é comum a mais do que um edifício, este torna-se num elemento que os une, chegando mesmo a tornar os dois edifícios num só. O pátio torna-se colectivo, por vezes aberto ao exterior, possibilitando aos moradores a existência de um espaço mais público que a casa e mais privado que a rua. Em última instância, a comunidade mesmo sem laços, torna-se numa família devido ao sentido de proximidade e vizinhança que a estrutura pátio potencia aos moradores. Em qualquer um dos casos, o pátio confere ao sujeito um sentido de protecção, pela existência de barreiras físicas que o conformam em relação ao que lhe é exterior, permitindo assim uma interioridade partilhada por todos os participantes. Essa interioridade é tanto mais forte quanto mais fechado for o pátio em relação a esse exterior<sup>18</sup>. (ex. através de portões, de muros, de portas, etc.).

Nas vilas operárias, o pátio colectivo chega a ser uma rua, com sentido de pátio (ex. Pátio Cabrinha). Isto porque, as dimensões exíguas das casas levam os moradores a usar a rua exterior comum como pátio colectivo. O que importa então, quando de fala de "pátio colectivo", não é somente a forma mas também a apropriação e o uso que se faz do espaço. O etnógrafo José Leite de Vasconcelos fala-nos sobre este sentido híbrido pátio - rua comum da vila operária: *"um pátio, na acepção do que se trata, (...) consiste fundamentalmente numa espécie de corredor lajeado ou térreo( rua pouco larga e pequena), ora em linha recta, ora em linha quebrada, para o qual deita, de um lado ou dos dois, uma fila de casas de andar baixo ( rés do chão) e às vezes também do primeiro ou mais andares, dispostos à maneira de celas de convento. O corredor, que forma no essencial o pátio, inicia-se à beira da via pública, onde*

---

<sup>18</sup> "(...) La integridad de cada espacio, la preservación de sus características ambientales espaciales y ciudadosamente especificadas dependen de los elementos físicos que suministran separación, asilación, acceso y paseje controlados de un dominio a otro." - ALEXANDER, Christopher, e outro - *Community and Privacy* - Publicação Buenos Aires, 1970 - pág. 229.

ostenta um número policial, como qualquer outro edifício, e onde pode ter um portal (de madeira, de ferro, ou de grade) (...)”<sup>19</sup>.

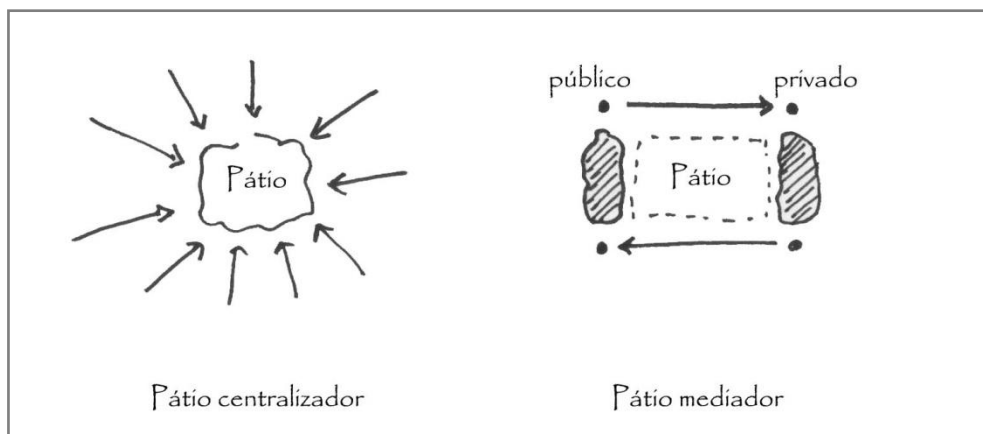


Fig. 3 Centralizar e mediar

O pátio é então centralizador, na medida em que agrega dois ou mais edifícios e se constituiu enquanto espaço nuclear. É simultaneamente mediador, na medida em que tem um papel de transição de um espaço para um outro espaço:

<i>rua - pátio - casa</i> (ex. habitação colectiva)	<i>rua - vestíbulo - casa</i> (ex. casa romana)
<i>rua - pátio - rua</i> (ex. praça)	<i>rua - pátio - edifício</i> (ex. pátios colectivos de Sevilha, Vila Borge)

<sup>19</sup> VASCONCELOS, José Leite de: 1959 - citado em: LEITE, Ana Cristina e VILHENA, João Francisco - *Pátios de Lisboa, Aldeias entre muros*. Lisboa: Gradiva, Novembro 1991 - pág. 5.

Muito próximo do pátio colectivo, encontram-se então o beco e a rua. Segundo Victor Figueiredo:

- a rua é "*um caminho ladeado por casas, paredes ou de árvores, numa povoação*"<sup>20</sup>
- o beco é uma "*rua estreita sem saída*"<sup>21</sup>

Quer isto dizer que, a rua é caracterizada pela linearidade, seja ela recta ou curva, e sua função é ir de um ponto (A) para o ponto (B). O beco, caracteriza-se pelo movimento que obriga ao retorno (Fig. 4) e o pátio por sua vez é mais do que um beco - em dimensão e intenção - permitindo por isso uma maior apropriação do espaço, seja o espaço o auge/ o momento final de uma rua, seja ele o elemento que a pontua uma rua aqui e ali ao longo de um percurso.

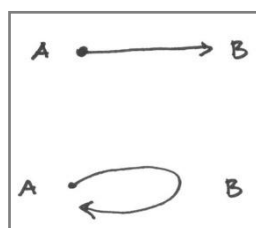


Fig. 4 Circulação na rua e no beco  
(cima - rua; baixo - beco)

Para concluir este capítulo, verificamos que de facto o pátio, a rua e o beco são diferentes na forma e dimensão. No entanto, caso a rua e o beco existam entre edifícios cujo o interior seja tão pequeno que obrigue os moradores a realizar no exterior as tarefas que habitualmente são realizadas em casa - ex. cortar batatas, fazer renda à beira da porta, brincar no exterior - ao sentido de acesso/ ligação destes espaços, é acrescido um sentido social muito próximo ao encontrado no pátio colectivo. A exiguidade da habitação, leva as pessoas a viver o exterior e a trata-lo como se da habitação se tratasse. Existe portanto, um prolongamento das vivências para o exterior que potencia a acumulação de funções no exterior de forma partilhada.

## 2. Pátio Privado e Pátio Colectivo

Para uma melhor compreensão desta temática, vamos primeiramente distinguir o pátio privado do pátio colectivo. São duas situações espacialmente distintas, sendo a segunda a de maior relevância para este trabalho.

<sup>20</sup> FIGUEIREDO, Cândido de - *Dicionário de Língua Portuguesa*. Amadora: Bertrand 1976 - volume II, pág. 917.

<sup>21</sup> Idem - volume I, pág. 387.

## 2.1. O pátio privado

Quando se fala em pátio na habitação, direccionamos as nossas atenções para a casa pátio: casa constituída por um pátio interior de carácter privado.

Ao longo do tempo, o pátio privado tomou sentidos específicos, em nome da cultura e cidade subjacente. Não basta então entender o espaço em si, mas sim as razões que levaram uma dada sociedade a adoptar aquele tipo de espaço e não outro.

Nuno Arenga refere que "*segundo Johannes Spalt, a origem da tipologia da casa com pátio remonta ao início da história da humanidade, os casos mais antigos conhecidos encontram-se na China e na Índia, e estão datados de 3000 a.c. Os palácios de Cnossos, em Creta, datam de 2000 a.c. (...)*"<sup>22</sup>. O mesmo autor defende que o pátio permanece intemporal, universal e ubíquo ao longo do tempo. Preconiza um paradigma de arquitectura de leitura ambígua porque o seu significado depende do lugar e do tempo em que foi criado. As suas origens estão na maioria das vezes relacionadas com o contexto (Europa), com o clima (zonas mediterrâneas), ou mesmo com uma intenção social. Por outro lado e segundo Amos Rapoport, a disposição do pátio - central, lateral, antecessor, posterior (Fig. 5) - depende do lugar e da cultura subjacente, o que origina uma hierarquização espacial específica para cada cultura<sup>23</sup>. O mesmo autor defende que a definição dos limites do espaço privado e publico advém da uma "necessidade de segurança"<sup>24</sup>, objectivo essencial das primeiras casas pátio mediterrâneas.

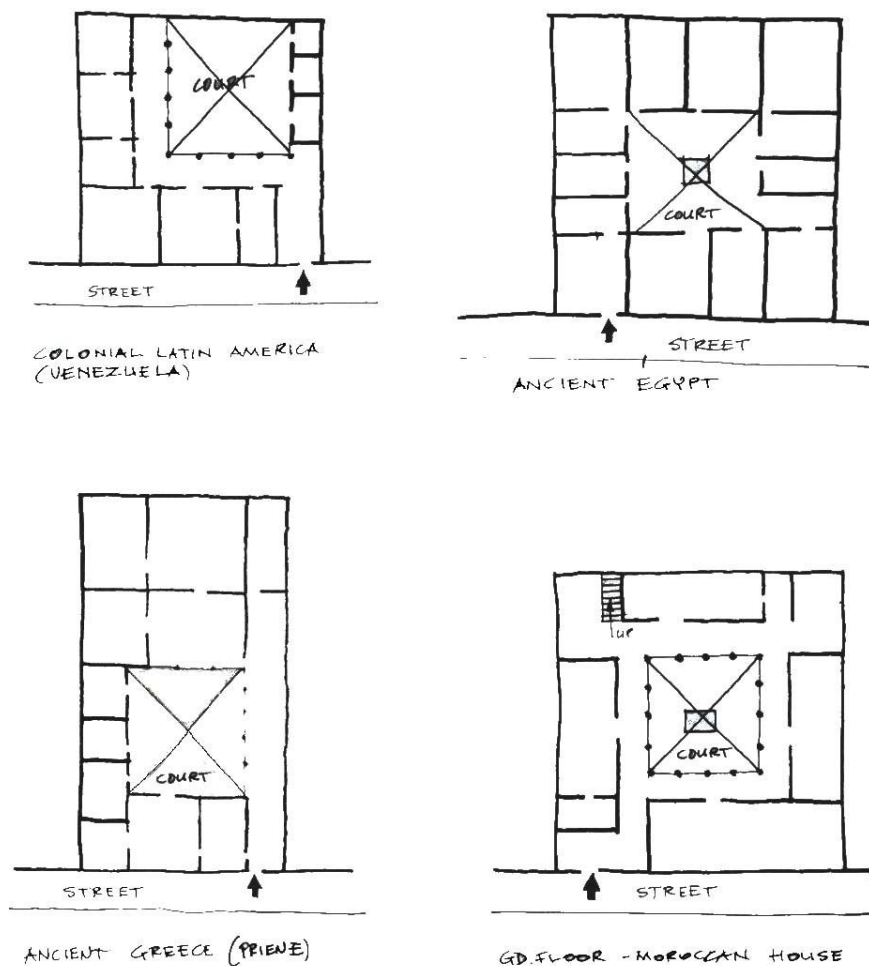
---

<sup>22</sup> REIS, Nuno Miguel Arenga - *O saguão na habitação urbana – o interior da casa em torno de um vazio vertical nuclear* - Lisboa: Publicação FA, 2009 - pág. 29.

<sup>23</sup> "The sanctity of the threshold is also probably related to this constant need to define territory, but the specific manner in which it is defined varies in different cultures and periods, and constitutes the element of change. (...)" - RAPOPORT, Amos - *House, form and culture* - ed. Foundations of Cultural Geography Series. Englewood Cliffs, 1969, pág. 80.

<sup>24</sup> "(...) This need for security may be one of the reasons why man has to define place, and Anglo-Saxon law, as well as other legal systems, recognizes this by protecting the home from intrusion, even permitting killing in its defense." - Idem, pág. 80.

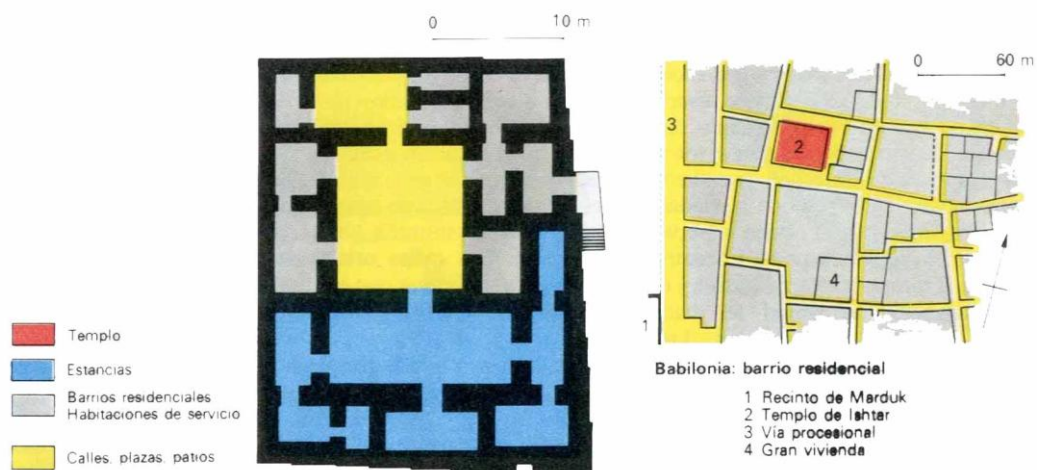




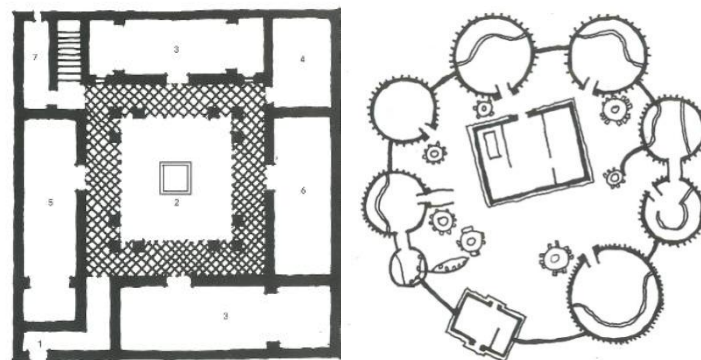
**Fig. 5 Tipos de casa pátio**  
(Fonte: RAPOPORT, Amos: 1969, pág. 82)

Em termos espaciais, o uso do pátio, permite mediar dois ou mais espaços, ou mesmo uni-los através do pátio como espaço central. Pode por isso ser considerado um espaço de prolongamento de outro espaço que permite um maior fornecimento de luz e ventilação para o interior. Dependendo de cada cultura, a sua forma pode ser rectilínea, circular ou mesmo irregular (Fig. 7).

Em termos temporais, a casa pátio existe desde sempre em todo o mundo. Começamos então por exemplificar os casos de Babilónia, Marrocos e Yaundé (Fig. 6 e 7). No primeiro e no segundo caso, a casa é de tradição mediterrânea. As fachadas principais dos edifícios são cegas e o pátio permite o arejamento dos espaços interiores. Este tem uma função defensiva e nuclear, pois todas as funções ligadas à casa e ao trabalho convergem para esse interior protegido - o pátio. No terceiro caso, a casa em Yaoundé de tradição africana exemplifica um pátio não convencional formado por um agrupamento de pequenos espaços circulares e separados. Embora de uma forma mais primitiva, o sentido defensivo repete-se.



**Fig. 6 Bairro residencial em Babilónia**  
(Fonte: MULLER, Werner e e outros: 1984 , pág. 88)



**Fig. 7 Aglomerados em forma de pátio comuns em Marrocos e Yaoundé**  
(fonte: Encyclopedia of vernacular architecture of the World, volume 2 , pág. 632 e 633)

### 2.1.1. O pátio privado ao longo do tempo

Iremos então descrever de que forma é que o pátio nos surge ao longo do tempo, com especial incidência nas seguintes tipologias desenvolvidas em épocas específicas:

- domus romana
- mosteiro medieval
- hôtel francês
- casa pátio no movimento moderno
- casa pátio na pós-modernidade
- casa pátio na pós-modernidade em Portugal

### -domus romana

Em Roma surgem-nos duas variantes da casa pátio: a *Domus* (casa pátio urbana) e a *Insulae*, casa de arrendamento urbana com um poço de ventilação. Segundo Ariès e Duby, a casa romana desenha "uma sucessão de espaços em torno de um amplo vazio, e combina a amplidão do conjunto com a possibilidade de retiro nos pequenos quartos, que através do espaço central transmitem a sensação de afastamento"<sup>25</sup>. Os vãos orientam-se para o interior e o pátio é visualmente inacessível do exterior, por forma a estimular a máxima privacidade dos utilizadores do espaço.

A *Domus*, de maior importância para este trabalho, sofreu influências da cultura grega e etrusca. Com um traçado inovador, é caracterizada pelo maior tratamento dos espaços e pela simetria entre as partes. O conjunto é pontuado por um ou dois pátios interiores: o *atrium* e o jardim. O *atrium*, o "oásis dentro de casa"<sup>26</sup> desempenha funções climáticas (ventilação, iluminação e recolha das águas das chuvas) e inicialmente não tinha *peristylum* - colunata que circunda o pátio. O sentido das águas converge para uma cisterna interior, através de uma abertura no telhado designada por *compluvium*<sup>27</sup> (Fig. 8). O jardim, por sua vez, é um espaço ainda mais privado e representa a Natureza num espaço geralmente exíguo.

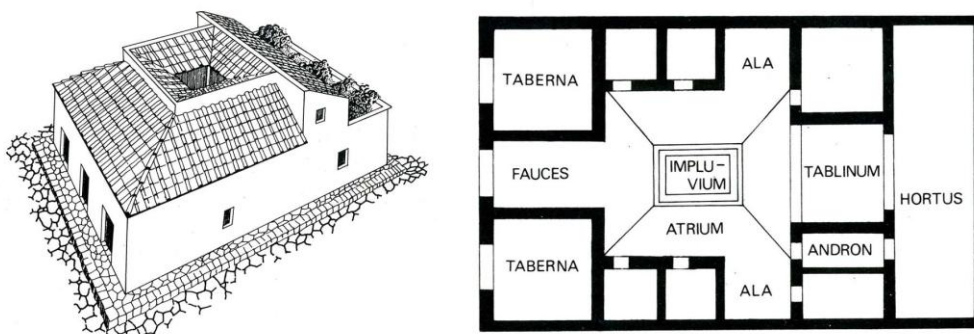


Fig. 8 *Domus romana*, Pompeia

séc III ou IV a.c. (fonte: ALARÇÃO, Jorge de : 1985, fig. 2 e 3)

<sup>25</sup> FERREIRA, Raquel de Almeida Dias - *A reintrodução do pátio como elemento estruturante na casa Contemporânea Japonesa em ambiente urbano*. Lisboa: Publicação IST, 2010 - pág. 9.

<sup>26</sup> Fletcher, et al.: 1996 - *A history of architecture* - citado em: Idem - pág. 10.

<sup>27</sup> "O átrio era o centro da casa, com o seu telhado de quatro águas convergindo para a abertura do compluvium. Três outros outros telhados agora com inclinação inversa, cobriam as tabernae da e os dois outros corpos laterais do atrium, onde se alojavam alae e cubícula (...)." - ALARÇÃO, Jorge de - *Introdução ao estudo da casa Romana* - Coimbra: Publicação Faculdade de Letras, 1985 - pág. 8.

### -mosteiro medieval

Na idade média, surgiram dois tipos de arquitectura importantes: a catedral e os mosteiros. Estes estão geralmente associados a um ou mais pátios interiores, rodeado por um claustro.

A composição formal destes conjuntos é rígida e concebida como um somatório de partes que se associam por justaposição, tornando-se elementos independentes pouco relacionados. A característica essencial deste tipo de pátio e do respectivo claustro é a interioridade do sujeito, a busca do conforto interior ou mesmo a paz do sujeito.

### -hôtel francês

Na arquitectura renascentista, é de destacar o uso do pátio nos edifícios de grande porte tais como os palácios e os edifícios religiosos. A publicação de tratados de arquitectura, e a prática do desenho, em muito contribuíram para um maior rigor da construção. Os palácios, em contraponto com a época anterior, destacam-se por uma maior harmonia entre partes e por uma maior proporção dos elementos. O antigo claustro destinado quase exclusivamente a fins monásticos dá lugar a um claustro residencial com ornamentação mais rica e menos provinciana. No entanto, o regularidade e a austeridade da composição continuam a marcar a forma dos edifícios que o compõem (Fig. 9).

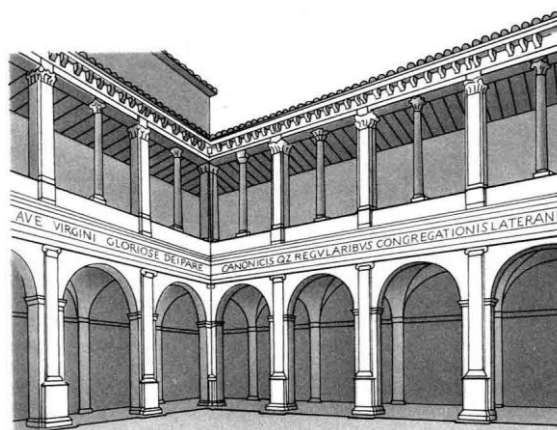


Fig. 9 Claustro de Santa Maria della Pace, Bramante, Roma

1504 (fonte: MULLER, Werner e outro: 1984, pág. 476)

Destaca-se deste período, o palácio urbano (*hôtel*), muitas vezes integrando um pátio. Segundo Antón Capitel, o *hôtel* trata-se de *"una construcción señorial de la tradición parisiana"*

(...)<sup>28</sup> ou mesmo " *una atractiva variante de cómo abtener orden en el desorden a través de la disposición en torno a pátios (...)*"<sup>29</sup>. O respectivo pátio, é marcado por uma maior concentração de luz e pela ausência de galerias, deixando de ser uma mero espaço de circulação interna, como no sistema claustral anterior, mas sim o protagonista e mediador da relação entre as ruas e os espaços interiores. Surgem aqui duas variante (Fig. 10 e 11): o palácio constituído por um pátio de entrada e o palácio constituído por um pátio associado a um jardim<sup>30</sup>. No primeiro caso, o pátio é um espaço que prepara e recebe as pessoas, enquanto que no segundo o pátio consagra o refúgio dos moradores do palácio enquanto elemento associado directamente a um jardim.



Fig. 10 Projecto de um palácio parisiense  
Jacques-Androuet du Cerceau  
(fonte: CAPITEL, Antón : 2005, pag. 158)



Fig. 11 Palácio Geraud-Torlonia, Roma  
Donato Bramante (fonte: CAPITEL,  
Antón : 2005, pág. 141)

### -casa pátio moderna

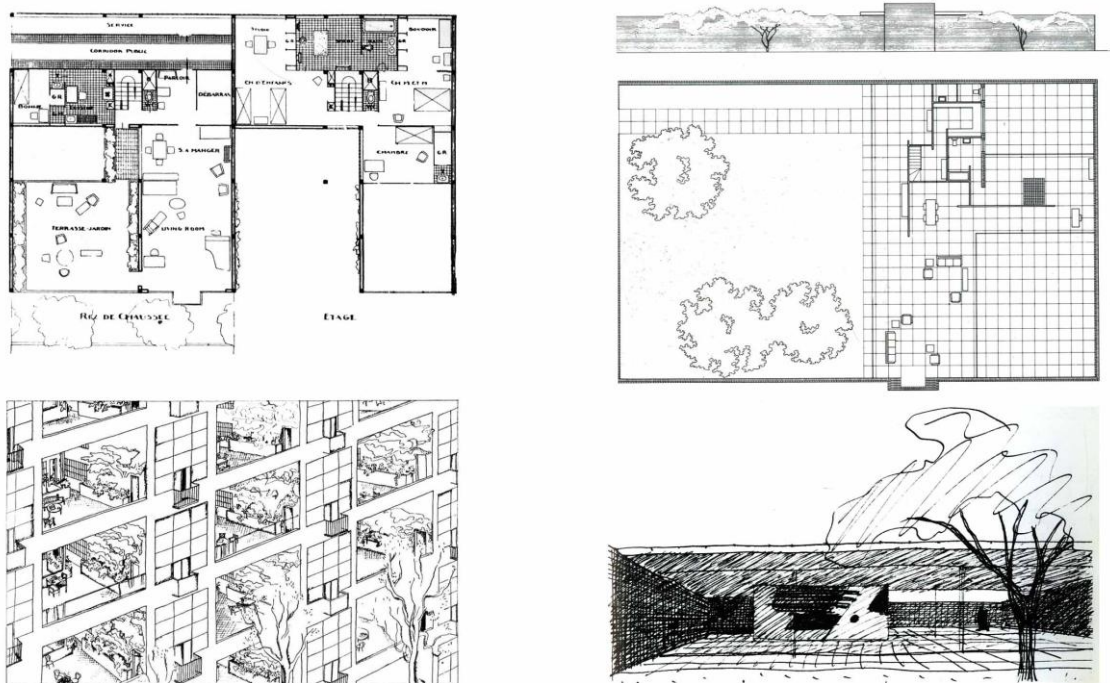
A fase da vanguarda do movimento moderno - liderado por Le Corbusier, Gropius e Mies Van Der Rohe - decorreu na primeira metade do século XX e rejeitou toda o ecletismo anterior.

<sup>28</sup>Idem, pág. 139.

<sup>29</sup>Idem, pág. 151.

<sup>30</sup> "A assunção do jardim como novo polo de orientação da casa vem alterar profundamente a distribuição do espaço doméstico e a hierarquização das relações interior - exterior. Os espaços considerados então os mais importantes da casa passam a orientar-se para o jardim. O pátio torna-se um filtro de relação com a rua, um espaço vestibular onde se expressa a ostentação social nos rituais aristocráticos e burgueses de chegada e de partida, mas também onde se instalam dependências de serviço da casa, cavalariças e estacionamento de carroças." - REIS, Nuno Miguel Arenga - *O saguão na habitação urbana – o interior da casa em torno de um vazio vertical nuclear*. Lisboa: Publicação FA, 2009 - pág. 50.

Na arquitectura, privilegia-se as formas simples sem ornamento e a importância da máquina, da indústria e das novas tecnologias produzidas aquando a Revolução Industrial. Procurou-se a clareza e a simplicidade das formas, formas estas resultantes de uma função implícita e justificada.<sup>31</sup> A partir de 1928, os CIAM<sup>32</sup> assumem uma importância fundamental para a teoria e produção da arquitectura. Nestes Congressos foram discutidas e comparadas experiências e reflexões de todo o mundo, o que conduziu à sistematização do processo e da forma de produção da Arquitectura.



**Fig. 12 Casa em altura e moradia: movimento Moderno**  
Esquerda: Inmuebles-villas, Corbusier, 1925(fonte: CAPITEL, Antón: 2005, pág.163); Direita: Casa Pátio, Mies Van Der Rohe, 1934 (fonte: BLASER, Werner: 1997, pág. 152, 153)

No caso da arquitectura doméstica, datam deste período a habitação em altura e, por outro lado, a moradia idílica refugiada da cidade (Fig. 12). No primeiro caso temos os *Inmuebles vilas* concebidos por Corbusier para a Exposição Internacional de Paris em 1925.

<sup>31</sup> "(...) El racionalismo no se consideraba reñido, sin embargo, con la arquitectura popular, como demostró la obra de le Corbusier y la propia de Sert, en las casas de Garraf, en la provincia de Barcelona. Lo Popular podía mezclarse con lo racionalista e practicarse aparte pues no se consideraba dentro de lo académico o de lo historicista, sino al contrario, una contaminada, y así afín al racionalismo y, en general a la revolución moderna". - CAPITEL, Antón - *La Arquitectura del pátio*. Barcelona: ed. Gustavo Gilli, 2005 - pág. 188.

<sup>32</sup> CIAM - Congresso Internacional da Arquitectura Moderna.



Tratou-se de um protótipo de habitação para o Plano *Voisin*<sup>33</sup> de dois pisos, com os espaços de estar e de serviço no primeiro piso, e os espaços de dormir no segundo piso. Antón Capitel reconhece-os enquanto "casa-pátio", pátio este que foi convertido em terraço dado à sobreposição das células em altura. No segundo caso, temos por exemplo a casa pátio de um piso projectada por Mies Van Der Rohe em 1934, no seio da natureza. A obra caracteriza-se pela simplicidade das formas e pelo uso do pátio enquanto elemento que conforma um espaço exterior privado, para o qual os espaços interiores se abrem através de grandes envidraçados. A continuidade visual entre os espaços interiores e cada pátio é por isso acrescida, mas a relação para com o envolvente é escassa.

Fundamentalmente a ideia de célula recriada em altura foi o expoente deste período<sup>34</sup>. Verifica-se que o pátio, enquanto base e parte integrante de um protótipo de uma célula de habitação, dá lugar a outros espaços de ligação com o exterior (terraço no caso dos *inmubles villa*). Apesar da permeabilidade das fachadas dada por grandes vãos, a característica essencial da habitação deste período é a introversão, quer na habitação colectiva em altura quer na moradia unifamiliar. Por um lado, a casa é vista como um objecto estanque, uma máquina concebida para ser apenas habitada por pessoas ideais. Por outro, a relação com a Natureza é muito fraca ou mesmo ausente, uma vez que o que se pretende é entender a complexidade da habitação e não da sua relação com o envolvente.

#### -casa pátio pós-moderna

A partir de meados do séc. XX, foi apresentada uma reacção crítica ao movimento moderno. Gradualmente, o tempo da pós-modernidade assume uma importância fundamental para a teoria da arquitectura. As condições sociais e políticas do séc. XX condicionaram a nova forma de pensar do movimento moderno. Apelou-se à importância da habitação, do ser humano<sup>35</sup> e à forma como este interage com o meio<sup>36</sup>, questões que estariam a ser esquecidas até então:

---

<sup>33</sup> O plano Voisin de 1925, foi uma proposta utópica de Le Corbusier para a reconstrução de Paris. O arquitecto pretendia eliminar grande parte da cidade histórica com excepção de alguns monumentos (Notre Dame e Prala Vendome) e construir novos edifícios, dotados de melhores condições higiénicas, segundo um traçado simples e ortogonal.

<sup>34</sup>"(...) Assim a maior contribuição do movimento moderno até à segunda guerra mundial, no campo da habitação social, foi a célula em altura (em antinomia de concepção com a casa unifamiliar)" - PORTAS, Nuno - *Conceito da casa em pátio como célula social* - in *Arquitectura* nº 64, 1959, pág. 32.

<sup>35</sup> "A visão da arquitectura revela novos paradigmas (...). Dá-se agora prioridade à continuidade histórica da identidade de cada lugar." - FERNANDES, Fátima e outro - *Guia da Arquitectura Moderna*. Porto: Edições ASA, 2002 - pág. 19.

<sup>36</sup> De notar que a tendência culturalista do Pós-Modernismo não foi geral. Alguns arquitectos como Richard Rogers, Renzo Piano, Philip Johnson levaram os princípios do Modernismo ao extremo no que toca ao uso de materiais industriais e na extravagância das formas.

*"(...) Gropius insistia en que valoraba más el conjunto de la estructura social que los principios abstractos del bien y del mal (...)"<sup>37</sup>*

*"En realidad esta nueva vía de pensamiento no era más que la antigua actitud, pero completada en base a nuevas categorías de la asociación humana, que no es de extranar que fuesen también cuatro: la urbe, la ciudad, el pueblo y la granja.(...)"<sup>38</sup>*

Existiu um confronto claro para com os princípios do movimento anterior. O lugar e as características do lugar ( tradição, cultura, pessoas) são tomadas em linha de conta, existindo por isso, uma maior sensibilidade, no desenho e na relação da obra com o envolvente, seja este social, natural/ urbano<sup>39</sup> ou económico. Segundo Jan Gehl, para além das funções de tráfego e de mercado, foi fortalecida a função de encontro e permanência no espaço público. O objectivo foi então dotar as cidades de qualidades e de estímulos para as pessoas<sup>40</sup>.

A casa em Muuratsalo (Fig. 13), a intervenção no Bairro Tosculano (Fig. 14) e o conjunto de casas pátio do arquitecto Y. C. Wong (Fig. 15) caracterizam este período.

O primeiro caso, é uma casa experimental implantada no seio da natureza, caracterizada por um pátio de entrada e construída com materiais rústicos numa ilha desabitada (na época). O segundo caso é uma intervenção realizada pelo arquitecto Adalberto Libera. Foi realizado em 1958 por iniciativa da INA-Casa<sup>41</sup> e recria o pátio entre duas habitações, pertencendo apenas a uma delas. O bairro é composto por uma praça central pontuada por um edifício constituído por pequenos apartamentos e lojas. Em seu redor, foram concebidas habitações do tipo casa pátio individual para famílias numerosas, cujo sistema de agregação resulta da reinterpretação da casa pátio tradicional. Por último as casas pátio do arquitecto Wong constituem uma solução com dupla entrada - uma principal outra secundária. Cada habitação possui um pátio privado - para o

---

<sup>37</sup>JENCKS, Charles - *Movimientos modernos en arquitectura*. Madrid, ed. Hermann Blume, 1983 - pág. 114

<sup>38</sup>Idem, pág. 305.

<sup>39</sup>"(...)However, the tide began to turn around the year 1970. Modernism began to be challenged and public debate took up the issues of urban quality and the conditions for life in the city, pollution and the car's rapid encroachment of urban streets and squares. Public space and public life were reintroduced as significant objects of architectural debate and treatment, among others. Public space architecture has been under constant development ever since and a very great number of new or renovated public spaces were created in the last in the quarter of the 20th century." - GEHL, Jan; GEMZOE, Lars - *New city spaces* - Copenhagen, pub. The Danish Architectural Press, 2003 - pág. 7.

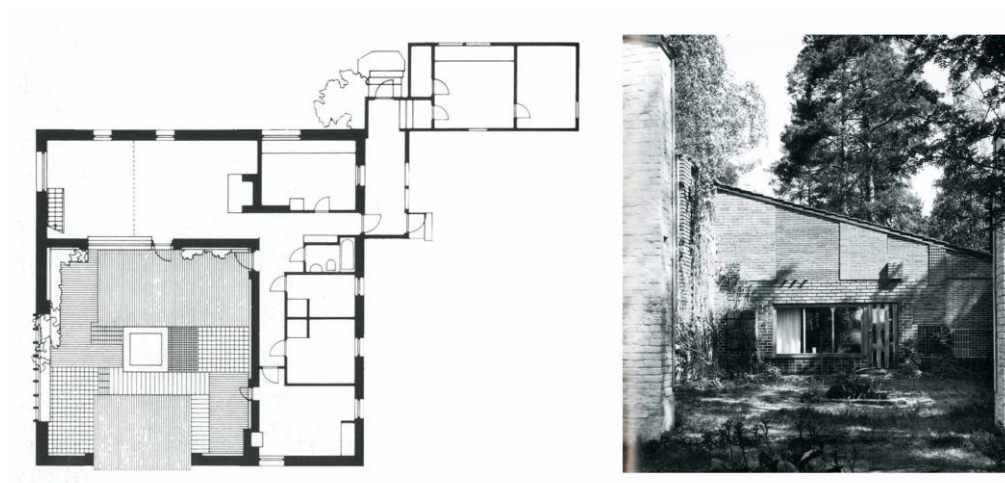
<sup>40</sup>"Así pues, las ciudades vivas - donde la gente puede interactuar - resultan siempre estimulantes porque son ricas en experiencias; a diferencia de las ciudades sin vida, que apenas pueden evitar ser pobres en experiencias y, por tanto, aburridas, por mucho coloridas y variedad formal que se introduzca en los edificios." - GEHL, Jan - *La humanización del espacio urbano*. Barcelona: Editorial Reverté, 2006 - pág. 29.

<sup>41</sup>O projecto INA-Casa (Plano Fanfari) foi um programa habitacional criado após a Segunda Guerra Mundial ao longo de catorze anos, com o intuito de conformar a periferia das cidades italianas. O programa ia contra à normalização e excesso de funcionalismo praticado até então pelo Estilo internacional, e apoiava a cultura das classes mais desfavorecidas.

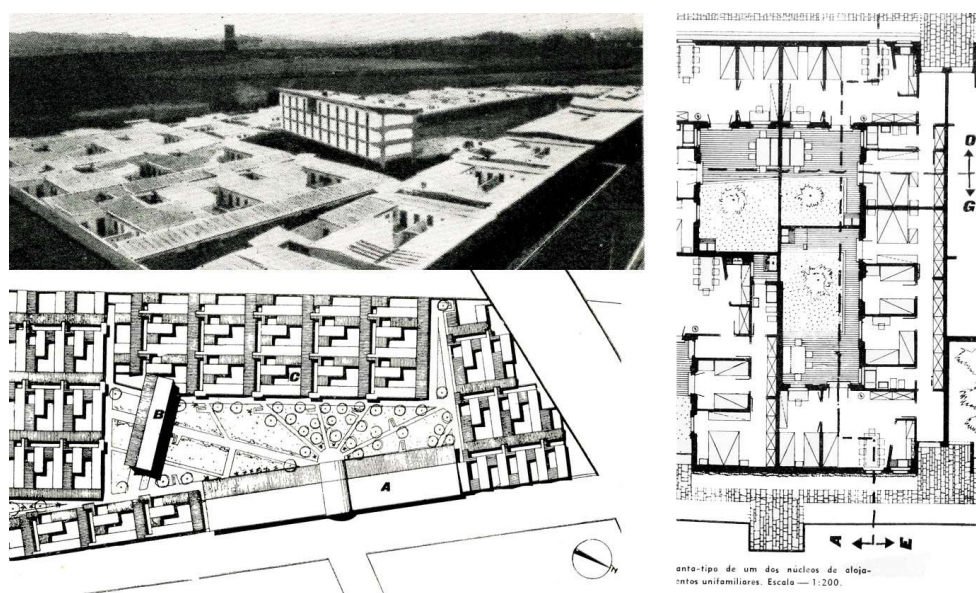


qual se dispõe os espaços de estar e dormir - e um acesso à rua-pátio nas traseiras, comum a todos os moradores (Fig. 15 - imagem).

As três soluções aqui apresentadas, sintetizam o uso do pátio neste período: casa com pátio de entrada, casa com pátio interior e casa com pátio interior associado a uma rua colectiva (Fig. 16). As pessoas deixam de ser consideradas como membros ideais de uma sociedade e passam a ser tratadas como pessoas autónomas, com cultura e contexto social específico. Verifica-se então que, o respeito pela natureza e a necessidade de conceber habitações enquanto proposta colectiva, são os grandes objectivos da arquitectura da segunda metade do século XX.



**Fig. 13 Casa em Muuratsalo, Alvar Aalto**  
1953 (fonte: BLASER, Werner: 1997, pág. 166)



**Fig. 14 Intervenção realizada numa parte do Bairro Toscolano, Roma**  
1954, Arq.º Adalberto Libera (fonte revista ARQ 64/ 1959, pág. 35 e 36)

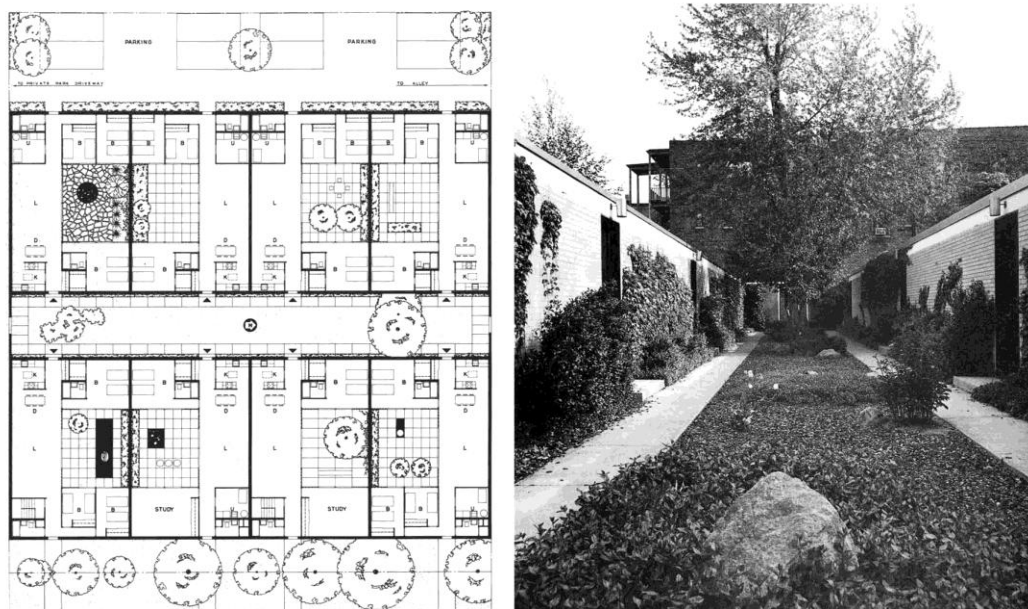


Fig. 15 Casas pátio, Chicago  
1967, Arq. Y. C. Wong (fonte: BLASER, Werner: 1997, pág. 172)

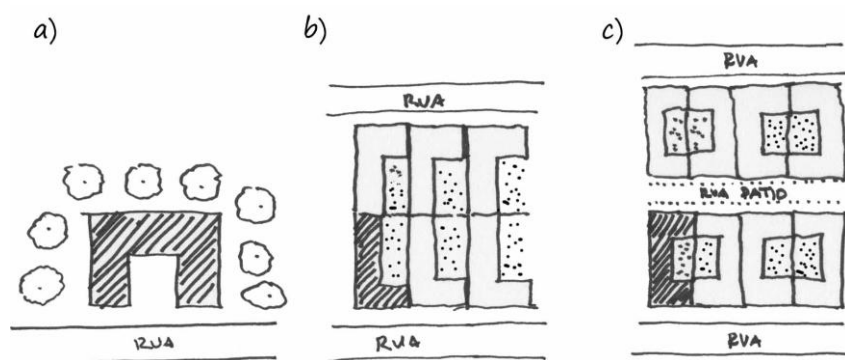


Fig. 16 Esquemas das referências de Muuratsalo, Roma e Chicago

### -casa pátio pós-moderna em Portugal

Em Portugal, o contexto social condicionou de forma profunda a arquitectura da segunda metade do século XX.

Nos anos 60, Nuno Portas defende a importância de estudar os reais intervenientes da arquitectura durante a concepção dos projectos: as pessoas<sup>42</sup>. Já não se tratava apenas estudar a

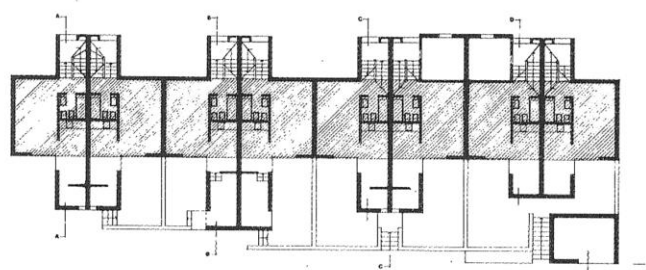
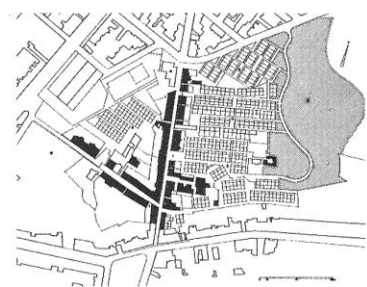
<sup>42</sup>“Hoje, os problemas que se põem ao arquitecto, ao urbanista, ao planificador, não se limitam a mostrar harmoniosamente elementos claramente definidos. As cidades tornam-se monstros, as crises de alojamento desorganizaram frequentemente toda a vida social. (...)Os homens em si mesmo, escapam-nos. Antes de os alojar, é preciso conhecê-los. (...)” - Paul - Henry Chombart de Lauwe, traduzido por Nuno Portas, *Arquitectura*, nº 68, 1960 - in AA.VV.- *O ser urbano nos caminhos de Nuno Portas*. Lisboa: Ed. Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2012 - pág. 189.

forma do edifício, mas sim as pessoas e a forma como estas interagem umas com as outras, com o espaço e com a natureza. Assiste-se por isso à necessidade de consolidar o existente e não apenas construir de raiz. As operações SAAL<sup>43</sup>, que iremos tratar mais à frente, foram de grande marco da arquitectura em Portugal, que reformularam por completo a relação entre o projecto, a construção, a habitação e as pessoas (Fig. 17). Para além destas operações, surge um conjunto de intervenções pontuais tais como o conjunto Somincor (1991, Fig. 18). O projecto foi concebido pela empresa com o mesmo nome em Castro Verde e resultou de um concurso restrito. É constituído por bandas de habitações com diferentes tipologias, cada uma delas com pátio privado. Por outro lado, e mais recentes, temos as casas pátio projectadas por Souto Moura (1994, Fig. 19), onde o arquitecto procurou respeitar a Natureza e optou pelo uso de materiais recentes. À semelhança das casas pátio de Berlim concebidas por Mies Van der Rohe, a solução é simples e contempla um jogo de luz directa e zenital em seu interior. Os três pátios interiores fortalecem o carácter intimista de cada habitação: o primeiro permite a transição da rua para a habitação, o segundo permite o fornecimento de luz para o interior enquanto que o terceiro, de maiores dimensões, corresponde à área de estar privada.

De seguida, iremos aprofundar o estudo das operações SAAL.

---

<sup>43</sup> SAAL - Serviço de Apoio Ambulatório Local



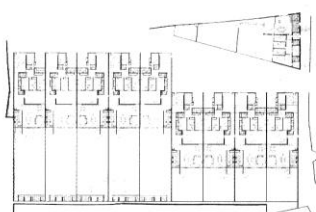
**Fig. 17 Operação SAAL nas Antas**

1974. Intervenção realizada por Pedro Ramalho. (Fonte: FERNANDES, Fátima e outro: 2002, pág. 190)



**Fig. 18 Conjunto habitacional Somincor**

1991. Arq.º Camilo Cortesão, Mercês Vieira, José Luís Gomes, Nuno Portas, José Manuel Soares e António Neves  
(Fonte: <http://www.mvcc.pt> )



**Fig. 19 Casa pátio, Matosinhos**

1994. Arq.º Eduardo Souto Moura (Fonte: planta - FERNANDES, Fátima e outro: 2002, pág. 244; imagem - <http://www.gop.pt>)

## 2.2. SAAL

Nos anos 60-70 deram-se passos importantes na arquitectura em Portugal.

Tudo começou, com o grande afluxo de população para as grandes cidades, com a falta de definição fundiária do terreno e com a produção da habitação em situações de emergências sem as mínimas condições:

*"Estes fenómenos, quase sempre associados a ocupações massivas, compulsivas e incontroláveis de grandes extensões de terras urbanas e suburbanas geravam, por um lado, uma dinâmica económica paralela em face da qual era tentador criar mecanismos de integração e, por outro lado, punha em causa pressupostos adquiridos de utilização e estatuto dos solos urbanos."*<sup>44</sup>

A situação repetia-se um pouco por todo o mundo: Arequipa (Peru), Caracas, Roma, Lyon, Paris, Rio de Janeiro entre outras. Segundo José António Bandeirinhas, sociólogos como Engels, Castels e John Turner foram fundamentais para a problematização desta situação, na busca de uma maior humanização da arquitectura realizada à margem da lei.

Turner<sup>45</sup> referentemente à América Latina, concluiu que a importância da habitação social reside no que esta provoca nas pessoas. O mesmo garante que a construção das habitações, só faz sentido caso o processo de construção seja participativo, ou seja quando os moradores têm uma última palavra em todo o processo de planeamento e construção.

Com o movimento dos retornados e das comunidades rurais para a cidade após o 25 de Abril de 1974, *"cerca de 25% da população do território continental estava alojada em habitações sem qualquer espécie de indicadores de segurança, conforto, salubridade e privacidade, ou seja, em edifícios degradados, em espaços sobrelotados, em ilhas, em barracas, enfim em casas sem qualquer tipo de condições de habitabilidade."*<sup>46</sup> À luz das novas preocupações da habitabilidade, as autarquias conduziram uma série de intervenções espalhadas pelo país com vista a melhorar as condições dos moradores e revitalizar os respectivos lugares.

---

<sup>44</sup> BANDEIRINHA, José António - *O processo SAAL e a Arquitectura no 25 de Abril de 1974*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 2007 - pág. 24.

<sup>45</sup> "(...) John Turner (...) achava que a própria dinâmica, entreajuda e racionalidade dos squatters latino-americanos pederia constituir uma lição e um ponto de partida para outras libertações, para outras emancipações não directamente envolvidas com a habitação. (...) " - Idem, pág. 46.

<sup>46</sup> Idem, pág. 64.

As operações SAAL - Serviço de Apoio e Ambulatório Local - foram um marco importante na habitação social em Portugal enquanto resposta ao problema vigente. Estas pretendiam apoiar as comunidades que viviam em situações precárias através de um processo participativo e activo para com as mesmas.<sup>47</sup>

Tiveram um forte impacto na arquitectura, na medida que constituíram uma reacção ao movimento Moderno e promoveram uma maior sustentabilidade do território nacional e um maior controlo entre as dinâmicas urbanas e suburbanas. Apelou-se à importância das Ciências Sociais enquanto suporte teórico da Arquitectura, à proximidade entre arquitectos e moradores e à sistematização da arquitectura enquanto processo. A arquitectura passou a comportar uma visão interdisciplinar, complementada por visões antropológicas e sociológicas do espaço, necessárias para o entendimento do individuo enquanto morador e participante na habitação social. Para o efeito, o trabalho em equipa entre moradores foi imprescindível e os laços culturais e sociais do(s) bairro(s) não foram esquecidos.

Foram apresentados os seguintes princípios<sup>48</sup>:

Princípios	Obs.
<b>organização social da procura</b>	-os moradores deveriam ter a iniciativa na procura de melhores formas de habitabilidade; era necessário vontade própria;
<b>possibilidade de continuar a viver no local</b>	-a expulsão dos moradores seria a última opção a ser tomada;
<b>autonomia na gestão do projecto e da obra</b>	-o auxílio, debate e opinião das BIL <sup>49</sup> convocadas pela autarquia foi importante na regulação das tarefas;
<b>incorporação de recursos próprios</b>	- o uso dos recursos do local promoveu a construção de habitações a custos controlados;
<b>descentralização da promoção habitacional</b>	-a distribuição equitativa das funções pelos técnicos e responsáveis pelo processo era importante;
<b>iniciativa experimental</b>	- as operações baseavam-se em tentativas de resposta a custos controlados e específicas para o local e para as pessoas;

<sup>47</sup> "Ao longo dos anos sessenta, vai assim ganhando consistência crítica um determinado entendimento de forma arquitectónica consequente com os sistemas comportamentais dos utilizadores - por vezes dos construtores e utilizadores - e veiculada pelas circunstâncias físicas do contexto. Esse entendimento, fortemente ancorado nos trilhos da sistematização estruturalista, tornava-se muito mais enérgico e motivador à medida que, do campo operativo da Arquitectura, se ia particularizando o tema da habitação e, mais ainda, quando o que estava em jogo era a questão da resolução dos problemas da crise habitacional." - Idem, pág. 24.

<sup>48</sup> Idem - pág. 121 e 122.

<sup>49</sup> BIL - Brigadas de Intervenção Local.

No campo da habitação, era necessário criar condições de procura de habitação para todos os interveniente e não somente na oferta. No âmbito do SAAL, foi criado um FFH<sup>50</sup> e respectivo Programa de Acções Prioritárias dirigido a quatro grupos<sup>51</sup>:

- população com capacidade normal na aquisição de habitação no mercado convencional;
- população com acesso a o mercado de renda limitada;
- população com acesso a fogos de rendas mínimas;
- população sem acesso ao mercado, com necessidades de apoio;

Grande parte das soluções passaram pela expropriação dos terrenos e respectiva consolidação do existente. Acima de tudo, apelou-se a um trabalho em equipa, entre arquitectos e moradores, na busca de uma arquitectura social conducente com a população. As equipas, brigadas de intervenção local (constituídas por arquitectos, moradores e autarquias), começavam por analisar a real situação dos bairros e a apontar os principais pontos de acção (infra-estruturas, construção de equipamentos de apoio, solo, edificado, entre outros). Todo o trabalho seria sujeito a um estratégia de intervenção de proximidade planeada e limitada consoante as condicionantes do local. Se possível, previa-se de partida a evolução da casa visto que o número de pessoas numa casa varia ao longo do tempo.

A intervenção da Bouça no Porto (Arqº Álvaro Siza) e a do Alto do Moinho (Arqº Francisco Silva Dias) são exemplos das operações SAAL, criados ao abrigo do Fundo de Fomento da Habitação (Fig. 20). As duas soluções são de média densidade (de um a três pisos), estando a primeira mais próxima do respectivo centro urbano que a segunda. A primeira dispõe-se ao longo de bandas rectas, à imagem das habitações operárias alemãs, enquanto que a segunda, como mais à frente iremos ver, dispõe-se ao longo de radiais centradas no antigo moinho do local.



Fig. 20 Bairro da Bouça e Bairro do Alto do Moinho respectivamente construídos em 2006 e 1976

<sup>50</sup> FFH - Fundo Fomento à Habitação.

<sup>51</sup> BANDEIRINHA, José António - *O processo SAAL e a Arquitectura no 25 de Abril de 1974*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 2007 - pág. 117.



O processo SAAL (1974-1976) conduziu assim a novas formas de pensar e agir na produção de arquitectura. Por acção do arquitectos, deu-se em todo o país de forma descentralizada e baseou-se na relação interdisciplinar da população e dos técnicos especializados para o efeito.

### 2.3. O pátio colectivo

O pátio colectivo na habitação, é corrente em edifícios primitivos, em equipamentos e na habitação colectiva. Foquemo-nos então em duas variantes da habitação colectiva recente: a habitação colectiva em altura com pátio comum (ex. habitação colectiva em Sevilha) e a habitação colectiva de menor densidade com um pátio comum (ex. vilas operárias de Lisboa). A primeira tem um carácter urbano e resulta da sobreposição de fogos enquanto que a segunda tem um carácter mais popular e decorre da associação horizontal das habitações em torno de um pátio (Fig. 21).

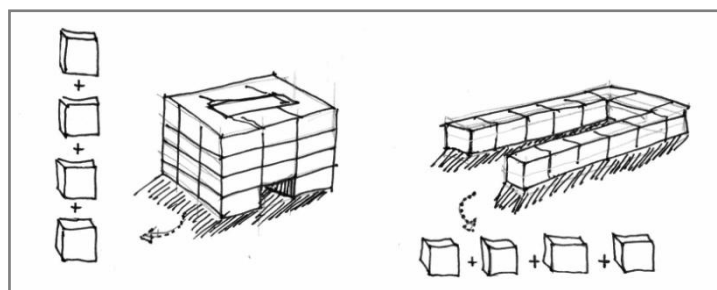


Fig. 21 Habitação colectiva urbano e popular

#### 2.3.1. O pátio colectivo de origem urbana

Como atrás foi mencionado, a arquitectura pós-moderna foi acompanhada pelas questões relacionadas com a cultura e património. Do excesso de idealismo anterior, passa-se a conceber arquitecturas para a realidade de cada lugar.

Em Sevilha, por exemplo, surgem diversas intervenções deste âmbito. Cruz e Ortiz, foram dois arquitectos que se destacaram após os anos 70 em Sevilha. O conjunto de vivendas na rua Dona Maria Coronel em Sevilha (Fig. 22), foi uma das primeiras obras desta dupla situada no centro histórico da cidade:

"(...) La casa de la calle María Coronel iba a convertirse en la prueba de que era posible hacer una arquitectura de interés aceptando los límites que imponía la más cruda realidad."<sup>52</sup>

<sup>52</sup> Cruz/ Ortiz - *Catalogo de Arquitectura Contemporanea*. Barcelona: Ed. Gustavo Gili, S. A., 1988 - pág. 6.



O pátio interior colectivo é o protagonista do conjunto e não apenas um espaço que fornece luz, nem tão pouco um espaço sobranete. Resultou de uma opção de projecto tendo em conta a irregularidade do solo e a complexidade do programa. A sua forma circular abraça todos os moradores em torno de um pátio comum de acesso às habitações, um espaço simples marcado pela verticalidade dos vãos e pela permeabilidade da estrutura do edifício (pois as escadas e a estrutura interior vê-se a partir do pátio). O pátio pode ser coberto por um toldo quando o sol é excessivo e as respectivas fachadas são revestidas a ladrilho de textura rugosa. Existe por isso um tratamento físico do espaço que potencia a intimidade e o conforto dos moradores.

*"(...) Aunque tal vez los arquitectos pensaban en ejemplos de la historia de la arquitectura tales como los hoteles parisinos, en los que el patio es capaz de hacer olvidar la irregularidad de los perimetros, con la casa de Maria Corinel, Cruz y Ortiz establecen contacto de nuevo con la vieja tradición de la casa de vecindad con patio, los bien conocidos corrales sevillanos"*<sup>53</sup>.

Por outro lado o projecto concebido pelos mesmos arquitectos na Rua Hombro de Piedra em Sevilha (Fig. 23) - um conjunto de três pisos com dois pátios interiores apropriáveis - revela preocupações semelhantes na transição da rua para as habitações. Os pátios são aqui essenciais não só para o acesso das pessoas ao edifício, mas também para o fornecimento de luz e para a integração dos diferentes apartamentos num espaço unitário.

*"La conciencia que los arquitectos tienen de que el patio es el elemento arquitectónico más adecuado para llenar a cabo la transición de lo público a lo privado, de la calle a la casa, y de que con él se potencian las relaciones entre las gentes que van a ocuparla, se manifiesta una vez mas en el proyecto de la casa de la calle Hombro de Piedra"*<sup>54</sup>

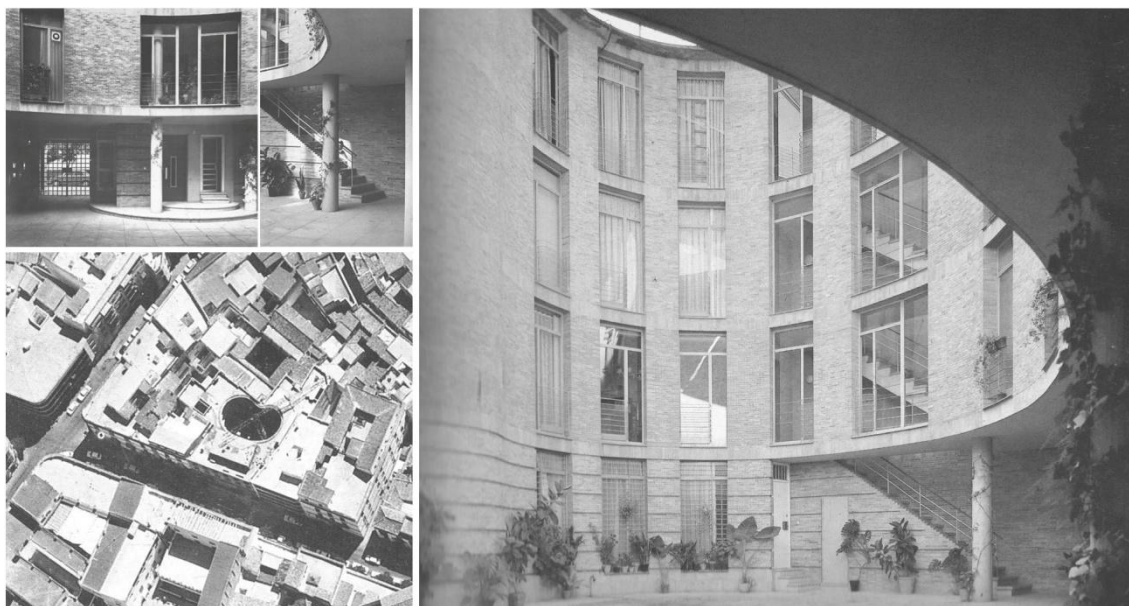
Verifica-se que o pátio colectivo pós-moderno introduz-se na arquitectura enquanto espaço fulcral de um conjunto de habitações. Fruto de um novo realismo crítico, a linguagem utilizada é simples e o processo criativo toma em conta as ligações importantes na criação de um projecto - a ligação público/ privado e exterior/ interior. A ligação público/ privado é marcada com espaços de transição enquanto que o exterior liga-se com o interior dos edifícios

---

<sup>53</sup> Idem, pág. 8.

<sup>54</sup> Idem, pág. 10.

através de grandes panos de vidro nas fachadas que, por sua vez, reflectem a estrutura interior dos mesmos.



**Fig. 22 Edifício na rua Dona Maria Coronel, Sevilha**  
1976, arq.º Cruz e Ortiz (fonte: Cruz/ Ortiz - Catalogo de Arquitectura Contemporanea. Barcelona, Ed. Gustavo Gili, S. A., 1988)



**Fig. 23 Conjunto habitacional na rua Hombre de Piedra, Sevilha**  
1985, arq.º Cruz e Ortiz (fonte: Cruz/ Ortiz - Catalogo de Arquitectura Contemporanea. Barcelona, Ed. Gustavo Gili, S. A., 1988)

### 2.3.2. O pátio colectivo de origem popular

No caso das habitações de origem popular nas cidades, as vilas operárias marcam o período Pós-Revolução Industrial como resposta a um problema habitacional.

As habitações recuperam a simplicidade das casas rurais, a relação de proximidade para com o exterior e reflectem um factor essencial para se viver em comunidade: a agregação da casa cujo elemento comum é um pátio de dimensão colectiva.

*"Fachadas tristes com portas e janelas de moldura simples, algumas ainda de madeira, sem grandes desenhos ou elementos decorativos. Arquitecturas pobres, lembrando serem os pátios obras de cariz popular"*<sup>55</sup>



Fig. 24 Pátio do Barbosa, Graça

A cidade de Lisboa sofreu alterações ao longo do tempo. Grande parte dos pátios que ainda existem, têm data posterior ao terramoto de 1755. Mais tarde, em meados do século XIX, no decorrer da Revolução Industrial e com a extinção das ordens religiosas, alguns dos edifícios conventuais devolutos, quintais e pátios, readaptaram as suas funções.

*"Os Pátios distribuem-se por toda a extensão da cidade, com maior concentração nos bairros antigos e nas zonas periféricas (Ameixoeira, Olivais, Chelas, Lumiar, Charneca, Benfica), abrangendo também as novas áreas de implantação industrial (Alcântara, Marvila e Beato). A localização dos pátios está relacionada com a existência de zonas industriais, e certamente ainda, com o porto de Lisboa."*<sup>56</sup>

<sup>55</sup> LEITE, Ana Cristina e VILHENA, João Francisco - *Pátios de Lisboa, Aldeias entre muros*. Lisboa: Gradiva, 1991 - pág. 44.

<sup>56</sup> DUARTE, Daniel Filipe Folgado - *A habitação em torno de um vazio nuclear: principais de reabilitação do Alto da Cova da Moura*. Lisboa: Publicação FA, 2010 - pág. 44.

Com a Revolução Industrial, o trabalho e a própria socialização passa a ser realizada fora de casa. Lisboa encontrava-se em crescimento económico e era necessário criar novas formas de alojamentos para os trabalhadores oriundos das comunidades rurais.

Os principais núcleos de industrialização situavam-se na zona ribeirinha da cidade ocidental (Alcântara), oriental (Beato, Xabregas e Chelas) e ao longo da estrada da Circunvalação de 1882<sup>57</sup> (de Prazeres a Campolide, Graça, Penhas de França e Santa Apolónia). Na década de 80, são lançados programas de expansão urbana e com estes nascem os Bairro Campo de Ourique, D. Estefânia, Calvário, Estrela d'Ouro e Mandela. Inicialmente destinavam-se à classe operária, mas rapidamente foram tomados pela burguesia, sedenta de lucro e ostentação.

Lisboa era assim uma cidade com população heterogénea, rival e de ricos e pobres. Grande parte da sociedade alta mudou-se para fora dos limites da cidade (excepções: Lapa, Avenidas Novas, entre outras) enquanto que o operariado ficava estrategicamente alojado bem perto das unidades fabris, por vezes nos pisos inferiores e nas traseiras dos edifícios dos proprietários. Por um lado existiam os burgueses que lucravam com os prédios de arrendamento e que tinham o apoio estatal para a construção de infra-estruturas, por outro os operários sem acesso à habitação de baixo custo e com apoios fiscais rudimentares.

Lisboa tornou-se numa cidade sem unidade, feita de remendos e de soluções pontuais. Com o aumento demográfico, a população operária oriunda de comunidades rurais, vê-se obrigada a alojar-se nas zonas antigas da cidade ou mesmos em locais realizados com o propósito de os albergar perto dos locais de trabalho<sup>58</sup> (centro, periferia e a norte da cidade de Lisboa). De início a iniciativa partiu dos proprietários das fábricas e mais tarde, e com vista a obter novas formas de rendimento, dos investidores privados<sup>59</sup>. Apesar da simplicidade e das condições, as vilas tornaram-se até hoje uma boa fonte de rendimento.

Quanto às tipologias associadas, as três formas de habitação operária foram então: a construção nas traseiras dos edifícios (por norma associado ao pátio já existente) a vila e, mais tarde, o Bairro Social<sup>60</sup>. A construção nas traseiras é um tipo de ocupação residual realizado por acréscimo, na sua maioria associado a condições mínimas e insalubres, cujo o destinatário era o

---

<sup>57</sup>PINTO, Sónia Cristina Ildefonso - Vilas operárias em Lisboa. *Emergência de novos modos de habitar. O caso da vila Berta*. Lisboa: Publicação IST, 2008 - pág. 9.

<sup>58</sup> "Estas populações têm como motivo de existência, a partir do fim da década de 60, a localização progressiva das fábricas. O trabalhador ou aquele que dele depende tende a habitar, na generalidade, próximo do seu local de trabalho, primeiro nos bairros antigos vizinhos, logo improvisando habitações (...)" - RODRIGUES, Maria João Madeira - *Tradição, transição e mudança* - Publicação Lisboa 1979 - pág. 38.

<sup>59</sup> A iniciativa privada ou especulativa das vilas partia de investidores endinheirados, com vista a obtenção de lucro e de um bom investimento. Não se tratava apenas de construir habitações para os mais necessitados, mas sim lucrar com a sua presença na cidade (morada em troca de uma renda).

<sup>60</sup>Segundo os ensaios de Nuno Teotónio Pereira (1978/79) e por Maria João Madeira Rodrigues (1979).

povo, alvo de estigma social<sup>61</sup>. A vila, por sua vez, é uma construção de maior rigor e o bairro decorre de um traçado e planeamento prévio e com um sentido de conjunto acrescido.

O Inquérito Industrial de 1881 veio pôr em alerta alguns problemas destas habitações. Verificou-se que estas construções não tinham condições mínimas de higiene, e por isso colocou-se em marcha um conjunto de novas soluções, com um novo rigor de concepção e de integração com o envolvente: as vilas. Esta constitui *"a reestruturação planeada dos sistemas de inserção urbana e principalmente dos sistemas funcionais de habitabilidade. Traduzem a arquitectura de habitação baseada no conceito social de viver em comunidade dentro de um espaço delimitado (e privado)."*<sup>62</sup> Em relação às construções anteriores (construção nas traseiras), possuem um maior rigor na concepção, de integração com o plano existente, uma vez que não se constituem por acréscimo ou por preenchimento de espaços devolutos mas sim de raiz e fruto de uma ideia de conjunto.

Tal como no resto de Europa, as vilas foram construídas em resposta à falta de habitação para o operariado, nomeadamente os trabalhadores das fábricas. São por isso as primeiras experiências de habitação social<sup>63</sup> que reflectem o viver no espaço mínimo, com um elemento exterior e partilhado de ligação: a rua, o beco ou o pátio. Manuel Teixeira clarifica as diferenças entre ilha e vila e afirma que as origens destes aglomerados urbanos encontram-se *"quer na adopção de tipos de habitação pré-industriais e rurais, quer na adaptação das formas de habitação da classe média. A forma das ilhas foi fruto das atitudes racionais dos seus construtores, mais do que produto da tradição"*<sup>64</sup>. Quer isto dizer, que as vilas nasceram não só das condicionantes históricas subjacentes em Lisboa - a Revolução Industrial - mas também das intenções e da memórias da população rural que emigrou no séc. XIX para Lisboa. Daí o reportório formal da arquitectura popular que se identifica nestes aglomerados urbanos.

---

<sup>61</sup> "Pequenos guetos dentro da cidade, onde se pretendiam que as pessoas vivessem isoladas, deslocando-se apenas da casa para a fábrica e desta para o clube ou sociedade de recreio, estabelecendo relações de vizinhança quase sempre na base do trabalho comum que a todos unia no mesmo esforço" (Alice Vieira, 1993) - PINTO, Sónia Cristina Ildefonso - *Vilas operárias em Lisboa. Emergência de novos modos de habitar. O caso da vila Berta*. Lisboa: Publicação IST, 2008 - pág. 13.

<sup>62</sup> ANTUNES, Filipa Alexandra Gomes da Silva Oliveira - *Habitação operária*. Lisboa: Publicação FA, 2002 - pág. 77

<sup>63</sup> "As vilas surgem assim como unidades concebidas de raiz, denotando preocupações de socialização do espaço disponível, onde se pode de algum modo, vislumbrar o esboço do que vieram a ser as primeiras experiências de habitação social." - AA.VV. - *Roteiro Cultural dos pátios e vilas da sétima colina*. Lisboa: Editora Contexto, 1994 - pág. 21.

<sup>64</sup> TEIXEIRA, Manuel - *Habitação Popular na cidade oitocentista. As ilhas do Porto*. Lisboa: Edições Fundação Calouste Gulbenkian, 1996 - pág. 77.

Quanto à composição, as vilas apresentam módulos simples e económicos, geralmente de carácter popular e passíveis de replicação em banda ou em pátio caso seja necessário<sup>65</sup>. Maria Rodrigues, afirma que estas *"representavam com originalidade a mediação entre uma habitação rústica e uma habitação urbana e a autonomia de que dispõem, permite o seu emprego com alterações pontuais, constituindo deste modo, um tipo"*<sup>66</sup>.



Fig. 25 Ilhas do Porto

( Foto de Lucília Monteiro, in <http://visao.sapo.pt/viver-numa-ilha-no-centro-do-porto>)

Um caso semelhante no resto de Europa, é o *cottage system* em Inglaterra. O "cottage system" - trata-se de um sistema que responde à falta de habitações para os operários através da construção de casernas que são alugadas pelos empregados ao patrão. Este sistema, aparentemente, inocente, permite ao industrial, por um lado, realizar maior lucro à custa de cada operário (uma vez que parte do ordenado regressa ao bolso ou nem chega a sair) e, por outro lado, colocar este numa posição de forte dependência."<sup>67</sup>

Na realidade, as vilas são aglomerados urbanos por norma em banda, de fixação barata e por vezes de carácter esporádico construídas atrás dos edifícios existentes<sup>68</sup>. Uma boa parte destas construções foram realizadas nos anexos ou nos pátios das casas dos burgueses pelos próprios trabalhadores sob iniciativa privada. Afirma Maria João Madeira Rodrigues que "o

<sup>65</sup> "Estas construção, ritmada por módulos simples, organizada em volumes compactos, altamente especializada quanto a função, e destinando-se a habitação colectiva é, no vocabulário corrente, designada por vila (...) Tratam-se também, em princípio, de uma adaptação lógica do modelo pátio e distingue-se desta pela sua especialização (...)" - RODRIGUES, Maria João Madeira - *Tradição, transição e mudança*. Publicação Lisboa, 1979- pág. 40.

<sup>66</sup> Idem, pág. 41.

<sup>67</sup> ENGELS, Friedrich *"The condition of the class in England"* Oxford University Press 1993, pág. 18 - citação retirada de: ANTUNES, Filipa Alexandra Gomes da Silva Oliveira - *Habitação operária*. Lisboa: Publicação FA, 2002 - pág. 18.

<sup>68</sup> Leite Vasconcelos afirma que "a vila no uso actual, de origem italiana, que se quis adoptar, tem o sentido de casa avulsas, independente, e cercada de um quintalório ou jardim." - LEITE, Ana Cristina e VILHENA, João Francisco - *Pátios de Lisboa, Aldeias entre muros* - Lisboa: Gradiva, 1991 - pág. 27, 3º parágrafo (citação de *Páginas Olisiponenses*, Lisboa, 1959, pág. 195).

*maior problema que acarreta esta fixação sem regra, é a proliferação de uma estrutura já existente, que se tornará, numa primeira fase, o modo mais frequente, de alojamento do trabalhador - o pátio. O pátio é constituído por um espaço murado ou envolvido por casas de habitação e agrupa, geralmente em volta de um terraço, um conjunto de casas pobres. É um modo primário de articulação entendida como abrigo e por vezes sem as mínimas condições de habitabilidade. Estas condições irão degradar-se e ser prejudicadas por uma densificação (...)*<sup>69</sup>. A vila operária por outro lado, é uma intervenção importante na cidade, porque foi a primeira experiência na cidade de Lisboa para o alojamento social das classes mais desfavorecidas. No século XX seguiram-se outras intervenções por iniciativa do Estado, realizadas de forma a compilar num mesmo local diversos estratos sociais, tais como o Bairro da Ajuda, Arco do Cego, Alvalade e Olivais.

Em 1994, a Direcção Municipal de Reabilitação Urbana efectua um levantamento de cerca de uma centena de vilas com vista a sua reabilitação. A crítica fundamental que se levantou foi a falta de salubridade das habitações pela ausência de infra-estruturas básicas. Ao abrigo do programa RECRIA patrocinado pela CML, foram estabelecidos diversos planos de recuperação (Vila Grandela), de demolição ou mesmo de transformação dos imóveis (Vila Bagatela).

Por razões inerentes ao próprio contexto social e urbano, foram construídas vilas com características distintas. No capítulo dos casos de estudos, aprofundaremos então as suas variantes tipológicas.

## **2.4. Função do pátio colectivo**

Herman Hertzberger diz-nos que: "*A primeira consideração de importância decisiva ao se projectar um espaço é determinar para que ele servirá ou não servirá, e consequentemente, qual será o seu tamanho adequado. A primeira e mais óbvia decisão é: quanto maior for o espaço, mais possibilidade ele oferecerá. Isto implicaria simplesmente fazer tudo tão grande quanto possível. (...)*Actividade e usos diferentes exigem dimensões espaciais diferentes. (...)"<sup>70</sup>. Em termos espaciais, a função deriva da classificação tipológica das actividades humanas, da mesma forma que a dimensão decorre da função e da intenção de jogar com as matérias existentes para produzir o espaço, o que implica desde logo saber qual a capacidade máxima e mínima do espaço. A forma do espaço, deve então seguir a função em prol das necessidades humanas, uma vez que a arquitectura delas deve decorrer.

---

<sup>69</sup>RODRIGUES, Maria João Madeira - *Tradição, transição e mudança* - Publicação Lisboa 1979 - pág. 38.

<sup>70</sup>HERTZBERGER, Herman - *Lessons for students in architecture* - Amesterdão, Uitgeverij Publishers, 1991 - versão consultada: *Lições de Arquitectura*. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1999 - pág. 190.

Com isto, qual é então a função do pátio? Será um espaço servidor entre a rua e a casa, ou pelo contrário, um espaço servido por todos os que nele participam? Digamos que, as duas hipóteses são válidas. O pátio comunitário, é um espaço humanizado que fortalece os laços sociais e é um intermediário entre a rua e a casa. No que toca à casa-pátio, Nuno Portas, afirma que "*fundamentalmente, o pátio não constitui um apêndice da casa, mas sim o princípio da sua estrutura e organização (...)*"<sup>71</sup>. A afirmação aplica-se de igual forma para o pátio comunitário, que além de servir e ser servidor dos espaços associados deve estar implícito na estruturação dos mesmos. O mesmo autor reforça o carácter de prolongamento da casa:

*"(...) os habitantes por excelência dos espaços próximos do habitat são as crianças. O ambiente natural é-lhes fundamental para o equilíbrio espiritual e a saúde, e, em consequência, para o espírito e os nervos da mãe que numa casa dificilmente as poderá suportar sem interrupções. Uns cuidados arredores da casa - onde as crianças possam estar livres e em segurança (...)"*<sup>72</sup>

Quer isto dizer que a função do pátio colectivo é ligar espaços, ser o cerne estruturante do espaço, sendo que o objectivo essencial é promover a socialização e a interacção/permeabilidade entre a casa com o exterior semi-privado ou com o interior próximo.

## **2.5. Mudanças e permanências**

O pátio privado e o pátio colectivo têm sentidos distintos. Um permite a interioridade, o outro a partilha.

Ao longo do tempo, verifica-se melhorias na relação entre o pátio e os espaços que o conformam. Cada espaço deixa de ser um elemento formado por acréscimo e passa a assumir uma relação de dependência para com os restantes, constituindo um sistema de organização espacial íntegro. No que toca às diferenças entre estes dois tipos de pátio é de realçar que o primeiro, oferece aos moradores uma privacidade acrescida, enquanto que o segundo, por sua vez, resulta da intenção de economizar o espaço e ao mesmo tempo maximizar a partilha de vivências entre várias famílias nas imediações da sua habitação.

Ainda antes do terramoto, grande parte dos pátios colectivos de Lisboa eram palcos de representação e divertimento:

---

<sup>71</sup> PORTAS, Nuno - *A habitação Social. Proposta para a metodologia da sua arquitectura*. Porto: Publicação FAUP, 2004 - pág. 171.

<sup>72</sup>Idem, pág. 173.



*"Aqui sobressaíam as farsas os costumes e os diálogos de janela que vinham do teatro quinhentista. Este hábito vindo do século XVI, haveria de perdurar, pelo menos, até vésperas do terramoto de 1755".<sup>73</sup>*

Actualmente, na grande maioria das vilas não são realizados eventos tais como outrora. As pessoas vivem o dia a dia, as crianças brincam no espaço enquanto as mães colocam a conversa em dia. As festas, os teatros, o convívio com os de fora são raros e pouco apetecíveis por parte dos moradores, agora já envelhecidos ou desinteressados deste tipo de rituais. O aluguer das casas que constituem a vila é uma predominância e a proximidade dos moradores é por vezes superficial.

Em muitos casos, as vilas refugiam-se da cidade, imprimindo deste modo um sentido de privacidade acrescida (Fig. 26, Fig. 27). Porém esta distinção é ambígua porque uma vila é simultaneamente colectiva e privada (é composta por várias famílias, famílias estas que se privatizam do núcleo urbano da cidade). A porta, o portão, a passagem em túnel por entre edifícios são elementos marcantes entre a cidade e a vila<sup>74</sup>, exercendo por isso a função de barreira, de "filtro de passagem" de um lugar público para um lugar mais privado, ainda que colectivo.



**Fig. 26 Vila Borga, Campolide**

(foto tirada pela autora em 8/ 05/ 13)

<sup>73</sup> LEITE, Ana Cristina e VILHENA, João Francisco - *Pátios de Lisboa, Aldeias entre muros*. Lisboa: Gradiva, 1991 - pág. 32.

<sup>74</sup> "Os casos mais frequentes dizem respeito precisamente a esta forma de ocupação. Quando no interior dos lotes existem casas construídas em torno de um pátio, cujo acesso passa pela abertura de um túnel de serventia no edifício de frente urbana, geralmente pertencente ao proprietário e dono da fábrica, que desta forma exercia o controlo sobre os seus empregados. Assim, na maioria dos casos a relação urbana estabelecida entre a forma de alojamento operário e a estrutura da cidade, foi completamente arredada dos traçados directos dependendo muitas vezes de um único elo de ligação chamado passagem de serventia - a passagem para um espaço semi-privado à margem da urbanidade." - Idem, pág. 140.



**Fig. 27 Pátio colectivo em Lisboa**

Rua Augusto Rosa, Lisboa (foto tiradas nos Santos de 2013). O pátio é colectivo no número de famílias que serve e privado no acesso (existe um portão de acesso)

### **3. Casos de estudo**

Para além dos que já foram aqui pontualmente apontados, os casos de estudo escolhidos para esta dissertação têm em vista o contexto precário similar ao Bairro do Barruncho e a forma como o pátio colectivo é importante na passagem entre a rua e a habitação.

Para o efeito, escolhemos o conjunto de vilas operárias lisboetas com maior interesse para o estudo, o bairro do Alto dos Moinhos em Alfragide e a intervenção realizada para a Quinta Monroy no Chile.

### **3.1. Vilas operárias**

As vilas operárias recuperam modelos da arquitectura vernacular, trazidas pelas comunidades rurais que emigraram para as grandes cidades.

Segundo Amos Rapoport, a arquitectura vernacular vai mais além da elementaridade da arquitectura primitiva. Dá uso aos materiais, à cultura do lugar e possui um repertório formal e construtivo simples e rigoroso. Segundo o mesmo autor:

*"(...) The peasant owner is still very much a participant in the process, not merely a consumer. (...)"<sup>75</sup>*

A arquitectura vernacular decorre ainda de um processo participativo, activo e específico para cada local. É mais que um abrigo para o Homem, é um fenómeno social de conjunto, cuja forma resulta da cultura, do lugar e das condições climáticas.

*"The discussion dealing with separation of domains and social intercourse suggests that house cannot be seen in isolation from the settlement, but must be viewed as part of a total social and spatial system which relates the house, way of life, settlement, and even landscape. (...)"<sup>76</sup>*

Em todo o mundo, a casa vernacular é uma casa que vai para além dos seus limites. Suas fronteiras, diferem de lugar para lugar: na Índia os limites são explícitos e tornam a casa mais introvertida, enquanto que nos Estados Unidos esses mesmos limites diluem-se com o espaço público (Fig. 28).

---

<sup>75</sup>RAPOPORT, Amos - *House, form and culture* - ed. Foundations of Cultural Geography Series. Englewood Cliffs, 1969 - pág. 4.

<sup>76</sup>Idem, pág. 69.

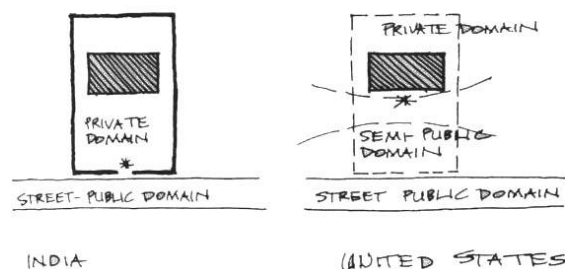


Fig. 28 Domínio privado e público da casa indiana e americana  
(Fonte: RAPAPORT, Amos: 1969, pág. 80)

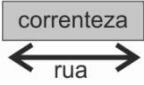
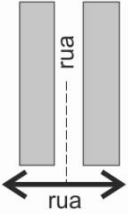
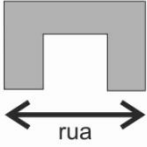
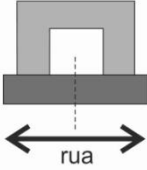
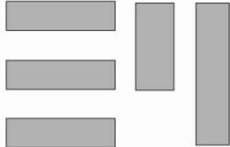
As vilas operárias aqui retratadas, são apenas uma pequena amostra das que existem na cidade de Lisboa. A razão da sua escolha, prende-se com a tentativa de criar uma amostra de habitações significativa com diferentes características da cidade de Lisboa, tendo em conta a brevidade deste trabalho e a acessibilidade às mesmas.

De acordo com Nuno Teotónio Pereira, foram sistematizadas em cinco grupos, sendo que em todas elas se verifica algo em comum: a proximidade das pessoas, seja na rua, no pátio ou no beco. Existem obviamente características na forma do espaço, no acesso às habitações e na relação para com a rua que particularizam cada uma das vilas operárias umas em relação às restantes.

Em primeiro lugar, o acesso pode directo ou mediado por algo que permite uma melhor transição. O túnel de entrada (ex. vila Berta, Sousa, Paulo, Mendonça e Borga) ou mesmo uma simples parede com uma entrada (ex. Vila Ramos e Vila Cândida) são marcos de passagem de uma esfera mais urbana para uma esfera mais privada, que permitem uma transição mais demorada para o interior das vilas. Quanto à forma do espaço pátio, verificamos que um pátio pequeno como o da Vila Marques, Ramos, Rodrigues, Paulo, Borga e do Bairro Estrela de Ouro é muito mais íntimo e acolhedor que um pátio de maior dimensão como o da Vila Flamiano, Celeste ou Sousa. No que toca à relação entre o pátio com a rua que lhe dá acesso, é importante firmar que um pátio disposto a uma cota superior em relação à rua - vila Berta, Marques e Bagatela - é tanto mais privado que um pátio disposto à cota da rua.

Por último, o que importa quando se identifica um espaço público enquanto “pátio”, não é apenas as suas características físicas mas principalmente o uso que as pessoas fazem do espaço. É o que acontece no “pátio” da Vila Cabrinha. À partida o pátio é uma rua, mas a forma como este é apropriado pelas pessoas, permite que o designem de “pátio”.

Quadro 1. Tipos de Vilas

Diagrama	Tipo	Descrição	Ex.
	Correnteza	constitui-se ao longo de uma via pública podendo tomar a forma de corrente ou um conjunto de blocos ( <i>chalet</i> ) associados;	Vila Cabrinha
			Vila Berta
	Conformando rua	Vila que forma uma rua secundária, em relação à existente;	Vila Flamiano <sup>77</sup>
			Vila Celeste
	Conformando pátio	vila que forma um espaço rectangular ou quadrado central comum;	Vila Sousa
			Vila Marques
			Vila Ramos
			Vila Bagatela
			Vila Rodrigues
	Atrás de edifícios	Conjunto de construções realizadas em parte dos logradouros das casas burguesas, geralmente acessíveis por um túnel e formando um pequeno pátio no seu interior	Vila Paulo
			Vila Mendonça
			Vila Borba
			Vila Emília
	Bairro	Vila realizada por iniciativa das fábricas: ou nos pisos superiores destas, ou sob a forma de bairro (ex. Vila Mandela, Dias, Beato);	Bairro Estrela de Ouro
			Bairro Grandela
			Vila Cândida

<sup>77</sup> Nuno Teotónio Pereira, afirma que a vila Flamiano é do tipo Pátio. Tal não se verifica porque a grande maioria dos espaços entre as habitações são as ruas. Optamos por isso colocar esta vila no grupo "vila que conforma rua".



## Vila Cabrinha

vila tipo: formando pátio



Alcântara

Rua fábrica da Pólvora, 143

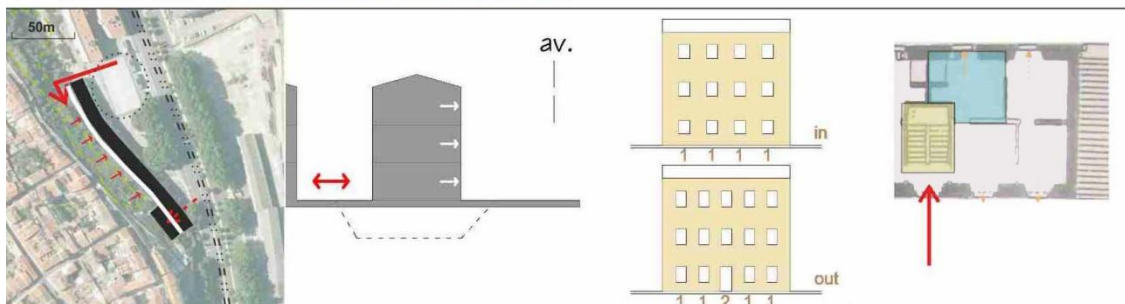
Data de construção 1850-70

Características:

- obra realizada a pedido do proprietário da fábrica de Estampa Tinturia de Algodão;

- pátio-rua (imagem) mais vivo que a traseira (virada para a Av. Ceuta)

- habitações: T2;



## Vila Berta

vila tipo: formando rua



Graça

Rua Travessa do Pereira, 28/ 57

Data de construção 1908-1910

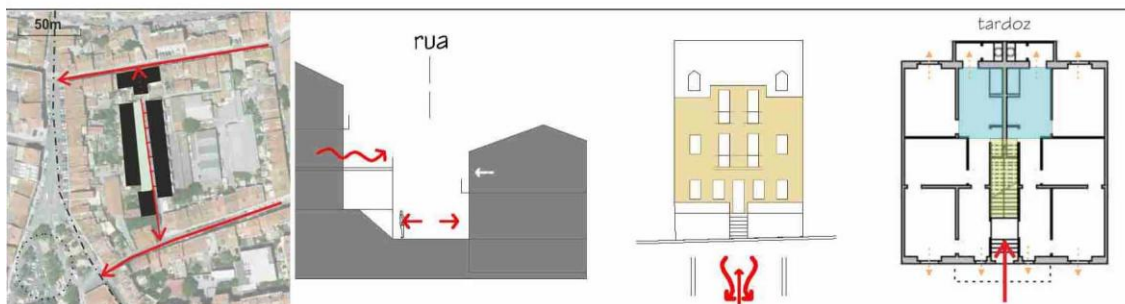
Características:

- conjunto de edifícios em correnteza, cujo as unidades situadas a poente relacionam-se com a rua através de terraços privados;

- fachadas decoradas com ferro, azulejo e beirados salientes em sinal de riqueza;

- coberturas inspiradas nas "Chalet";

- habitações: T2 e T3, com ou sem garagem;



## Vila Flamiano

vila tipo: formando pátio



Beato

Rua Largo Marquês de Nisa

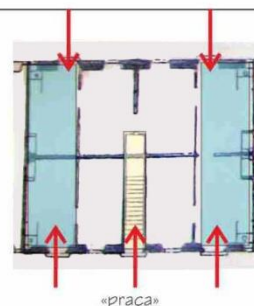
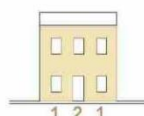
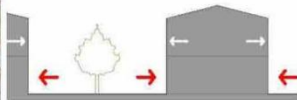
Data de construção 1887-88

Características:

- conjunto em banda formado pelo proprietário da fábrica de Algodão de Xabregas;

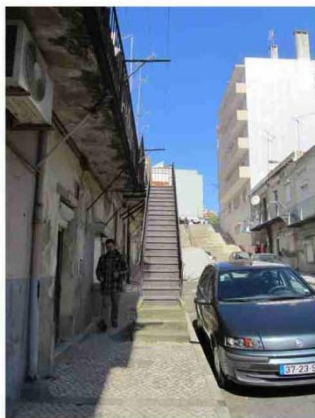
- ruas interiores pouco tratadas e consideradas como "pátios" (Teotónio Pereira) pelas suas vivências;

- Habitações: TO;



## Vila Celeste

vila tipo: formando pátio



Penhas de França

Rua Rua prof. Celestino da Costa, 15/18

Data de construção 1910

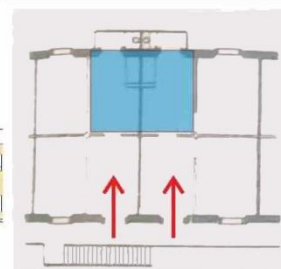
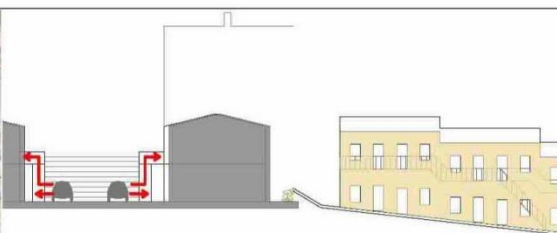
Características:

- conjunto de duas bandas que formam um pátio comum, destinado a circulação pedonal e viária;

- pátio-rua largo e desqualificado;

- uso do sistema de escadas para o 2º piso;

- Habitações: T2;



## Vila Sousa

vila tipo: formando pátio



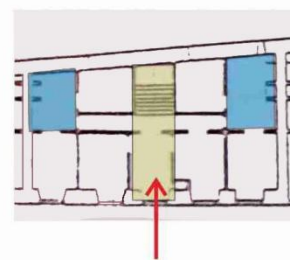
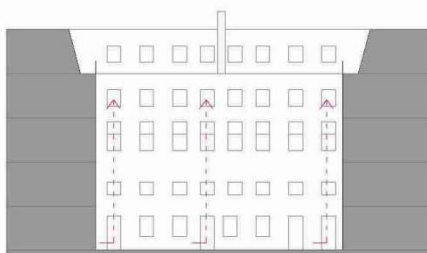
Graça

Rua Largo da Graça, 82

Data de construção 1889

Características:

- conjunto de edifícios que conformam um pátio com dimensões de praça;
- entrada por um túnel de serventia;
- fachadas sem decoração (ao contrário da fachada do edifício de acesso). Cada piso possui um ritmo de vãos específico;



## Vila Marques

vila tipo: formando pátio



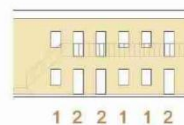
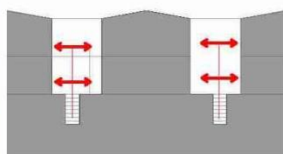
São João

Rua Barão de Sabrosa, 110/112

Data de construção 1890-1900

Características:

- conjunto de duas bandas que formam um pátio comum a cota superior e de pequenas dimensões;
- fachadas simples;
- acesso ao 2º piso através de uma escada;
- evolução da casa por adição de espaços;





## Vila Ramos

vila tipo: formando pátio

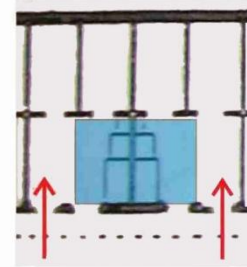
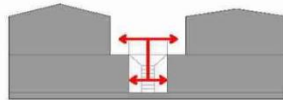


Santo Condestável  
Rua Maria Pia, 120

Data de construção 1890-1900

Características:

- conjunto de duas bandas que formam um pátio comum semi-público;
- fachadas dos edifícios simples;
- pátio interior acolhedor, pontuado por um arco na entrada;
- uso da escadaria para o 2º piso;



## Vila Bagatela

vila tipo: formando pátio

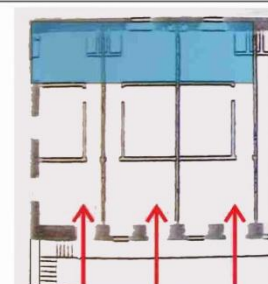
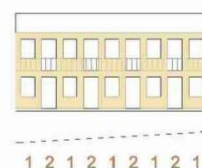
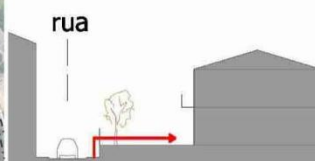


São Mamede  
Travessa da Léguas da Póvoa, 11C

Data de construção 1880-1890

Características:

- conjunto de uma banda que forma um pátio comum privado em forma de galeria a cota superior;
- fachadas simples;
- uso do sistema de escadas para o 2º piso;
- habitações: T2;



## Vila Rodrigues

vila tipo: formando pátio



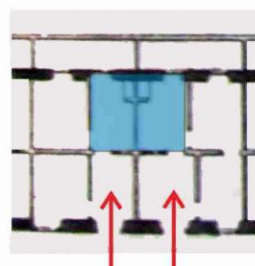
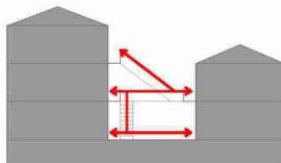
Graça

Rua da Senhora da Glória, 142

Data de construção 1902

Características:

- conjunto de duas bandas que formam um pátio comum;
- pátio acolhedor e semi-privado (existe um portão de entrada);
- uso do sistema de escadas para o 2º piso;



## Vila Paulo

vila tipo: atrás de edifícios



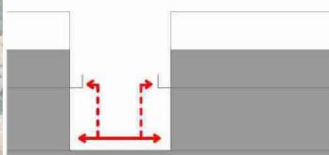
S. Jorge de Arroios

Tv. Rebelo Silva, 11A

Data de construção 1910-20

Características:

- conjunto de duas bandas que formam um pátio comum com acesso realizado por um túnel de um edifício;
- pisos inferiores com comércio e serviços;
- fachadas com decoração trabalhada;
- pátio de carácter fabril: uso do automóvel em demasia;
- habitações com sistema de escadas para o 2º piso (T2 e T3);





## Vila Mendonça

vila tipo: atrás de edifícios

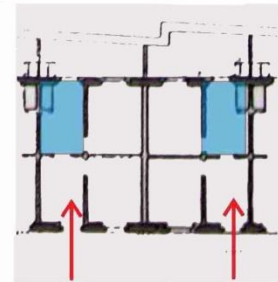


S. Jorge de Arroios  
Rua cidade da Horta, 46

Data de construção 1910-1920

Características:

- acesso privado realizado por um túnel; tratamento de fachada ostentoso;
- uso da escada enquanto sistema de circulação para o 2º piso, de duas em duas habitações;
- pátio com dimensão de praça;
- habitações: T2;



## Vila Borga

vila tipo: atrás de edifícios

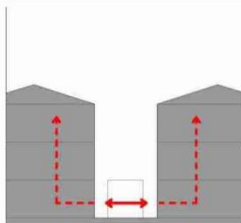


Campolide  
Rua General Taborda, 26

Data de construção 1880-1890

Características:

- vila privada acessível através de um túnel e um portão;
- fachadas simples sem ornamentação;
- pátio acolhedor;



## Vila Emília

vila tipo: atrás de edifícios



S. João

Rua Gualdim Pais, 104

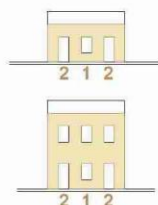
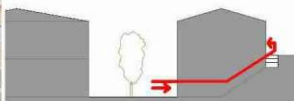
Data de construção 1920-30

Características:

- vila atrás de edifícios separado por uma via, cujo o acesso é realizado por duas formas: a partir da rua criada (imagem) e pelas traseira para o piso superior;

- pátio com dimensão de rua pouco viva;

- habitações: T2;



## Bº Estrela D'Ouro

vila tipo: bairro



Graça

Rua Travessa do Pereira, 28/ 57

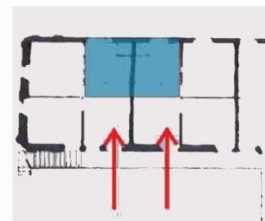
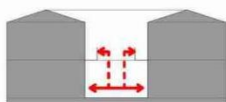
Data de construção 1908-1910

Características:

- bº realizado com preocupações urbanísticas cujo o acesso às habitações é realizado por via de pequenos nichos ou pátios comuns acolhedores (imagem);

- sistema de acesso ao piso superior através de escadas e galerias;

- habitações: T2 e T3;



## Bº Grandela

vila tipo: bairro

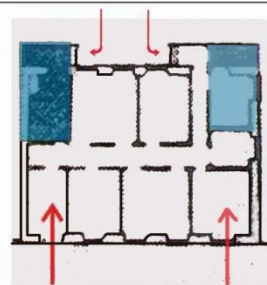
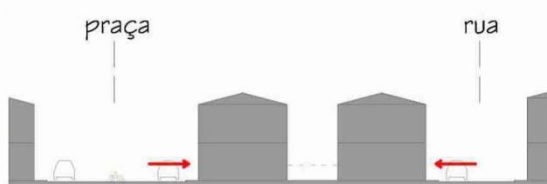


S. Domingos de Benfica  
Rua Estrada de Benfica, 417

Data de construção 1904-07

### Características:

- Bº realizado com preocupações arquitectónicas compostas por bandas paralelas à via pública;
- existência de equipamentos nos limites de cada banda;
- uso da rua, enquanto espaço público interior;
- habitações: T1, T2 e T3;



## Vila Cândida

vila tipo: bairro

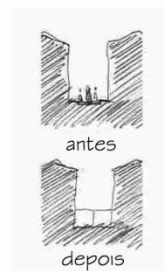
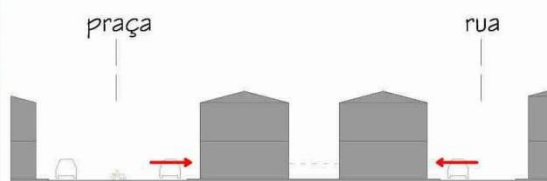


P. de França  
Rua Av. General Roçadas

Data de construção 1912-15

### Características:

- conjunto de edifícios em banda que constituem um bairro;
- uso da rua e da praça como espaço público interior;
- fachadas simples e austeras;





## 4.2. Bairro Alto do Moinho, Lisboa

O Bairro do Alto do Moinho foi construído em 1976 na freguesia da Buraca, concelho da Amadora e dispõe-se ao longo de uma colina com pendente orientada a sudeste.

Trate-se de um bairro de realojamento promovido pelas operações SAAL<sup>78</sup> (no âmbito do PIZ<sup>79</sup>) e projectado pelo arquitecto Francisco Silva Dias, cujo objectivo foi o realojamento das famílias dos bairros de lata de Santa Marta e Pereiro, situados em Algés. Procurou-se construir casas económicas, simples e com possibilidade de evolução, caso o número de agregado familiar de cada lote aumentasse com o passar do tempo.

O sistema evolutivo da casa baseia-se na existência de uma unidade fixa T0 com pátio interior, passível de evoluir até ao T4. As vantagens do sistema passam não só pelo sentido evolutivo como também pela boa insolação e ventilação dos espaços. O acesso às habitações ocorre não só no sentido das curvas de nível como também no sentido da pendente (Fig. 30 - esq.). Cada artéria perpendicular à pendente é exclusivamente pedonal e por isso mais apropriável que as restantes situadas ao longo da colina. O cimo de cada radial é ainda rematado com um ponto final, um pátio colectivo onde se realizam churrascos (Fig. 31 - b).



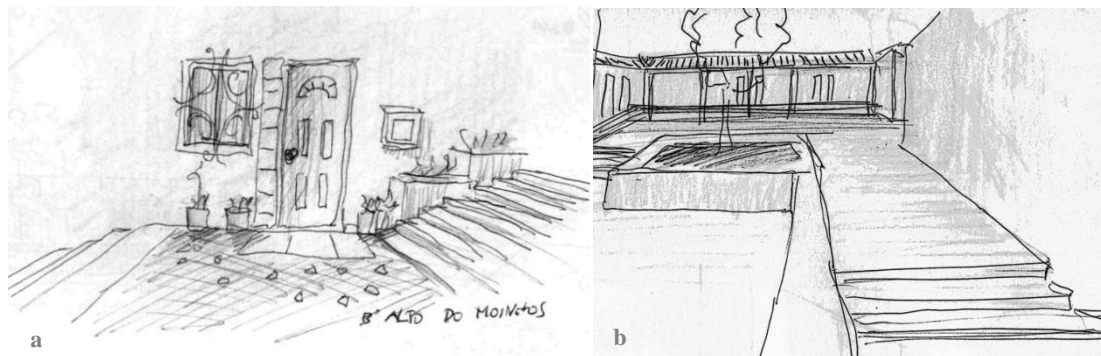
Fig. 29 Bairro Alto do Moinho: planta de implantação

<sup>78</sup> SAAL - Serviço de Apoio Ambulatório Local.

<sup>79</sup> PIZ - Plano Integrado do Zambujal.



**Fig. 30 Bairro Alto do Moinho: esboço e foto a partir das vias**  
(Foto tirada pela autora em 09/09/13)



**Fig. 31 Bairro Alto do Moinho: esboço a partir das ruas - escadarias**  
- a. entrada de uma casa; b. pátio colectivo no topo da pendente

### **3.3. Quinta Monroy elemental, Chile**

O projecto da quinta Monroy elemental em Iquique (Chile) foi projectado pelo arquitecto Alejandro Aravena em 2003.

O desafio era construir habitações para as sociedades carenciadas que viviam no mesmo local (cerca de 100 famílias), tendo em conta questões como a evolução da família, a ventilação e a insolação das habitações (Fig. 33). Devido às fracas condições financeiras da população, o estado criou linhas de incentivo para que cada morador conseguisse pagar a sua habitação.

As 100 famílias foram separadas em 4 núcleos, dotados cada um deles de um espaço público comunitário. Cada módulo habitacional, tem 9x9m<sup>2</sup> e pode ser ocupado por dois proprietários: um no r/c, cuja evolução se dá no sentido horizontal, outro no 1º piso cuja

evolução pode dar-se no sentido horizontal e vertical (Fig. 33), consoante o gosto, as condições monetárias e as necessidades do utilizador.

Durante todo o processo, desde a concepção do bairro até à execução, foi muito importante a opinião e a palavra dos moradores:

*"So many projects for the poor people are very clearly for poor people, in appearance, size, and amenities. But this one gave people room to negotiate and aspire, and eventually to have the house they had always dreamed of. And I am not being romantic here. People were dang proud and happy with their place."*<sup>80</sup>



Fig. 32 Quinta Monroy: implantação, o antes e o depois  
in <http://planhabdauufes.blogspot.pt/2009/12/3-quinta-monroy>

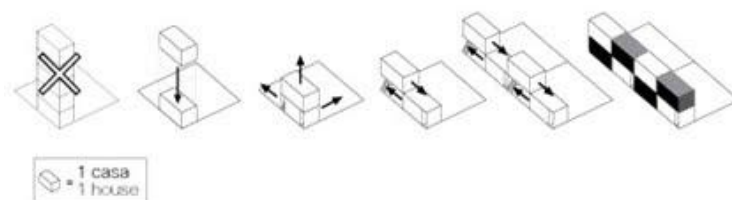


Fig. 33 Quinta Monroy: edifícios

(in <http://planhabdauufes.blogspot.pt/2009/12/3-quinta-monroy.html> e em <http://arktetonix.com.br/2012/10/quinta-monroy-elemental>)

<sup>80</sup> relato de um morador, in <http://incrementalhouse.blogspot.pt/2008/10/chile-quinta-monroy>





**Fig. 34 Quinta Monroy: sistema evolutiva e interiores do módulo**

(in <http://planhabdauufes.blogspot.pt/2009/12/3-quinta-monroy.html> e <http://incrementalhouse.blogspot.pt/2008/10/chile-quinta-monroy>)

Apresentamos neste capítulo os principais casos de estudo para este trabalho.

É importante destacar a proximidade das pessoas existentes nas vilas operárias e os pequenos pormenores das entradas das vilas tais como o túnel, as diferenças altimétricas ou mesmo o portão que filtra a entrada das pessoas. O bairro do Alto do Moinho é uma intervenção de realojamento que, por sua vez, se adapta à colina e tem em conta o futuro demográfico da população. Por último, a intervenção para a Quinta Monroy, também de realojamento, é uma solução que mostra o faseamento da obra através da diferença de materiais e da simultaneidade dos espaços.

De seguida encontra-se um quadro síntese dos casos aqui mencionados.

## Quadro 2 Síntese dos casos de estudo

Casos de estudo	Pontos essenciais para projecto
<p><b>Vilas operárias</b> ( ex. vila Borba)</p>  <p>81</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-construções de 2 a 3 pisos, dependentes de um espaço comum (pátio ou rua);</li> <li>-sistema modular da construção: rigor e simplicidade da concepção da organização espacial interior e da fachada;</li> <li>-rentabilização do espaço e custo da construção limitado ( nos casos em que o dono de obra tinha condições, à simplicidade organizativa é acrescida ostentação na fachada - ex. B° estrela de ouro, Vila Santos, vila Mendonça e vila Berta );</li> <li>- importância da rua, do beco e do pátio para a socialização;</li> </ul>
<p><b>B° Alto do Moinho</b></p>  <p>82</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- sistema evolutivo da casa - estratégia projectual que tem em conta o futuro dos destinatários;</li> <li>- circulação viária plana, circulação pedonal plana e perpendicular à colina - escadarias apropriáveis;</li> <li>- simplicidade e economia da arquitectura;</li> </ul>
<p><b>Quinta Monroy elemental</b></p>  <p>83</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- o custo e o destino da habitação é visto como um desafio, não como um problema;</li> <li>- habitação evolutiva: a base do projecto é construída de acordo incentivos estatais;</li> <li>- os acrescentos são realizados de acordo com as condições financeiras dos moradores, quando tiverem possibilidade para tal;</li> </ul>

<sup>81</sup> Foto tirada pela autora a 08/05/2013.

<sup>82</sup> Esquício realizado pela autora 9/09/2013.

<sup>83</sup> figura retirada de <http://incrementalhouse.blogspot.pt/2008/10/chile-quinta-monroy>.

## 5. Bairro do Barruncho



Fig. 35 Vista para o pátio Rosa, Barruncho  
(foto da turma de Projecto, tirada a 19/09/2012)

*"O espaço é para Durkheim, indissociável da realidade que o habita, e é na relação que se estabelece entre ambos que se deve procurar a explicação para os tipos de organização que manifesta"<sup>84</sup>*

O bairro do Barruncho apresenta uma organização espacial peculiar decorrente das memórias, gostos e ritos dos habitantes, também eles construtores do bairro.

Para uma melhor compreensão das vicissitudes do bairro, iremos de seguida contextualizar a área de intervenção, o respectivo espaço público existente e aferir quando ao sentido do lugar.

### 5.1. Contextualização da área de intervenção

A área de intervenção situa-se na Póvoa de Santo Adrião, em Odivelas. É considerado uma ACRRU (Área Crítica de Recuperação e Reconversão Urbanística) com vista a reconversão em ARU (Área de Recuperação Urbana).

Trata-se de um bairro clandestino ocupado maioritariamente por descendentes de Cabo Verde, sem infra-estruturas, luz legal e tratamento dos espaços públicos. O local, de pendente acentuada, é ocupado por construções realizadas com materiais usados como a madeira, a chapa e o tijolo, numa lógica de acréscimo decorrente da disponibilidade dos materiais.

---

<sup>84</sup> SILVANO, Filomena - *Antropologia do espaço*. Oeiras: Celta Editora, 2002 - pág. 14.

### 5.1.1. Habitar em contexto de clandestinidade

Tal como muitos outros bairros clandestinos da AML<sup>85</sup>, o Bairro do Barruncho surgiu na segunda metade do século XX como resposta à procura de habitação.

A construção clandestina engloba toda a construção sem alvará de loteamento e está associada ao imprevisto e ao oportunismo especulativo. Esta decorre de contextos económicos precários e origina a construção informal, isenta de legislação e fiscalização a cumprir<sup>86</sup>. Assume-se como uma construção ilegal, cujos os intervenientes/ moradores escapam a um conjunto de obrigações estatais e jurídicas necessárias para a prática de uma sociedade dita formal. Para estas comunidades, o papel regulador e fiscalizador do Estado é fraco ou mesmo inexistente.

Em muitos casos, a clandestinidade foi um factor crucial para o desenvolvimento do país. Em Itália<sup>87</sup>, por exemplo, a economia paralela tem sido uma das mais valias para o desenvolvimento e manutenção do país e, por outro lado, em certos países industrializados do mundo persiste uma "economia subterrânea"<sup>88</sup> que sustenta a economia principal.

Em Portugal, os primeiros fenómenos de clandestinidade deram-se nos anos 50 com o movimento da população do interior para as grandes cidade Lisboa e Porto<sup>89</sup>. A falta de espaço urbano planeado e de condições económicas por parte dos intervenientes conduziu a esta nova forma de apropriação do espaço. A administração Pública reconheceu a existência dos bairros clandestinos a partir dos anos 70 e propõe um conjunto de intervenções pontuais para este problema (ex. Vale dos Milhaços, concelho de Seixal, "uma das primeiras experiências pilotos"<sup>90</sup>). Após o 25 de Abril, deu-se um surto de clandestinidade quer nas cidades quer no interior do país, facto que conduziu à realização de um levantamento dos bairro clandestinos

---

<sup>85</sup> AML - Área Metropolitana de Lisboa.

<sup>86</sup> "A clandestinidade tem sido apresentada como a forma de superar as faltas de recursos e de capacidade da administração pública para oferecer vias visando satisfazer a procura da habitação." - COSTA LOBO, M. L. - *O que não se tem dito sobre a clandestinidade*. In *Encontros sobre construção clandestina* (III), DGOT, 1989 - pág. 11.

<sup>87</sup> "É importante sublinhar que, quanto mais competitivo for o contexto em que uma organização se encontra inserida, maior será tendencialmente o recurso aos mecanismos informais. Em Itália - onde o sector informal é senão o mais importante pelos menos mais visível do que noutros países da Europa - são os sectores tradicionais, em crise, que se apresentam mais desenvolvidos ao nível de actividades clandestinas. (...)" - Idem, pág. 10.

<sup>88</sup> "Por outro lado, a emergência da economia subterrânea surge nos anos 70, para os países industrializados, como um resultado da crise de modelo de regulação económica e social adoptado no pós-guerra" - Ikonicoff (1984), p. 332). Citação retirada de: GUERRA, Isabel e outros - *Clandestinos em Portugal. Leituras*. Lisboa: ed. Livros Horizonte, 1989 - pág. 53.

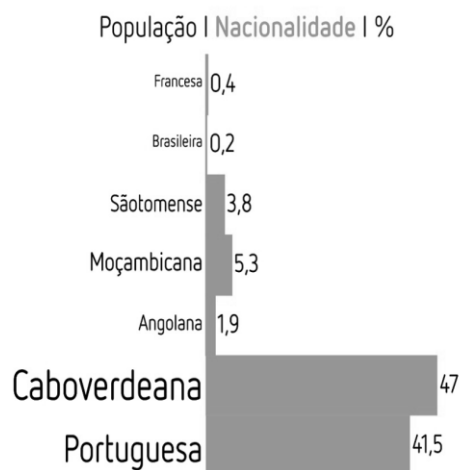
<sup>89</sup> "O fenómeno dos clandestinos pode dizer-se que remonta á década de 50 em consequência do arranque para o desenvolvimento industrial do país e correspondente ao êxodo rural para as áreas de Lisboa e Porto. Foi por em na década de 60 que se verificou o grande surto." - SANTOS, Lusitano dos - *Criptoclandestinos e outros desafios*. In *Encontros sobre construção clandestina* (III), DGOT, 1989 - pág. 19.

<sup>90</sup> Idem, pág. 19.

existentes em todo o país no final da mesma década. Foram identificadas cinco situações tipológicas de clandestinidade<sup>91</sup>:

- clandestinos dispersos nos centros urbanos;
- dormitórios clandestinos na periferia dos centros urbanos;
- clandestinos de lazer;
- loteamentos clandestinos;
- clandestinos individuais das regiões interiores;

É importante acrescentar a estes grupos o que o autor Lusitano dos Santos designa *criptoclandestinos*<sup>92</sup>, construções clandestinas toleradas pela Administração por razões especulativas ou mesmo corruptas. Estas podem ser realizadas por iniciativa pública (ex. actuações dos Caminhos de Ferro, EDP) ou por iniciativa privada (ex. acrescento de um quarto numa habitação, marquises, abertura de vãos, etc). Para o autor, os bairros de lata como o Bairro do Barruncho são considerados *criptoclandestinos existenciais*, por serem decorrentes de problemas sociais, tais como a pobreza e a sobrevivência<sup>93</sup>.



**Fig. 36 Etnias no Barruncho**

esq. foto tirada em 12/07/13; dir. Gráfico da população (obtido no âmbito do 1º semestre do 5ºano, turma D, 2012)

<sup>91</sup> Idem, pág. 20.

<sup>92</sup> Idem, pág. 22.

<sup>93</sup> "A transformação de partes de edifícios existentes ou a construção de instalações de carácter precário para utilização em actividades económicas que se inclui sob esta designação de *criptoclandestinos* existentes resulta fundamentalmente da colmatação das deficiências urbanísticas verificadas nas áreas *criptoclandestinas* e até mesmo, por vezes, nas áreas urbanas consolidadas, históricas ou recentes. Estão ligadas a problemas de sobrevivência económica de famílias de fracos recursos." - Idem, pág. 29.

No Barruncho, os moradores ocuparam o terreno baldio, sem qualquer tipo acto de compra. A habitação resultou assim de um esforço individual, embora que colectivamente construído. Segundo José Manuel Fernandes, em relação à Arquitectura Espontânea Clandestina (AEC) , *"compete aos arquitectos a compreensão dos elementos disciplinares contidos ou potenciais nessa arquitectura, para além do seu enquadramento no contexto global da sociedade (...)"*<sup>94</sup>. É importante por isso, ler a cultura, a forma de produção do espaço, as tipologias utilizadas e principalmente o sentido inerente do bairro clandestino, reflexo de um sonho construído, de quem quer ter uma morada à sua imagem, passível de ser retocada aqui e ali quando a família crescer em número.

No bairro moram pessoas de pelos menos três etnias (Fig. 36): cabo-verdianos, ciganos e portugueses. As pessoas agrupam-se consoante as etnias, e a própria qualidade de suas habitações é distinta e característica em cada grupo. A etnia portuguesa é a que tem as habitações com melhores condições, seguindo-se a africana e por último a cigana.

*"(...)Nas ruas, construções, cores e lugares, encontram-se as referências de um tempo que se constrói sucessivamente. E como Calvino (1990) bem nos lembra, a cidade não é feita só de pedras, mas de homens, e esse conjunto de estados de alma e de acções diferenciadas produzem e deixam o registo de como estes pensavam o espaço, de como era, enfim, o contexto social ao qual estavam ligados. Os inúmeros exemplos de espaço físico de uma cidade dão pistas de como é a expressão desse contexto social no curso da história, de como que eles se articulam com um pensamento ideológico ou estético , ou com ambos."*<sup>95</sup>

Posto isto, apesar da clandestinidade do Bairro do Barruncho, o espaço é habitado pelos moradores, na medida em que estes se apropriam dele como morada. Segundo Martin Heidegger a essência do habitar reside no "permanecer", no "estar satisfeito" ou mesmo no "cuidado"<sup>96</sup>. A casa é o abrigo do homem e oferece ao sujeito um espaço de conforto, de intimidade acrescida, estando separada do espaço exterior através de outros espaços que marcam um rito de passagem específico. Em seus limites, existem então situações de passagem,

---

<sup>94</sup> FERNANDES, José Manuel (1989) *"Para uma introdução tipológica ao mundo clandestino"*, in C. M. Rodrigues et al., *Clandestinos em Portugal - Leituras*. Lisboa: Livros Horizonte - pág. 131.

<sup>95</sup> COLCHETE FILHO, António - *Praça XV*. Rio de Janeiro: edições 7Letras, 2008 - pág. 25.

<sup>96</sup> *"Mas em que consiste a essência do habitar? Escutemos uma vez mais a exortação da linguagem: o antigo saxão "wunon" e o gótico "wunian" significam, tal como a antiga palavra bauen, o permanecer, o residir. (...) "Wunian" significa: estar satisfeito (em paz); conduzido à paz permanecer nela. A palavra paz (Friede) significa o livre, das Frye, e fry significa: preservado de dano e de ameaça; preservado de ..., quer dizer: cuidado."* - HEIDEGGER, Martin - *Construir, habitar, pensar*. - in AA.VV. - *Teoria e Crítica de Arquitectura. Século XX*. - Ordem dos Arquitectos. Lisboa: ed. Caleidoscópio, 2010 - pág. 350.

tais como a porta, a varanda ou átrio, importantes para ligar/ separar espaços ou mesmo para que os mesmos funcionem.

No entanto, existe um problema eminente de adequação do existente com o envolvente, com a sociedade (Fig. 38). A marginalidade não é aqui sinónimo de "esporádico", mas sim de intenção, humanização de espaço desocupado, decorrente de uma necessidade. Ao longo do trabalho prático, está por isso implícito a necessidade de pensar em formas de integração das diferentes culturas existentes no terreno, não só porque as pessoas têm o direito de ter uma cultura própria mas também porque estas devem ser respeitadas enquanto tal.

#### *5.1.2. Análise SWOT do Bairro do Barruncho*

##### *- Limites*

O Bairro do Barruncho encontra-se limitado por morfologias urbanas distintas e desconectadas com o próprio bairro. É rodeado a sudoeste por um complexo fabril (Fig. 39a), a poente por um conjunto de edifícios em torre e pela própria AUGI<sup>97</sup> Bairro da Mimosa (Fig. 39b), a norte por uma outra AUGI (Fig. 39c) e a este pela Escola Básica Carlos Paredes (Fig. 39e).

Existem dois marcos importantes na passagem para o interior do bairro: a escola e a antiga Fábrica de peles (Fig. 39d) no centro principal do bairro (Fig. 39e). No seu interior o bairro encontra-se dividido por uma ribeira e respectiva estrutura verde pouco aproveitada, local por onde desaguam as fossas sépticas da maioria da população do bairro.

##### *- Espaço público*

No interior do Bairro o espaço público é composto por ruas estreitas e sinuosas, verdadeiros caminhos desqualificados sem qualquer tipo de mobiliário urbano e infraestruturação. Os edifícios são abastecidos por electricidade de forma ilegal, à excepção da antiga fábrica, que paga efectivamente os gastos. Os restantes encontram-se ilegais e desprovidos de contratos fiscais.

As entradas principais encontram-se cheias de lixo (Fig. 39f) e os limiares das habitações (Fig. 39g) reflectem o gosto e dedicação de cada proprietário. Verifica-se ainda o reaproveitamento de materiais - que possivelmente iriam ser deitados fora, tais como pedras, madeiras, paletes materiais baratos e vulgares - materiais estes que servem para pavimentar ou mesmo separar o público do privado.

---

<sup>97</sup> AUGI - Áreas Urbanas de Génese Ilegal.

*- Acessibilidades, usos, edificado, pessoas*

O bairro é acessível por 5 frentes, todas elas desprovidas de estacionamento e informação sinalética. Situam-se por isso pequenas bolsas em cada uma das entradas de estacionamento improvisado e sem pavimento apropriado. No interior do bairro, existem ruas primárias e secundárias sendo que estas últimas são interditas a veículos devido às suas dimensões exíguas. O declive é uma constante no terreno, o que origina momentos de esforço (descidas) e de pausa (plano) ao longo de todo o percurso.

Quanto aos usos, o bairro é todo ele habitacional, sendo o espaço público de proximidade apropriado para diversos fins (Fig. 40a - estar, brincar, secar roupa, comer, etc). O edificado, geralmente de um único piso, é realizado em alvenaria de tijolo, eventualmente em chapa de alumínio e restos de madeira (Fig. 40 e 40b).

Os habitantes são origem cabo-verdiana (Fig. 40 c/d), cigana e portuguesa, na sua maioria com baixo grau de escolaridade, cujas profissões mais comuns são a construção civil e a limpeza doméstica. Apesar das condições precárias, as pessoas do bairro são felizes com pouco, com o que a vida tem para lhes dar. Muito para além da casa, do carro, da terra que levam nos pés a caminho de casa, o que lhes mais importa é o estar em comunidade e a socialização existente entre os restantes membros.

As carências apontadas pelos moradores<sup>98</sup>, são as seguintes:

- a má qualidade construtiva das habitações (Fig. 37);
- a falta de creches onde deixar os filhos enquanto os pais trabalham;
- falta de espaços didáticos e recreativos para os tempos livres e fins de semana ( jardins, centros comunitários, cafés, espaço para a associação de moradores);
- falta de comércio de proximidade;
- pavimentação das ruas, e iluminação pública;

---

<sup>98</sup> Segundo um conjunto de entrevistas realizadas no 1º semestre por um grupo da turma D, 5º ano.



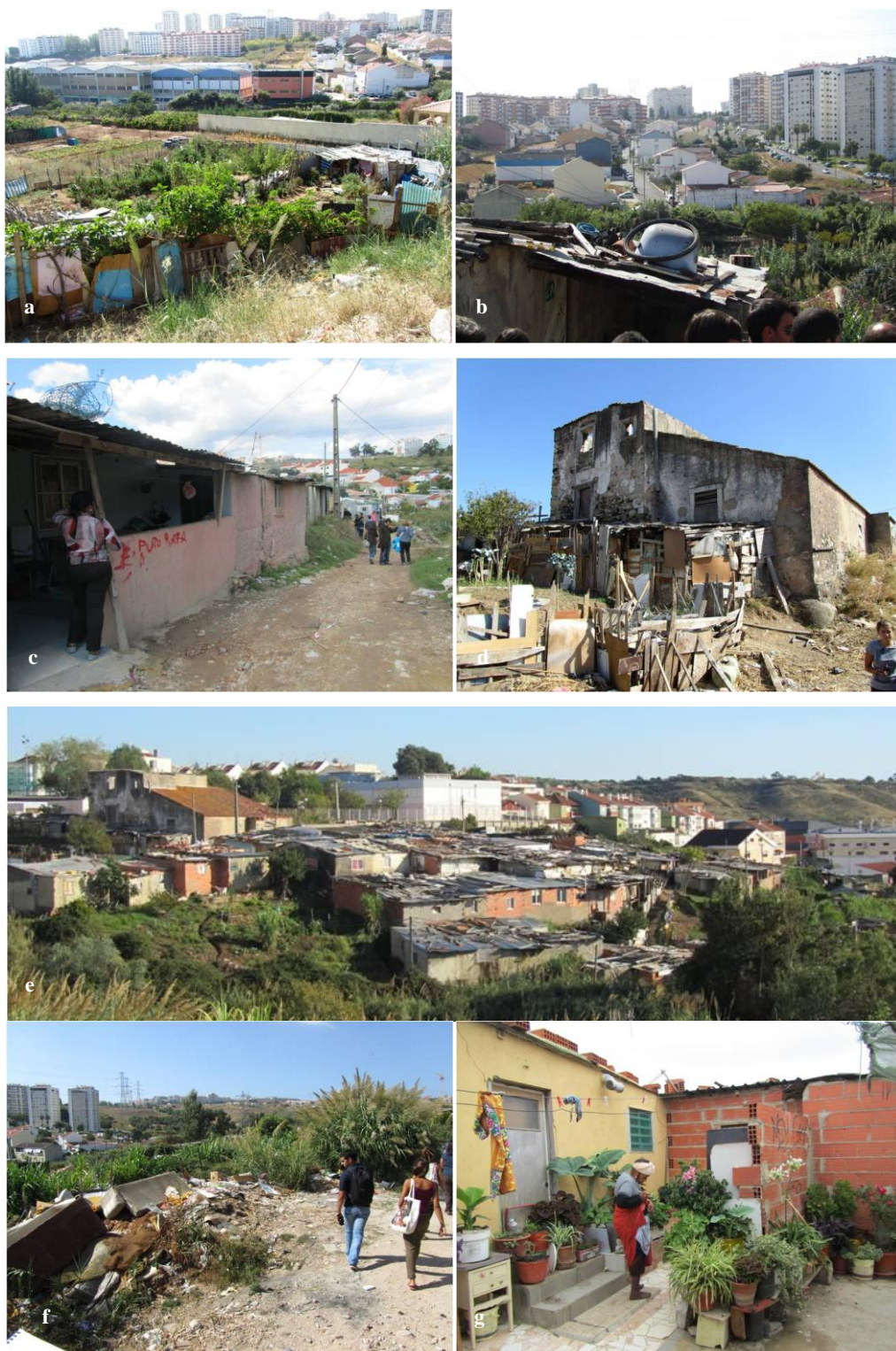


**Fig. 37 Bairro do Barruncho: Classificação da qualidade das construções**  
Trabalho realizado no âmbito de Projecto 5ºano turma D



**Fig. 38 Bairro do Barruncho: usos na envolvente**





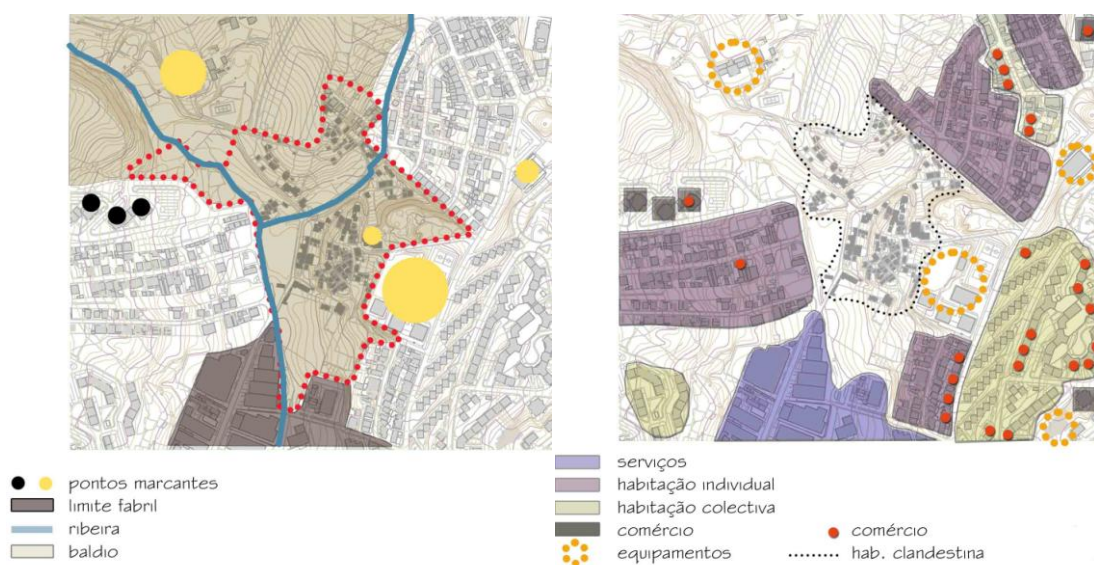
**Fig. 39 Limites e espaço público do Bairro**

a. Vista para a zona fabril, situada a sudoeste do Bº; b. Vista a oeste do Bº; c. Vista a norte do Bº; d. Antiga fábrica de cedas; e. Vista da vertente norte para a vertente sul do Bairro; f. entrada do bairro; g. interior do Pátio " - fotos tirada a 19/09/12 (a-f) e a 12/07/13 (g).





**Fig. 40 O bairro, a casa e as pessoas**  
a. acessos; b/ c. usos e edificado; d. pessoas, rua principal; e. crianças no interior da casa pátio; f - vivências - fotos  
tiradas em a - 19/09/12; b, c, d, f - 20/10/12; e - 12/07/13



**Fig. 41 Análise do Bairro do Barruncho**  
limites, pontos marcantes e uso

Quadro 3 Análise SWOT do Bairro do Barruncho

Análise SWOT do Bairro do Barruncho				
	Potencialidades	Debilidades	Oportunidades	Ameaças
<b>Acessibilidades</b>	Proximidade dos espaços públicos e equipamentos em relação à envolvente;	- Falta de pavimentação e diferenciação dos espaços; - falta de estacionamento;	Ligação do bairro com a envolvente próxima;	Risco de acidentes devido ao mau estado dos pavimentos;
<b>Espaço Público</b>	Personalização dos espaços que antecedem a casa;	Inexistência de espaços verdes e espaços públicos tratados para a população;	Revitalização dos espaços existentes que potenciam o bem-estar da população;	-Ocupação da rua por carros; -Falta de mobiliário e iluminação urbana;
<b>Usos</b>	Localização estratégica dos usos no exterior do bairro;	Falta de instituições culturais dentro do Bairro;	Criação de instituições de carácter didáctico e recreativo;	Tendência para a formação de ilhas tipológicas;
<b>População</b>	- Redes sociais e relação de vizinhança; - Riqueza cultural e desejo de divulgar a cultura;	- Intolerância à mudança de hábitos; - Nível de escolaridade baixo;	Vontade das pessoas e sentido de auto-subsistência (hortas urbanas);	Falta de apoio às crianças e juventude;
<b>Edificado</b>	- Multifuncionalidade dos espaços e reaproveitamento dos materiais; -Importância do pátio para estar com os outros antes de entrar em casa;	- Precariedade dos materiais e sistemas construtivos; -Falta de infra-estruturação;	Recriação do edificado com base no arquétipo pátio comum;	-Condições de habitabilidade precária; - Condições sanitárias insuficientes;

## 5.2. Espaço Público existente

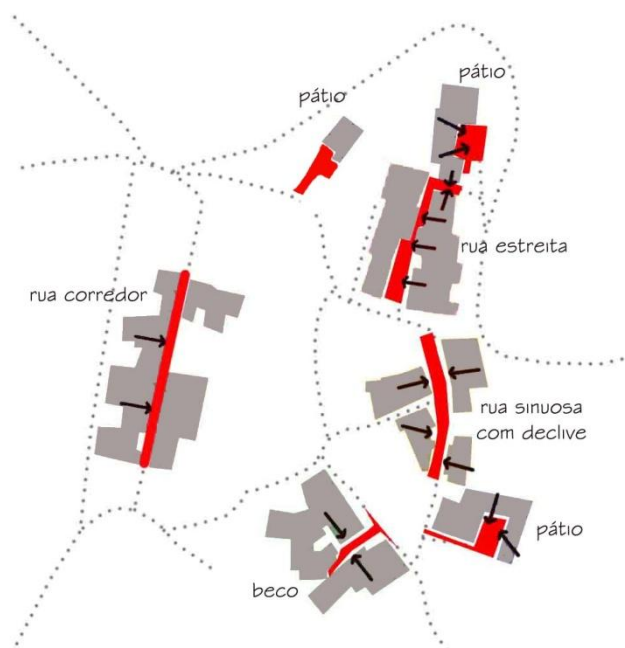
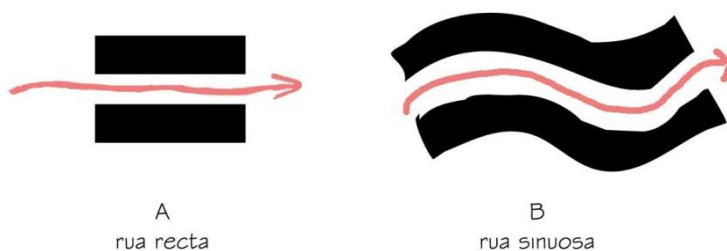


Fig. 42 Barrunho: principais espaços públicos

A rua, o beco, o alpendre e o pátio são as principais formas de espaço público no bairro (Fig. 42). Os dois primeiros têm um carácter público enquanto que o segundo, mais privado.

- RUA



*"A verdadeira cidade, a cidade de outrora, era uma festa; a rua era um teatro permanente, onde cada um é ao mesmo tempo actor e espectador (...) A cidade é uma cidade de cultura onde a vida germina e prolifera (...) onde as ideias nascem e se desenvolvem. O meio urbano é favorável à criatividade e é também um espaço de socialização. Nas ruas as crianças e adolescentes viviam sobre o olhar dos mais velhos, não ficando entregues a si próprias; a fusão de gerações e a transmissão de conhecimentos ocorria normalmente."*<sup>99</sup>

<sup>99</sup> CARVALHO, Jorge - *Formas Urbanas*. Coimbra: Ed. Minerva, 2003 - pág. 62.

A rua é um espaço exterior colectivo que participa na malha urbana e permite ligar um local a outro. Permite o movimento do sujeito na urbe e o encontro deste com os seus semelhantes.

A rua popular é viva e vivida com intensidade em contraponto com a rua urbana, que apenas permite a partilha de um espaço comum e necessário para atingir um certo ponto da cidade. A rua popular permite o aconchego de amigos próximos, dos conhecidos do dia-a-dia e das crianças que brincam à pedrinha na calçada nos tempos livres. Possibilita a entrada semi-directa para as habitações, muito embora a soleira ou a própria porta de entrada possam marcar a descontinuidade dos espaços interior/ exterior. Curiosamente, segundo Herman Hertzberger, *"a soleira fornece a chave para a transição e a conexão entre áreas com demarcações territoriais divergentes, e na qualidade de lugar por direito próprio, constitui, essencialmente, a condição espacial para o encontro e o diálogo entre áreas de ordens diferentes. (...) Estamos lidando aqui com o encontro e a reconciliação entre a rua, de um lado, e o domínio privado, de outro"*<sup>100</sup>.

O espaço público predominante no Bairro do Barruncho é a rua. É uma rua popular, o ponto de encontro dos moradores. Nas alturas de festa, as pessoas não ficam em casa, elas vão para a rua conversar e dançar enquanto as crianças brincam. No entanto, apesar da vida existente, as ruas do bairro carecem de infra-estruturas (de luz, água e esgotos) e o mobiliário urbano existente é o mesmo que existe dentro de casa (cadeiras, bancos, sofás, etc.).

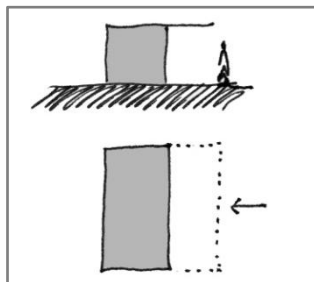
- BECO



Como foi dito anteriormente, o beco é uma rua estreita, que pode ter ou não ter saída. Devido à sua forma, dimensão e luminosidade, tem um carácter mais íntimo que a rua. No bairro, existem becos (Fig. 45a). Têm pouca luz, são frios, apertados e sombrios à noite. No entanto, a proximidade para com as respectivas habitações é acrescida.

<sup>100</sup> HERTZBERGER, Herman - *Lessons for students in architecture* - Amesterdão, Uitgeverij Publishers, 1991 - versão consultada: *Lições de Arquitectura*. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1999 - pág. 32.

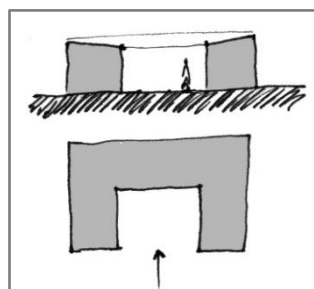
- ALPENDRE



O alpendre encontra-se dentro da habitação e permite a demora do sujeito na passagem rua-casa. É aqui que o visitante se abriga da chuva ou do sol devastador durante o dia, é aqui que a casa começa como abrigo. O alpendre é o intermediário entre a porta e a rua, por vezes marcado por uma diferença de nível evidente, um muro ou por um portão.

No Bairro do Barruncho, o alpendre persiste e raramente é fechado, inacessível, permitindo a diluição entre a rua e a habitação, entre o público e o privado (é o caso da casa da D. Edema, fig. 39 c). Geralmente é um espaço que carrega o mobiliário do interior - tais como mesas, cadeiras e armários - por forma a minimizar a vida privada do interior num espaço semi-público exterior.

- PÁTIO



Como já foi dito, o pátio colectivo no Barruncho é um elemento essencial para a formação do espaço público. Permite convergir as pessoas para um ponto comum e estabelecer a passagem entre a rua e a habitação.

No âmbito do trabalho prático, foram escolhidos dois pátios colectivos para a reabilitação: o Pátio rosa e o Pátio de cima (Fig. 44)<sup>101</sup>. O primeiro é um pátio em situação intermédia de um percurso enquanto que o segundo têm o carácter de ponto de chegada de um percurso (Fig. 43).

<sup>101</sup> Denominações atribuídas pela autora.

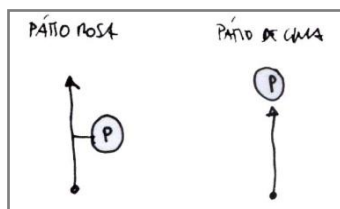


Fig. 43 Pátio mediador e pátio final de um percurso

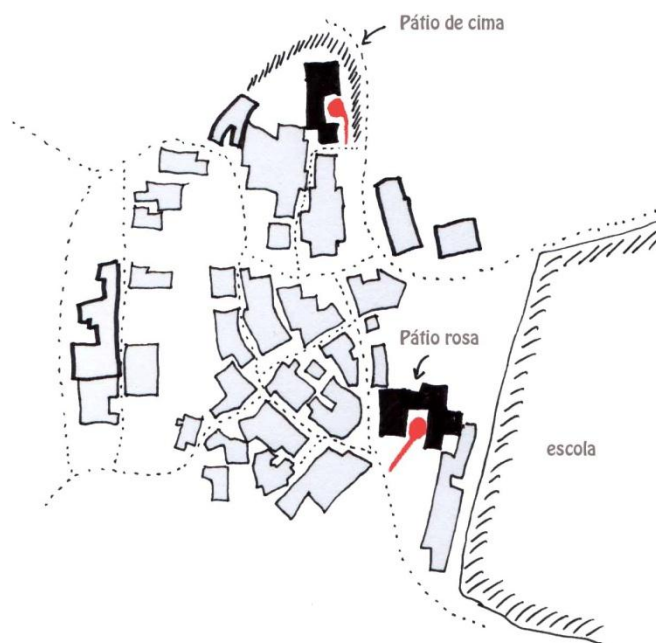


Fig. 44 Pátios a preservar: indicação em planta

### 5.3. Sentido do Lugar

O sentido do Bairro do Barruncho reside na relação entre os moradores e o espaço.

Em determinados locais do bairro, existe um efeito labiríntico, uma falta constante de referências. Fernando Fuão afirma que *"o labirinto é o espaço de desorientação. É a metalinguagem da existência do espaço, do espaço bruto. Não é à toa que para alguns autores é no labirinto, no mito do Minotauro e de Ariadne, que repousa a origem da arquitectura"*<sup>102</sup>. O sentimento que evoca então o Bairro do Barruncho é perder-se do mundo lá fora e focar as atenções para dentro do bairro, unir-se em sinal de protecção do que lhe é exterior.

<sup>102</sup>FUÃO, Fernando Freitas - *O sentido do espaço. Em que sentido, em que sentido?* - in Arquitecto 3-4, 2003 - pág. 24.



"A gente está dentro  
logo a gente está fora daquele dentro onde a gente esteve  
(...)  
Pois, embora a gente esteja toda dentro do dentro do fora  
A gente está fora do próprio dentro da gente  
(...)"<sup>103</sup>

Na construção do bairro, o supérfluo não existe, sendo a simplicidade e o reaproveitamento dos objectos o grande mote de vida da população existente. No que toca às pessoas, apesar da precariedade dos edifícios as pessoas vivem simplesmente com o que têm, e procuram usar e apropriar-se dos espaços mínimos potenciando, com isso, a vida em família ao máximo:

*"Pobrezinha a nossa casa? É o palácio dos sonhos meus: o teu amor, o dos filhos, a graça e  
bênção de Deus."*<sup>104</sup>

O Barruncho é então um bairro de lata, realizado com restos de materiais cujo sentido último é a emergência de um sítio, a necessidade de um abrigo para pessoas que não têm condições de ter uma habitação "formal". Ora, isso não chega para ser considerado um lugar. No entanto, o Barruncho pode ser considerado um lugar, na medida em que cada pessoa do bairro transporta consigo um conjunto de gestos, de hábitos e crenças e as introduz no sítio, no bairro. Nesta perspectiva, o sujeito modifica o espaço e lhe introduz um sentido específico, à luz das suas memórias, vivências e estados anteriores. Assim, pequenos aspectos no bairro têm um sentido de ser, desde a ruela estreita que permite um recolhimento próprio a quem o usa enquanto toma conta dos filhos (Fig. 45a) até às dimensões exíguas dos espaços interiores da casa, que permitem ter em casa apenas o essencial - comer, estar, circular e principalmente, uma família(Fig. 45b).

---

<sup>103</sup>FUÃO, Fernando Freitas - *O sentido do espaço. Em que sentido, em que sentido?* - - in Arquitexto 3-4, 2003 - pág. 26 (excerto do poema *Laços*, cujo autor é Ronald David Laing).

<sup>104</sup> Inscrição num prato de cerâmica pendurado na parede da casa do Sr. Luís que conforma o Pátio de cima.



Fig. 45 Bairro do Barruncho: exterior e interior

(fotos tiradas a 12/07/13)

## 6. Intervenção no Bairro do Baruncho

No âmbito da temática *construir no construído* da cadeira de laboratório de Projecto VII do 5ºano, foi-nos pedido a requalificação do sítio de forma sustentável.

Os objectivos principais passam pela requalificação do tecido urbano, pela eliminação da imagem negativa associada aos bairros clandestinos e pela promoção da habitação acessível para a população (tendo em conta a relação preço/ qualidade).

Para isso, é necessário:

- criar novas ligações viárias e equipamentos;
- formular de uma solução urbana com edificado de baixa densidade;
- fortalecer as valências do interior do bairro, protegendo-o do acesso automóvel;
- a projectar novos espaços de encontro e apelar à infra-estruturação do bairro;
- respeitar a legislação aplicada para o sítio (ex. carta REN, RAN) e a existência de um projecto de loteamento a ser realizado a norte da área de intervenção;
- ter em conta os termos de referência para o Plano de Pormenor tais como:

- Re conversão ACRRU (11,27 Ha) em ARU;
- Integração do bairro na envolvente construída e manutenção da estrutura ecológica do sítio;
- Construção a custos controlados ao abrigo do programa PER (130 fogos para os moradores) do Habitação a Custos Controlados (126 fogos para novos residentes);
- Previsão do recurso financeiro para o realojamento PER (DL271/ 2002) assegurado pelo instituto de Habitação e da Reabilitação Urbana e pela Federação Nacional das Cooperativas de Habitação;
- Construção de 130 alojamento PER (Plano Especial de Realojamento) e de 126 alojamentos para novos residentes (Habitação a Custos Controlados);
- Promoção de melhores condições higiénicas e infra-estruturação do solo;

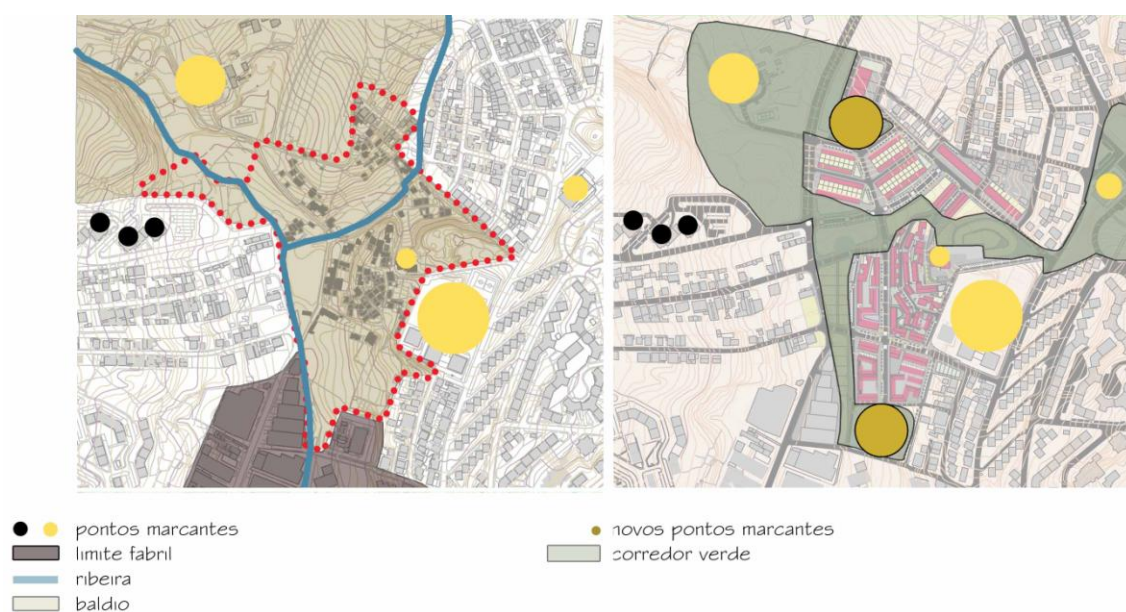


Fig. 46 Proposta de intervenção: limites, pontos marcantes



## 6.1. Projecto Urbano

### 6.1.1. Ideia

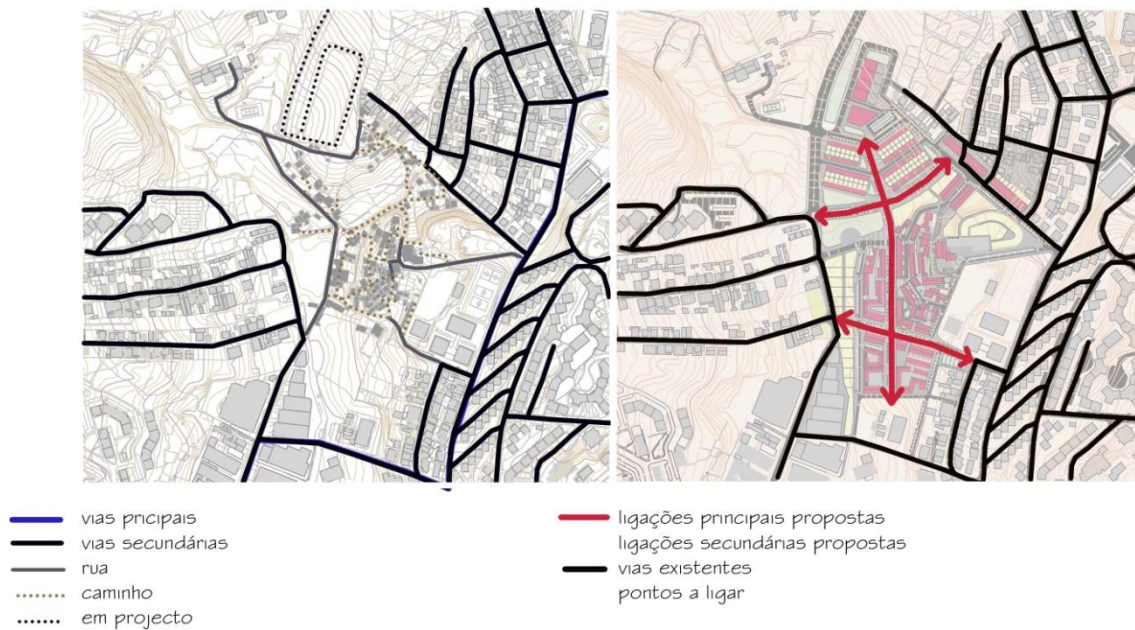


Fig. 47 Proposta de intervenção: circulação

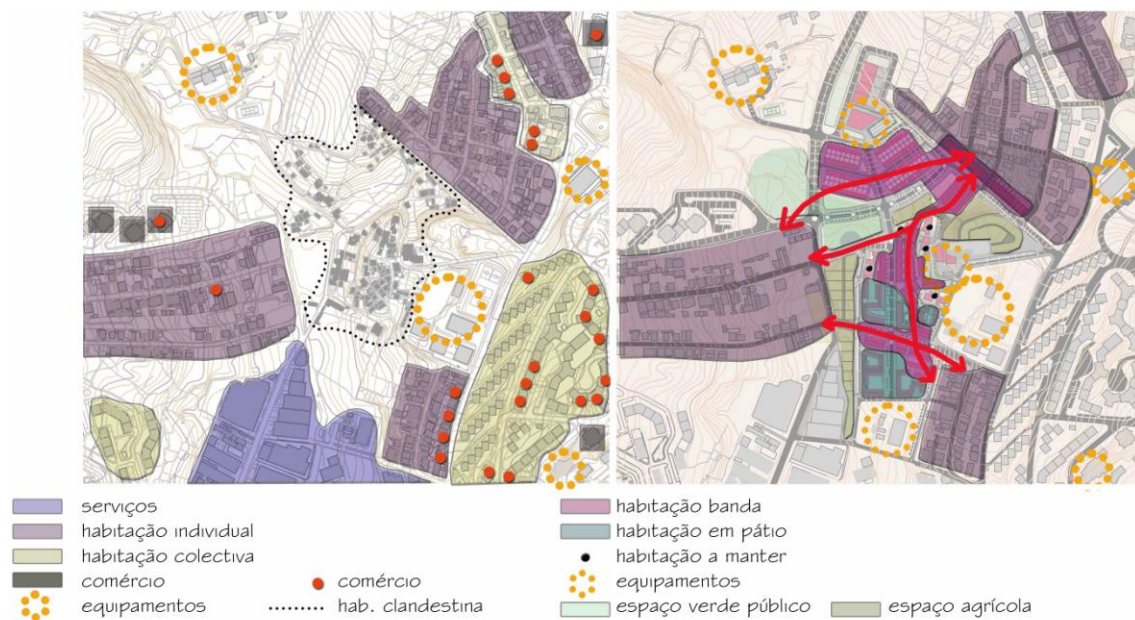
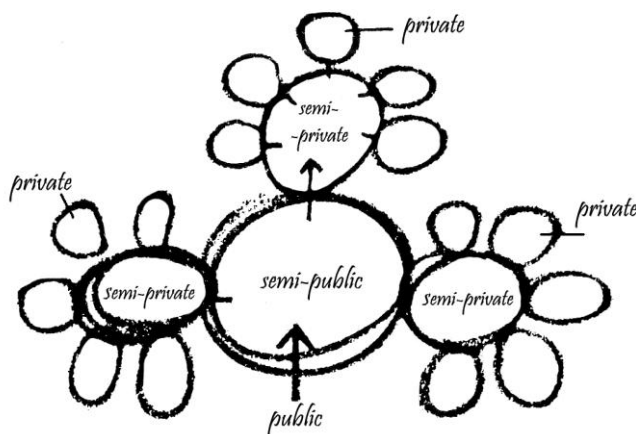


Fig. 48 Proposta de intervenção: usos

Na concepção do trabalho prático paralelo a esta dissertação, foi privilegiado acima de tudo as ligações entre pessoas no exterior das habitações.

É no pátio enquanto espaço comunitário que as crianças brincam, é nele que os graúdos conversam, é nele que se festeja a alegria de ter um tecto para viver. Jan Gehl afirma que um espaço comunitário, é um espaço semi-público na mediação entre o público e o privado (Fig. 49) onde se celebra a vida<sup>105</sup>.



**Fig. 49** Espaços comunitários

(Fonte: GEHL, Jan - *La humanización del espacio urbano* - Barcelona: Editorial Reverté, 2006 - pág. 69)

Atendendo às condições do sítio, a ideia base do projecto é criar um eixo principal entre as duas colinas e outros dois a este secundários que ligam respectivamente a AUGI Mimosa a oeste com a AUGI localizada a norte e com rua da escola (Fig. 47). Propõe-se que a fábrica existente na extremidade sul do eixo principal se transforme num equipamento. O objectivo é compor assim um fio de ancoragem, que una o bairro com a envolvente e criar dois pontos de chegada nas extremidades deste eixo - dois equipamentos e respectivos espaços públicos - que chamem as pessoas de fora do bairro para dentro do bairro e vice versa.

### 6.1.3. Objectivos da proposta

- requalificar as casas existentes que reúnam condições de serem mantidas;
- propor uma estratégia de projecto urbano que una o Bairro com o envolvente;
- intervir não só para responder às necessidades do Bairro mas também para atrair as comunidades envolventes para o Bairro de forma a reduzir a exclusão social e a promover a partilha de culturas;
- apelar à sustentabilidade da estratégia urbana com a formação de um corredor verde ao longo da ribeira existente;

<sup>105</sup> "La función principal de los espacios comunitarios es proporcionar ele escnario para la vida entre los edificios, para las actividades cotidianas imprevistas: la circulación peatonal, las estancias cortas, los juegos y esas actividades sociales sencillas a partir de las cuales se puede desarrollar una vida comunitaria adicional, tal como deseaban los residentes." - GEHL, Jan - *La humanización del espacio urbano*. Barcelona: Editorial Reverté, 2006 - pág. 67.

- gerar emprego dentro do bairro (através das hortas, centro cultural, mercado e jardim de infância)

#### 6.1.5. Espaços de estar a manter e respectivas habitações

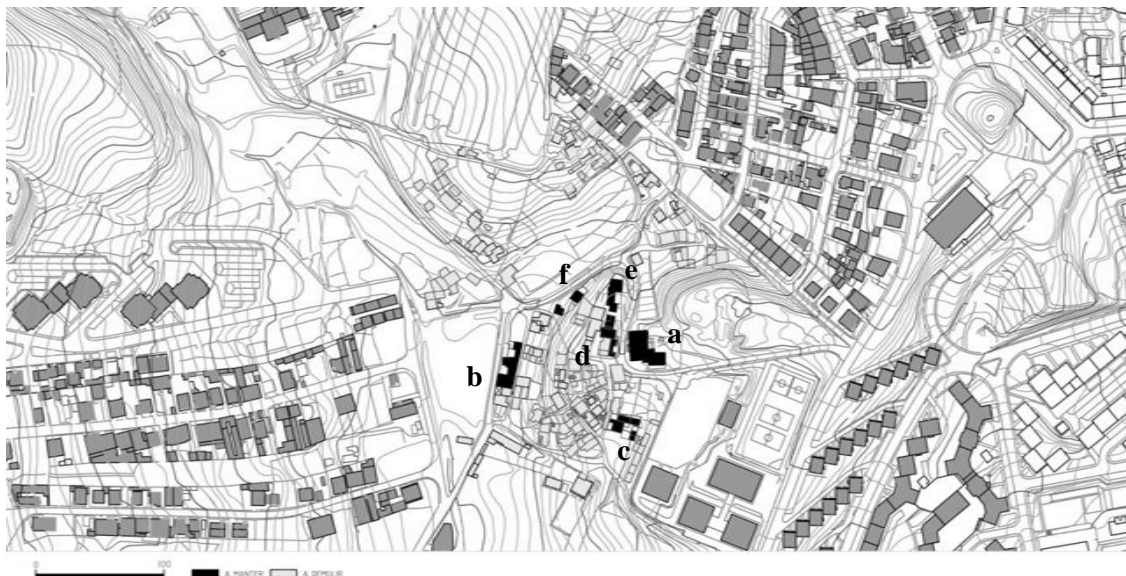


Fig. 50 Edifícios a manter (planta)

As condições precárias das habitações levam-nos a propor a extinção da sua maioria e sua substituição por outras, enquadradas num plano estratégico.

As habitações "escolhidas" a manter e a recuperar, atendem não só às suas condições físicas mas principalmente às suas condições arquitectónicas, conducentes à temática desta dissertação (Fig. 50).

Começamos então pela Antiga Fábrica de Peles. É um dos primeiros edifícios do local, um marco importante da antiga quinta do Barruncho que possui no seu interior uma pequena capela, hoje sem uso (Fig. 51a). Actualmente, uma parte do conjunto de edifícios encontra-se abandonada e é alvo de vandalismos, outra parte encontra-se arrendada a dois portugueses que se recusam a sair do local, pelo inestimável valor que a casa tem para eles. O valor cultural e simbólico da fábrica no local, são por isso factores essenciais para a considerarmos como edifício a manter e a recuperar.

Quanto às habitações existentes, pretende-se recuperar as que rodeiam os pátios colectivos "rosa" e "de cima" (Fig. 51 c/ e), bem como integrar parte das casas dos portugueses (Fig. 51b), a casa da D. Edema (Fig.51d) e a casa pátio (Fig. 51f)<sup>106</sup> no plano estratégico. O objectivo é em primeiro lugar preservar parte das casas dos portugueses, e em segundo lugar recuperar as habitações do tipo pátio existente no local.

<sup>106</sup> Mais uma vez, a designação atribuída pela autora aos pátios existentes, decorre das condições físicas dos edifícios.



Em todas as habitações escolhidas decorrentes do sistema pátio (Fig. 51 c-f) verificam-se modos de apropriação espacial diferentes. Por um lado situações de alpendre ou pátio particular (Fig. 51 d/ f) por outro situações de pátio comum e partilhados por duas a três famílias com dimensões suficientes para a realização de festas e brincadeiras entre miúdos (Fig. 51c/ e).



**Fig. 51 Edifícios a manter (fotos)**

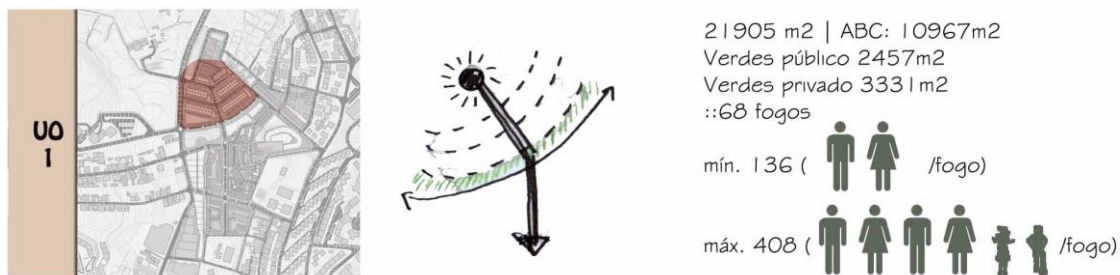
a. antiga fábrica de Peles; b. casas dos portugueses; c. pátio 1; d. casa da D. Edema; e. pátio 2; f. casa pátio  
- fotos tiradas em 12/07/13 (a, c, d, e) e 12/ 10/ 12 (b, f)

## 6.2. Unidades operativas e faseamento da construção

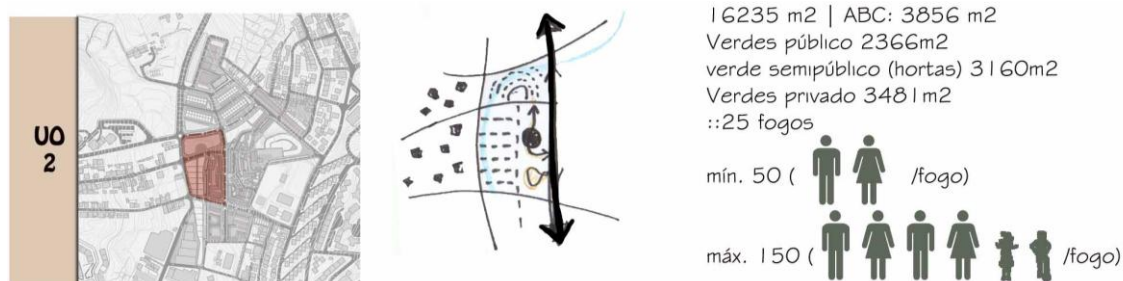
A estratégia de intervenção baseou-se num plano estratégico faseado.

Começámos por dividir o terreno de intervenção em quatro unidades operativas.

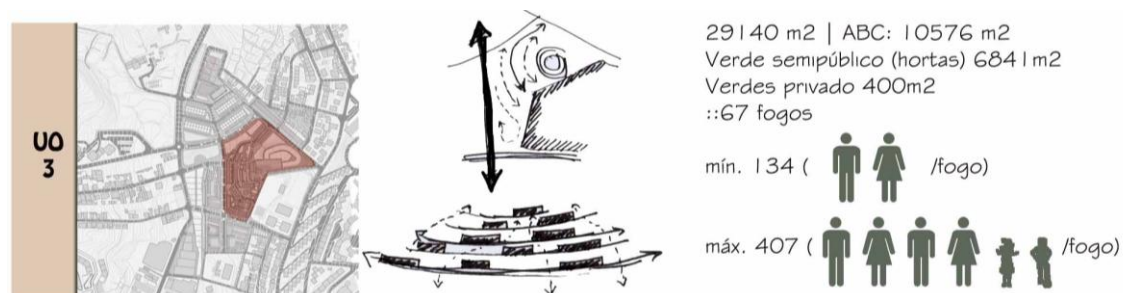
Cada uma, decorre da relação entre o terreno e a estratégia geral da intervenção. Todas elas, fundamentalmente habitacionais, estão dependentes do eixo principal da intervenção.



A primeira unidade, dispõe-se ao longo da colina situada a norte do terreno. À imagem do Bairro do Alto do Moinho, as ruas acompanham as curvas de nível do terreno perpendiculares ao eixo principal, eixo este que termina a norte com um novo equipamento - o centro de saúde.



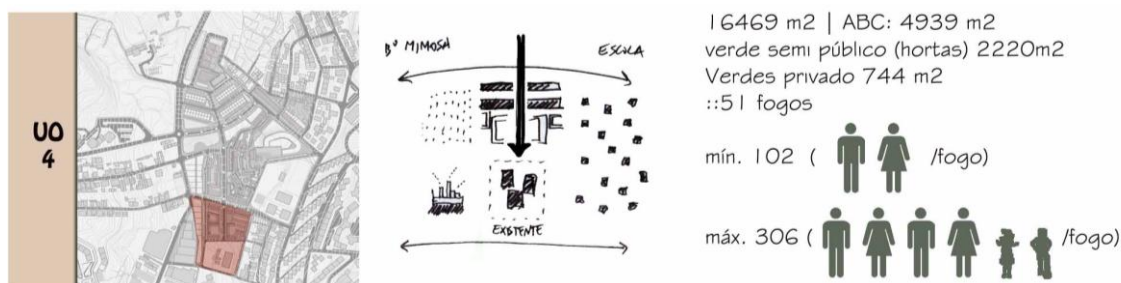
A segunda unidade operativa, situa-se a meio da zona de intervenção e contempla não só habitações colectivas mas também um conjunto de hortas urbanas, coincidentes com a linha de cheias. Os pátios colectivos aqui existentes têm a função de ligar as hortas e o eixo principal da proposta.



A terceira unidade operativa, é a unidade constituída pelo centro do bairro. Decidiu-se manter um conjunto de habitações dotadas de características espaciais de relevância para o



tema, bem como a antiga Fábrica de peles. Esta última dará lugar a um Centro Cultural e o espaço envolvente ao edifício irá ser revitalizado a ponto de se fortalecer o grande centro do bairro. Mais à frente iremos aprofundar esta unidade, quer em termos urbanos quer em termos habitacionais.



Por último, a quarta unidade dispõe-se a sul da zona de intervenção e é limitada pela ligação entre o Bairro da Mimosa, a escola e a rua a sul existente, que separa o Bairro do Barrunho da zona fabril. Pretende-se que, o edifício disposto no limite do eixo principal da intervenção se converta num mercado, de forma a criar uma entrada para o bairro coincidente com o eixo. Simultaneamente será um ponto de partida para as hortas dispostas ao longo da linha de cheias.

Quanto ao faseamento da construção do projecto e à imagem do sistema do processo SAAL, propomos a seguinte sequência de tarefas:

- construção das vias, ruas e do corredor verde e respectivas hortas urbanas ( deve existir um consenso entre os moradores, arquitectos e empreiteiros);
- construção do primeiro piso de cada edifício (custos a cargo da câmara; os moradores ajudam na construção);
- revitalização da antiga Fábrica de peles, construção do Mercado a sul e do Centro de saúde a norte;
- construção dos restantes pisos de cada edifício, mediante a necessidade de cada morador (custos a cargo de cada proprietário);

Sucintamente, pretende-se que as quatro unidades operativas se interliguem por via de uma estratégia de conjunto decorrente da relação do lugar, da envolvente próxima, da topografia e das carências do sítio.

De seguida iremos aprofundar a UO3. A escolha desta unidade para o decorrer do projecto - desde o espaço urbano até á sua construção - advêm da centralidade do lugar para o bairro.

### 6.3. Projecto do Espaço Público

Segundo Pedro Brandão, o espaço público é o espaço exterior que permite unir as pessoas, mesmo elas desconhecidas:

*"A cidade, apela ao movimento, e o vazio é o lugar do encontro: "estar junto". Tendemos a ver no espaço vazio uma oportunidade para a visão da natureza perdida, ou para a cenografia da excepcionalidade. O vazio não é a sobra, é a construção do verdadeiro espectáculo urbano - a proximidade. "O que torna a sociedade de massas tão difícil de suportar não é o número de pessoas; é que o espaço que há entre elas não têm mais o poder de as juntar."*<sup>107</sup>

A eficiência do desenho do espaço público é dada pela sua adequabilidade para com o ser humano. Assim, o espaço público promove o bem estar da população entre a casa e a cidade, permitindo que esta circule e que esteja com os seus semelhantes em pontos específicos. O mobiliário urbano - candeeiros, bancos, mesas, etc. - e os espaços verdes são elementos essenciais para a criação de um espaço público agradável. Fernanda Fragateiro afirma que devem ser construídos *"espaços onde os adultos podem voltar a ser crianças outra vez. São as pessoas que activam os espaços"*<sup>108</sup>, uma vez que a essência destes espaços reside na sua apropriação.

Um caso interessante aqui a destacar, que reformulou por completo parte da zona ribeirinha da cidade, é o plano de Pormenor do Cacém realizado ao abrigo do programa POLIS (Fig. 52). À imagem do que se propõe no Barruncho, a intervenção passou pela demolição de edifícios pontuais bem perto do rio e pela constituição de um corredor verde sinuoso, simultaneamente de circulação e de permanência. O facto é que uma ribeira desabitada, suja e escondida tornou-se num lugar agradável, embora que húmido ou mesmo escondido. A intervenção permitiu descongestionar as ruas a caminho da estação e conferir ao Cacém uma urbanidade mais limpa e melhorada.

---

<sup>107</sup> ARENDT, H. - *Condition de L'Homme Moderne*, ed. Presses Pocket col Agora 1988 - citado em BRANDÃO, Pedro - *Apocalíptico - integrados*. In *Design Urbano Inclusivo, uma experiência de projecto em Marvila Fragmentos e Nexos*. Lisboa: Edição Centro Português de Design, 2004.

<sup>108</sup> FRAGATEIRO, Fernanda - *Jardins nas Margens, Parque Linear da Ribeira das Jaldas no Cacém*, 2003 - In *Design Urbano Inclusivo, uma experiência de projecto em Marvila Fragmentos e Nexos*. Lisboa: Edição Centro Português de Design, 2004 - pág. 146.



Fig. 52 Intervenção na Ribeira das Jaldas, Agualva-Cacém 2007, fonte: <http://www.parqueexpo.pt/>)

#### *6.2.1. A rua, o beco e o pátio no projecto*

A rua, o pátio e o beco são as formas de espaço público essenciais para a presente estratégia.

Em primeiro lugar, a via é utilizada em casos em que é necessário permitir a acessibilidade das pessoas e dos carros nos eixos principais e nas duas ruas que atravessam o bairro. A rua pedonal por sua vez, é utilizada no interior do bairro e geralmente no sentido da pendente, com a função de circular, "descer/subir". O pátio tem o objectivo de criar momentos de permanência e de encontro, em pontos centrais da estratégia ou em pontos de intersecção de eixos. Por último, o beco é utilizado em situações de intimidade extrema, onde é necessário uma maior contenção de espaço.

No interior do bairro, existe uma sequência de momentos, desde a rua "apertada" por edifícios e pela própria escola, até à rua permeável das hortas situadas bem perto da ribeira. Em momentos de maior compressão, a rua é dinamizada por pátios intercalares (Fig. 53) em gesto de criar uma melodia de tensão e de compressão.

Na parte do plano escolhido - o centro do bairro, U3 - pretende-se preservar a ideia de núcleo existente e requalificá-lo a ponto de se tornar formalmente uma praça, devido aos seu enorme valor social e histórico. Para esta, irão convergir os eixos perpendicular da proposta à colina bem como os espaços de estar públicos secundários.

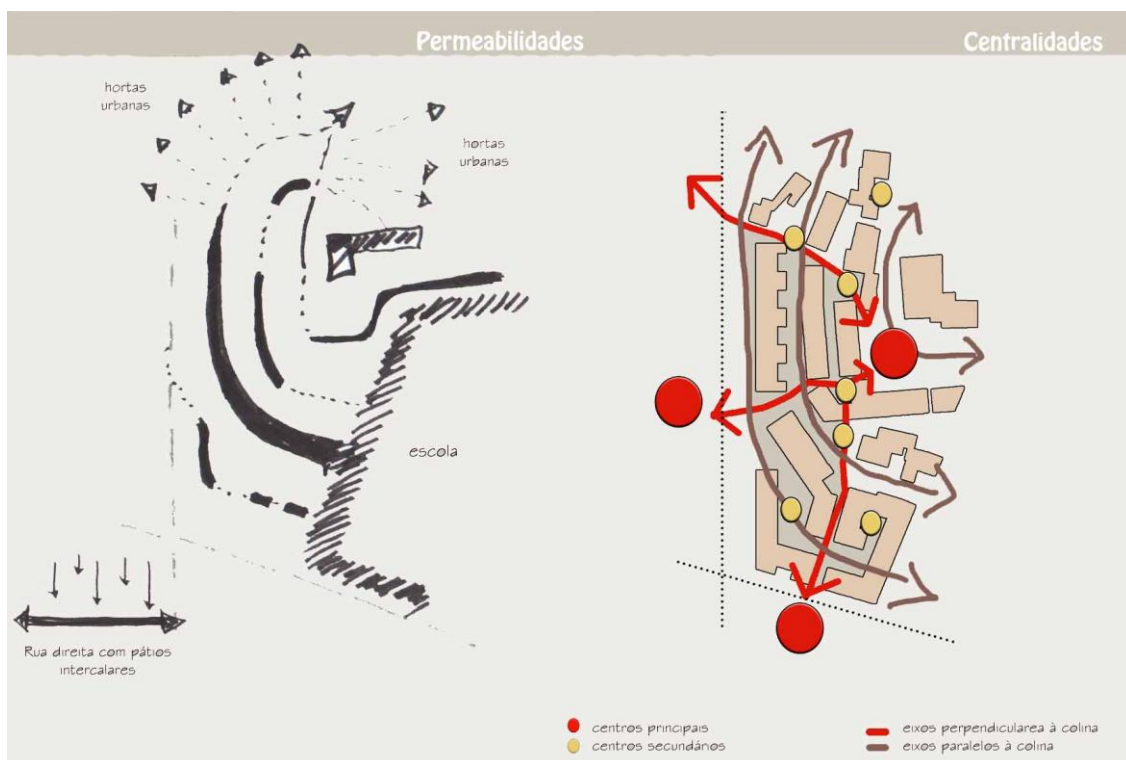
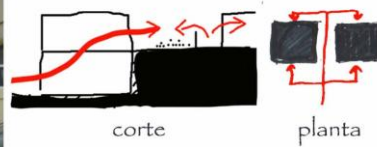


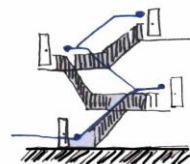
Fig. 53 Proposta de intervenção: permeabilidades e centralidades

Quanto às referências a aplicar no projecto prático e conducentes aos temas "pátio colectivo" e "clandestinidade", foram as seguintes:

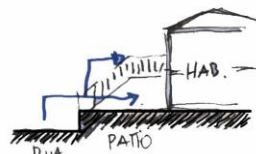
- Vila Emília - quando o edifício remata duas cotas diferentes, e por isso tem duas entradas;



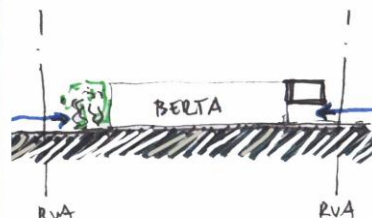
- Vila Rodrigues - em situações que se pretende ter dois fogos sobrepostos com entradas igualmente sobrepostas;



- Vila Bagatela e Vila Ramos - em situações de pátio em "pódio" (a cota superior);



- Vila Berta - em situações é que é necessário marcar a entrada do pátio;



### 6.3.2 Pátios principais/ praça central

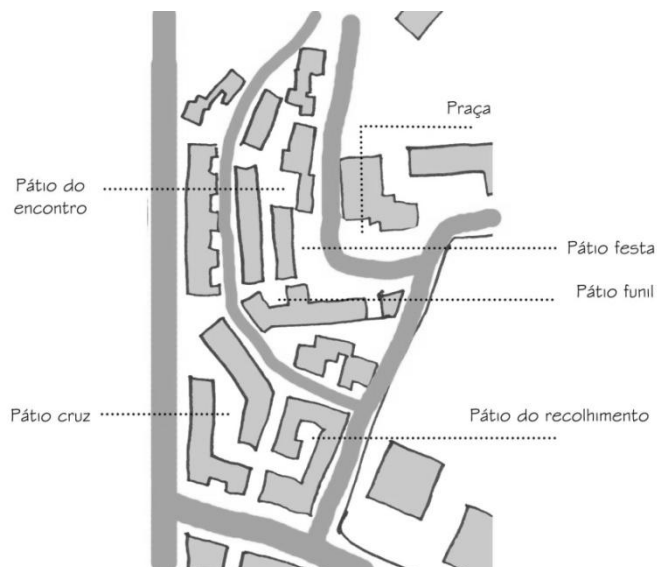


Fig. 54 Identificação dos pátios propostos

Os cinco pátios (Fig. 54) projectados para a unidade operativa 3, são distintos e decorrem das características específicas de cada lugar.



Fig. 55 Pátio cruz

Começamos pelo pátio Cruz (Fig. 55). Seu nome decorre do facto de se encontrar no cruzamento de dois eixos. O seu interior é amplo e composto por dois patamares. Ambos dão acesso às habitações, sendo o mais elevado o mais privado e permeável (pavimento). A referência base para as diferenças altimétricas deste pátio foi a Vila Bagatela.



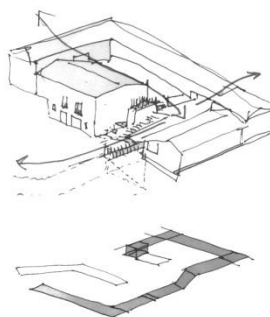


Fig. 56 Pátio do recolhimento

Bem perto da escola, temos o pátio do Recolhimento (Fig. 56). O seu nome provém da tensão que a dita escola (situada a uma cota bem mais alta) exerce sobre o bairro. O pátio do Recolhimento, é portanto o espaço que se fecha para dentro e permite a ligação entre o bairro e a escola. Possui ainda dimensões exíguas que permitem a circulação e a permanência das pessoas.

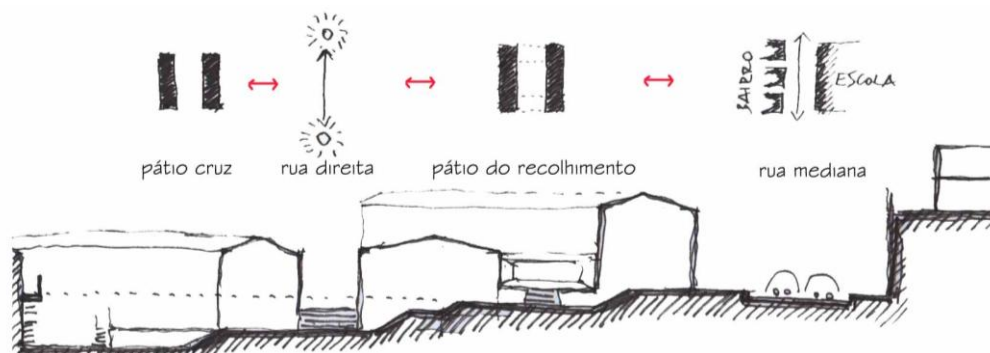


Fig. 57 Esquemas da ligação do Pátio Cruz e do Pátio do Recolhimento

Na ligação entre os dois pátios mencionado propomos a existência de um sistema de escadas que dá acesso ao segundo piso de uma banda do pátio Cruz e que se prolonga até ao início do Pátio do recolhimento (Fig. 57).

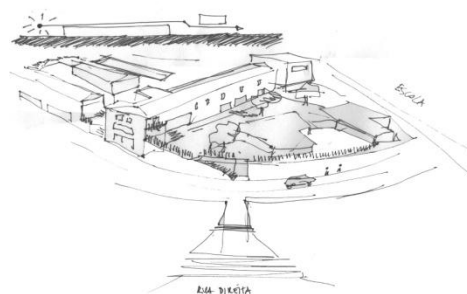


Fig. 58 Pátio funil



O pátio Funil por sua vez (Fig. 58) decorre, em primeiro lugar, da intenção de afunilar a rua que vem do Pátio do Encontro até ao espaço público próximo do Pátio rosa (existente) e, em segundo lugar, da intenção de unir os residentes e os inclinos que irão morar no lugar. Pretende-se aqui "abraçar" as famílias - moradores fixos - com os inclinos - moradores não fixos.

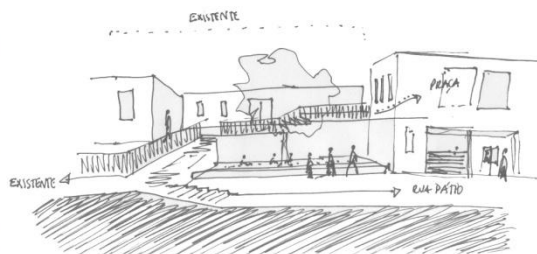


Fig. 59 Pátio do encontro

Por outro lado, o pátio do Encontro (Fig. 59), medeia e une um conjunto de casas existentes com parte da proposta. No seu interior, existe um jardim que separa as duas cotas (existente e proposta). A transição da cota mais alta para a mais baixa, é realizada por via de uma escada com vários patamares de descanso, com o intuito de potenciar alguma demora/permanência no percurso.



Fig. 60 Pátio festa

O pátio Festa (Fig. 60) por seu turno, situa-se próximo da praça central (de acesso ao centro Cultural) e distancia-se desta última através de uma diferença de cotas. Seu nome decorre do seu possível uso: a existência de convívios de maior dimensão, ainda dentro do núcleo do bairro.



Fig. 61 Praça e Centro cultural (antiga Fábrica de Peles)

Por último, temos a Praça central (Fig. 61) apenas limitada pelo edifício da antiga fábrica e uma das ruas de acesso ao bairro.

Em todos estes espaços públicos, o pavimento é em calçada portuguesa, à excepção dos mais amplos que, ora são cobertos por uma grelha de enrelvamento ora se transformam em jardins. O objectivo é potenciar pontualmente a permeabilidade do terreno e consequentemente a sustentabilidade do lugar.

### 6.3.3. Corredor verde



Fig. 62 Corredor verde: hortas urbanas

Uma das valências essenciais para a sustentabilidade do terreno e dos moradores do Barruncho são as hortas urbanas.

À imagem das hortas da Quinta da Granja em Benfica, propõe-se a existência de espaços de cultivo intercalados com ciclovias e espaços verdes de uso público (Fig. 62).

Cada talhão será da responsabilidade do proprietário e poderá ser delimitado por bidões ou por redes. De forma a promover a versatilidade dos objectos, os bidões poderão ser depósitos de água ou de compostagem de apoio às hortas (Fig. 63).

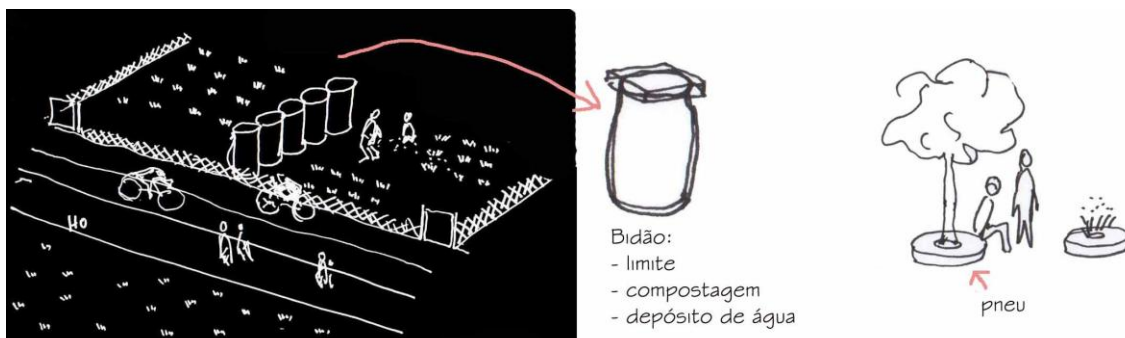


Fig. 63 Exemplo de divisão do terreno em parcelas: hortas

#### 6.4. Projecto da habitação

O projecto de arquitectura paralelo a esta dissertação baseia-se na evolução da casa enquanto objecto de se altera mediante as necessidades dos moradores.

Com o movimento moderno deu-se um grande enfoque à versatilidade dos espaços<sup>109</sup>. As alterações a realizar numa habitação, não devem apenas decorrer de um problema económico mas principalmente de uma situação social - adaptação da habitação conforme a alteração do agregado familiar.

Isto porque, na verdade, a família ora cresce ora diminui, o que faz com que esta mude de habitação com frequência e que o mercado imobiliário apresente um leque de soluções específica para cada agregado familiar. Mas se a unidade habitacional for adaptável a ponto de sustentar um maior ou menor número de pessoas, as pessoas não terão de mudar de casa com frequência. Existe um maior controlo no custo da construção e, por outro lado, evita-se a segregação social e tipológica de grupos e habitações semelhantes em determinados locais.

A evolução da casa, dá-se segundo Nuno Portas por ampliação ou divisão. O primeiro sistema implica ter disponibilidade vertical horizontal ou vertical enquanto que o segundo, implica um maior racionalismo na organização interna da habitação. Por norma, o sistema de "habitação evolutiva" permite gastar pouco numa primeira fase porque apenas se constrói o que o inclino precisa - um abrigo protótipo infra-estruturado, geralmente com a ajuda da sua mão de obra. O objectivo é estabelecer prioridades numa fase inicial - o proprietário do terreno oferece terreno e uma casa em troca de mão de obra e uma renda baixa - e prever o crescimento da habitação de acordo com algumas limitações espaciais.

<sup>109</sup> SILVA DIAS, Francisco - *Habitação evolutiva* - in *Arquitectura* nº 126, 1972.

Quanto aos encargos, o rendimento familiar destas populações por vezes não é suficiente para pagar uma renda ou mesmo as alterações necessárias numa casa. Neste caso, os impulsionares deste projecto devem criar formas de incentivo fiscais, ou mesmo de outro âmbito para que as condições financeiras não sejam a principal limitação para o acréscimo da habitação por parte do morador.

No colóquio sobre Política da Habitação realizado em 1969, concluiu-se que para que todo o sistema de habitação evolutiva resulte, tem de existir uma relação entre a habitação, os locais de trabalho e o equipamento (Fig. 64). O objectivo é apelar a qualificação profissional dos intervenientes, usar a sua mão de obra para a construção de equipamentos próximos e acima de tudo construir um sentido de grupo. Pretende-se por isso, promover o crescimento não somente de suas casas mas também de um bairro planificado, legalizado e conduzido de acordo com a vontade, opinião e participação conjunta das pessoas.

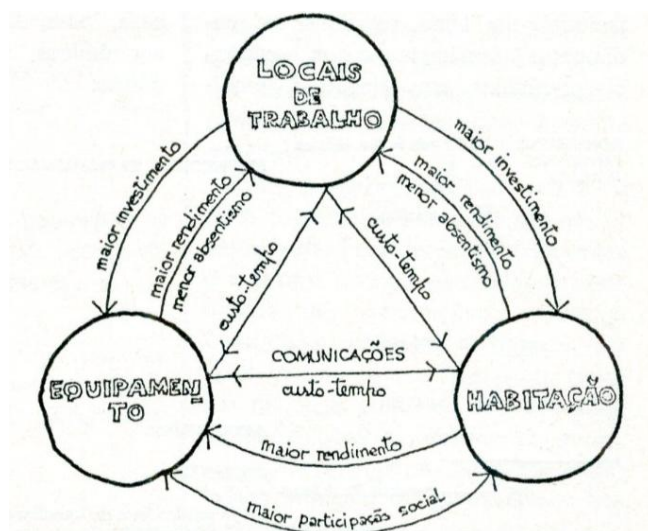


Fig. 64 Dinâmica de crescimento e segurança urbana  
(in Revista Arquitectura nº 126, 1972, pág. 107)

#### 6.4.1. Módulo base e variantes da habitação

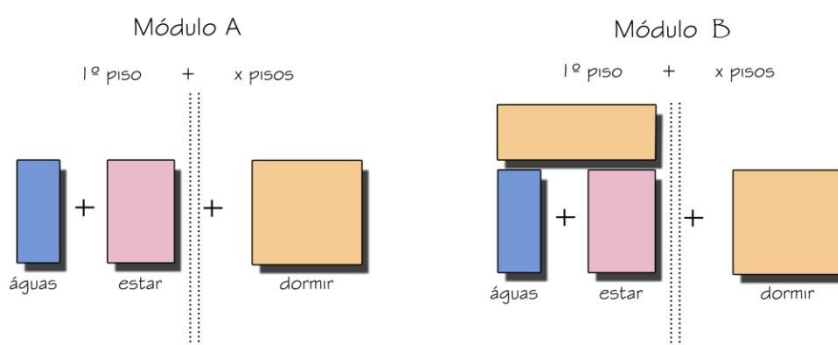


Fig. 65 Módulos base: esquemas

Actualmente, cada habitação possui em média quatro a cinco pessoas, tem condições interiores precárias e os espaços interiores são mínimos. Optou-se então pela produção de um projecto de arquitectura doméstica, por se tratar de um problema de máxima urgência para a revitalização do Bairro do Barruncho.

Foram constituídos dois módulos possíveis de habitação, cada um motivado por uma resposta social: um destinado a famílias de baixa a média dimensão (T0 a T4) outro destinado a famílias de elevada dimensão (T2 a T6) com ou sem logradouro (Fig. 65). Pretende-se acima de tudo, conjugar estas tipologias de forma a não causar estigmas sociais entre moradores.

A organização de cada fogo assenta na adição dos espaços (Fig. 66), consoante as necessidades e possibilidades financeiras dos moradores. O módulo A, é composto por um espaço de estar e um espaço de águas (T0). Por adição, a casa cresce no sentido vertical de modo a ter 2/4 assoalhadas e um pátio (T2 a T4). No módulo B, os espaços base são a sala, os espaço de águas e dois quartos. Por adição vertical, podem ser acoplado mais duas ou quatro assoalhadas formando respectivamente um T4 ou um T6 (Fig. 67).

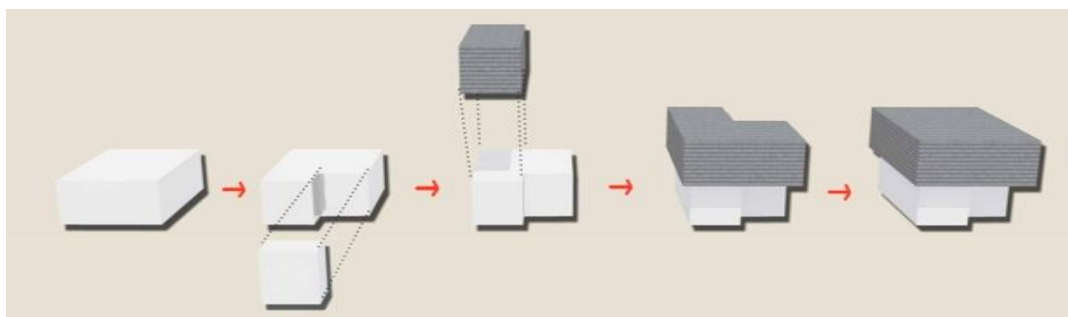


Fig. 66 Projecto da habitação: exemplo de evolução

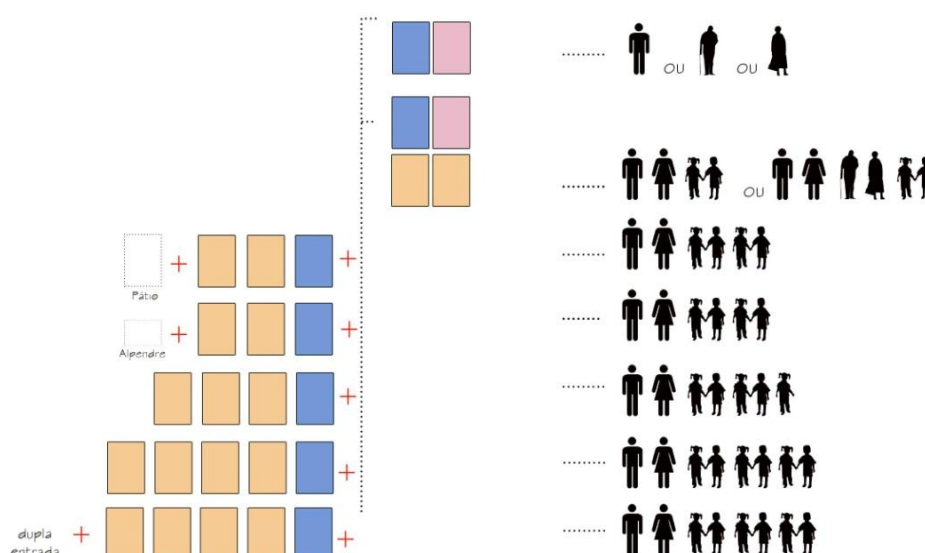


Fig. 67 Evolução da habitação

Em relação a cada habitação, o objectivo será fornecer um espaço limitado. Cada família tem a possibilidade de mudar o modulo inicial, por acrescento ou por subtracção de um sub-módulo, não excedendo nunca o limite do lote e os dois pisos por fogo. Além disso e tal como existe em diversos pontos no Bairro do Barrunho, a transição do espaço público para o espaço privado é realizada por um espaço mediador: o alpendre. Este destina-se à permanência das pessoas, ao abrigo de plantas e verduras e à realização de tarefas domésticas tais como a secagem da roupa.

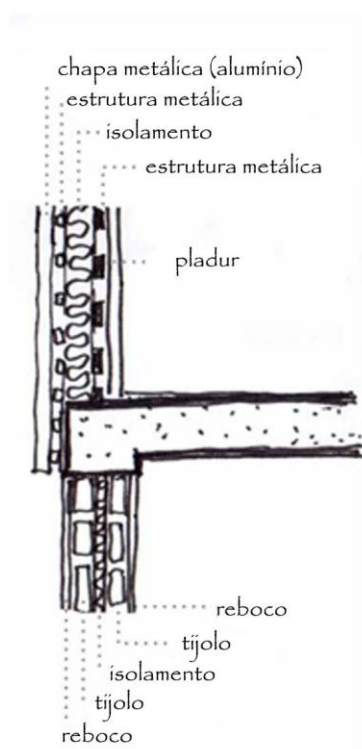
## **6.5. Sistema construtivo**

À imagem das habitações de Monroy, o sistema construtivo inicial será patrocinado pelas entidades geradoras de todo o processo. Mais tarde, cada família terá de reunir condições para acrescentar espaços à casa, de acordo com um conjunto de incentivos financeiros e laborais, tais como a oferta de trabalho nas hortas e nos equipamentos de proximidade.

Pretende-se que os moradores construam os restantes pisos da casa com materiais, standard, facilmente removíveis. O objectivo é apelar à flexibilidade da segunda parte da construção, e responder de forma simples a um número diversificado de agregado familiar, prevendo as mudanças que futuramente podem existir dentro de cada fogo.

Para isso, propõe-se que o primeiro piso de todos os fogos seja realizado em alvenaria de tijolo e os restantes com um misto de chapa de alumínio e Pladur. A estrutura de suporte é única: em betão no primeiro piso e mista no segundo piso (pilares em betão e perfis metálicos). À imagem do que ocorre no bairro, os espaços são por isso concebidos com um misto de materiais: betão, tijolo, alumínio e paletes (Fig. 68).





**Fig. 68 Sistema construtivo**  
Corte construtivo (esquerda), axonometria (centro), alpendre (direita)



## 7. Conclusão

O pátio enquanto centro e mediador foi o tema escolhido para esta dissertação. Criámos um enfoque nos pátios colectivos existentes na habitação social e no seu sentido agregador, por vezes existentes noutros espaços como a rua e o beco.

Em termos urbanos, o pátio pode ser um espaço final ou um ponto marcante de um percurso. No primeiro caso, procura-se convergir uma estrutura urbana para um ponto específico, culminar de um percurso, enquanto que no segundo caso, a intenção é ramificar um percurso e pontualmente marcá-lo com lugares de permanência, tais como o pátio. Em ambos os casos, o pátio funciona como espaço centralizador, na medida em que tem capacidade de aglutinar um conjunto de pessoas e incutir nelas a socialização com os demais. Quando aplicado enquanto mediador de um ponto a outro, a função é constituir uma estrutura de relações urbanas que permite a descentralização de espaços de estar e, por isso, uma maior dinâmica social e urbana.

Na escala da habitação, o pátio é um espaço também ele mediador uma vez que permite a transição de um espaço colectivo e público para um espaço familiar e privado. No caso da habitação social, a familiaridade do interior das habitações perpetua-se para o exterior, e por isso a barreira público - privada entre o exterior e o interior marcada pela existência de um pátio colectivo é quebrada (por vezes inexistente), existindo por isso uma partilha de formas de estar no exterior.

Centralizar e mediar são por isso duas funções do pátio, inter-relacionadas quando se trata da habitação social. Neste caso, o pátio permite a socialização, a convergência da vida das pessoas para o exterior de forma partilhada.

Do estudo aqui apresentado, verificamos que o sentido do pátio se alterou ao longo do tempo, consoante a cultura e o contexto social subjacente.

Começámos por diferenciar o pátio privado do pátio colectivo. No campo da habitação, o pátio privado está geralmente associado à casa-pátio, podendo este ser interior, lateral, de entrada ou tardoz. O sentido é formar um espaço aberto no interior da casa ou de um conjunto de casas, de carácter intimista e resguardado do exterior. O pátio colectivo por sua vez, tem uma presença muito forte na habitação social. É o caso das vilas operárias, conjuntos de habitações recolhidas das cidades e ao mesmo tempo colectivas na forma, nos acessos e na intimidade. Estas foram bastante importantes para este trabalho, não só pela sua proximidade social mas também pelas condições socioeconómicas, semelhantes às que encontramos no Bairro do

Barruncho. A grande característica destas construções é a vida existente no espaço público, seja uma rua, um beco ou um pátio.

Verificámos que o tamanho, o acesso e a cota dos pátios se encontram, condiciona a forma como o espaço é vivido e apropriado.

Um pátio estreito e recolhido como o da vila Borga é mais privado e acolhedor que o pátio largo e aberto como o da vila Celeste. O primeiro incentiva as pessoas a usar o pátio enquanto prolongamento da casa, como espaço de estar e brincadeira. O segundo, apenas se destina à circulação de pessoas e de automóveis.

Por outro lado, a forma de acesso ao pátio é também muito importante. Encontramos pátios lisboetas com acesso privado, marcado com um portão que filtra a passagem de pessoas para o interior como é o caso da vila Bagatela e da Vila Mendonça. Estes são naturalmente mais privados e resguardados que os restantes, embora continuem a ser colectivos. Ainda no acesso, é importante realçar o sistema de escadas que algumas vilas utilizam para o 2º piso, podendo o acesso ser colectivo (Vila Rodrigues, Vila Bagatela), ou mesmo privado de cada bloco de casa (Vila Celeste, Vila Paulo, Vila Mendonça).

Por último, verificamos que a diferença altimétrica em que os pátios e respectivas casas estão em relação à rua, potencia um maior recolhimento (Vila Bagatela, Vila Marques).

Outros casos de estudo importantes para esta dissertação foram o Bairro Alto do Moinho e a Quinta Monroy Elementar. Os dois casos foram realizados no âmbito do realojamento de pessoas de bairros precários, segundo uma estratégia conjunta e planeada.

No fundo, os três casos de estudo aqui apresentados – vilas operárias, Bairro Alto do Moinho e Quinta Monroy – foram relevantes para o projecto de intervenção no Bairro do Barruncho, respectivamente pelo sentido do espaço concebido, pela relação entre o terreno e o projecto e pelo processo faseado da construção.

Quanto ao Bairro do Barruncho, este é marcado pela relação entre as pessoas e o espaço. A população é constituída por várias etnias: africana, cigana e portuguesa, cuja maioria, tem baixa escolaridade e encontra-se desempregada, tendo como sustento os produtos criados nas hortas dentro do Bairro.

O carinho com que os moradores tratam o espaço no limiar de suas casas e a forma como cada núcleo de habitações, usa o espaço público como espaço de permanência, de encontro e de festa é peculiar e muito próximo do que existe na arquitectura popular. Apesar da informalidade dos espaços e da fragilidade dos processos construtivos, a comunidade vive atentamente o espaço, usando-o ao extremo a ponto de perpetuar para o exterior, as tarefas que convencionalmente são usualmente realizadas no interior das casas, tais como cozinhar, comer,

estar e brincar. O espaço público existente é fundamentalmente a rua, rua esta que tal como nas vilas operárias e nas escadarias do Bairro do Alto do Moinho, tem o sentido de pátio na medida em que as pessoas a usam não apenas para circular mas também para permanecer, ficar e comunicar com os outros. No fundo, e apesar da informalidade do espaço, as ruas são vividas com intensidade, e têm por isso um sentido muito semelhante aos pátios colectivos formais.

Quanto ao projecto, começou-se por definir um eixo entre as duas colinas que definem o bairro, propondo a existência de um equipamento em cada extremidade com a função de agregar o Bairro com a envolvente.

Foram projectadas um conjunto de radiais paralelas à colina e, perpendicularmente a estas, eixos convergentes para a grande praça do Bairro, bem perto da antiga Fábrica de Peles. No interior do bairro foram concebidos cinco pátios principais: pátio Cruz, pátio do Recolhimento, pátio do Encontro, o pátio Funil e o pátio Festa. O primeiro, de maior dimensão e à imagem do pátio Bagatela possui dois patamares, um mais privado do que o outro; o segundo, de menor dimensão e à imagem da vila Ramos, resolve a diferença de cotas existente; o terceiro, une as habitações existente com a proposta; o quarto à imagem do túnel da Vila Berta liga duas ruas de carácter diferentes; por último, o pátio Festa disposto a cota inferior em relação à praça da antiga Fábrica, possui visibilidade e dimensões suficientes para a realização de festas e convívios entre a comunidade do bairro e da envolvente. Na ligação destes pátios encontram-se ruas estreitas ora planas ora em forma de escadarias, com uma proximidade muito semelhante à rua-pátio no interior da Vila Cabrinha.

Em relação às habitações, pretendeu-se fasear todo o processo. A construção das habitações é composta por duas etapas: uma fixa (alvenaria em tijolo), outra reversível (chapa metálica no exterior e contraplacado no interior). O objectivo é garantir uma base fixa aos moradores a custo zero e uma segunda fase realizada ao encargo do proprietário. Para o efeito, é oferecido a cada proprietário um trabalho – nas hortas, mercado e no centro cultural ou mesmo em pequenas feiras realizadas nos pátios. Pretende-se com isto, constituir uma estratégia atractiva em relação à envolvente e sustentável para o Bairro e para os moradores.

Para finalizar, e voltando ao tema desta dissertação, a importância dos pátios colectivos para o Bairro do Barruncho é então fundamentalmente social. Estes espaços centrais e simultaneamente mediadores permitem, não só a agregação do Bairro com a envolvente mas também das pessoas de diferentes etnias do Bairro. Como vimos, o pátio - um espaço de partilha e de encontro - é o espaço público que melhor caracteriza a vida da habitação social. Quando utilizado enquanto sistema urbano de um projecto, potencia uma dinâmica social acrescida

verdadeiramente agregadora das pessoas que comporta. A escolha dos casos de estudo aplicados, foi intencional e pretendeu recriar um ritmo justificado na relação do projecto com o terreno, com o sítio e com a comunidade.



**Fig. 69** Foto tirada no interior de uma casa do bairro  
(fotos tiradas a 12/07/13)

## 8. Bibliografia

- AA.VV. - *Clandestinos em Portugal: Leituras*. Lisboa: ed. Livros Horizonte, 1989
- AAVV. - *O ser urbano nos caminhos de Nuno Portas* - Lisboa: Ed. Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2012
- AAVV. - *Roteiro Cultural dos pátios e vilas da sétima colina* - Lisboa: Editora Contexto, 1994
- AA.VV. - *Teoria e Crítica de Arquitectura. Século XX*. - Ordem dos Arquitectos, Lisboa: ed. Caleidoscópio, 2010
- ALARÇÃO, Jorge de - *Introdução ao estudo da casa Romana* - Coimbra: Publicação Faculdade de Letras, 1985
- ALEXANDER, Christopher; CHEMAYEFF, Serge - *Community and Privacy* - Pub. Buenos Aires, 1970
- ALEXANDER, Christopher - *The Nature of order* - volume 3 - A vision of a living world - California: Center Environmental Structure, 2002 (pág. 27 - 62)
- BLASER, Werner - *Pátios, 5000 años de evolución desde la antigüedad hasta nuestros días* - ed. Gustavo Gilli, Barcelona, 1997
- BRANDÃO, Pedro - *Apocalíptico - integrados* - In *Design Urbano Inclusivo, uma experiência de projecto em Marvila Fragmentos e Nexos*. Lisboa: Edição Centro Português de Design, 2004 - pág. 11 a 22
- CAPITEL, Antón - *La Arquitectura del pátio*. Barcelona: ed. Gustavo Gilli, 2005
- CARVALHO, Jorge - *Formas Urbanas*, Coimbra: Edições Minerva 2003
- COLCHETE FILHO, António - *Praça XV* - Rio de Janeiro: edições 7Letras, 2008
- CORDEIRO, Graça Índias e outro - *A rua: espaço, tempo e sociabilidade* - Lisboa: Livros Horizonte, 2008
- ESPOSITO, António; LEONI, Giovanni - *Eduardo Souto Moura* - Milão, ed. Electa, 2003
- FERNANDES, Fátima; CANNATA, Michele - *Guia da Arquitectura Moderna*, Porto: Edições ASA, 2002
- FRAGATEIRO, Fernanda - *Jardins nas Margens, Parque Linear da Ribeira das Jardas no Cacém, 2003* - In *Design Urbano Inclusivo, uma experiência de projecto em Marvila Fragmentos e Nexos*. Lisboa: Edição Centro Português de Design, 2004 - pág. 146 a 148.
- GEHL, Jan - *La humanización del espacio urbano* - Barcelona: Editorial Reverté, 2006
- GEHL, Jan; GEMZOE, Lars - *New city spaces* - Copenhagen: pub. The Danish Architectural Press, 2003
- HERTZBERGER, Herman - *Lessons for students in architecture* - Amesterdão: Uitgeverij Publishers, 1991 - versão consultada: *Lições de Arquitectura* - São Paulo: Livraria Martins Fontes, 2ª edição, 1999
- HILLIER Bill; HANSON, Julienne - *The social logic of space*. Cambridge University Press, 1984
- JENCKS, Charles - *Movimientos modernos en arquitectura* - Madrid: ed. Hermann Blume, 1983

- LORENÇO, Nuno - Cacém e Antas. Desenhar o espaço Urbano com os edifícios, ou apesar deles? - *Design Urbano Inclusivo, uma experiência de projecto em Marvila Fragmentos e Nexos*. Lisboa: Edição Centro Português de Design. 2004 - pág. 142 a 145
- LEITE, Ana Cristina e VILHENA, João Francisco - Lisboa: *Pátios de Lisboa, Aldeias entre muros* - Gradiva, Novembro 1991
- MACHADO, José Pedro - *Grande dicionário de Língua Portuguesa*. Sociedade de Língua Portuguesa, edições Amigos do Livro 1981
- PFEIFER, Gunter; BRAUNECK, Per - *Casas con Pátio* - Barcelona: Editora Gustavo Gili, 2009
- PEREIRA, Nuno Teotónio; BUARQUE, Irene - *Prédios e Vilas de Lisboa*. Lisboa: Livros Horizonte, 1995
- PEREIRA, Nuno Teotónio - *Evolução das formas de habitação plurifamiliar na cidade de Lisboa*. Lisboa: ed. do autor, 1979
- PORTAS, Nuno - *A habitação Social. Proposta para a metodologia da sua arquitectura*. - Porto, FAUP, 2004
- RAPOPORT, Amos - *House, form and culture* - ed. Foundations of Cultural Geography Series. Englewood Cliffs, 1969
- RODRIGUES, Maria João Madeira - *Tradição, transição e mudança* - Publicação Lisboa, 1979
- ROSSI, Aldo - *A arquitectura da cidade*, Itália, 1966 - Versão consultada: *A arquitectura da cidade* - Lisboa: Edições Cosmo, 2001
- SILVANO, Filomena - *Antropologia do espaço* - Oeiras: Celta Editora, 2002
- TÁVORA, Fernando - *Da organização do espaço* - Porto: ed. FA Porto, 2008
- TEIXEIRA, Manuel - *Habitação Popular na cidade oitocentista.. As ilhas do Porto*. Lisboa: Edições Fundação Calouste Gulbenkian, 1996
- VAN EYCK, Aldo - *Aldo Van Eyck works* - Ed. Vcent Ligtelijn, Pub. Birkhauser, 1999

## Artigos de revistas/ livros

- AALTO, Alvar - *A humanização da arquitectura* - in: *Arquitectura : revista de arte e construção*. - Ano XXII, 2ª série, nº 35 (Ago. 1950) - p. 7-8
- COELHO, António Baptista - *Humanização e vitalização do espaço público*. in *Cadernos*, LNEC, 2005
- COSTA LOBO, M. L. - *O que não se tem dito sobre a clandestinidade*. In *Encontros sobre construção clandestina (III)*, DGOT, 1989, pág. 11 a 16
- FUÃO, Fernando Freitas - *O sentido do espaço. Em que sentido, em que sentido?*- in *Arquitexto* 3-4, 2003 pág. 10-40
- AGUIAR, Douglas Vieira de - *Alma espacial* - in *Revista Arquitexto* 3-4, 2003- pág. 53, 54



- PINA, José Costa - *Construir a partir do conflito, entrevista a Jorge Mário Jaúregui*. (In revista *Arquitectura e Vida*, publicação em série nº 46/2004 - pág. 36-41
- PORTAS, Nuno - *Conceito da casa em pátio como célula social* - in *Arquitectura* nº 64, 1959
- SANTOS, Lusitano dos - *Criptoclandestinos e outros desafios* - in *Encontros sobre construção clandestina* (III), DGOT, 1989, pág. 17 a 31
- SILVA DIAS, Francisco - *Habitação evolutiva* - in *Arquitectura* nº 126, 1972

## Dissertações de apoio

- ANTUNES, Filipa Alexandra Gomes da Silva Oliveira - *Habitação operária* - Lisboa: Publicação FA, 2002
- BANDEIRINHA, José António - *O processo SAAL e a Arquitectura no 25 de Abril de 1974* - Coimbra: Imprensa da Universidade, 2007
- BOTELHO, Simão Silveira - *Espaços de Transição* - Lisboa: Publicação FA, 2010
- CUNHA, Francisco Silva e - *Da cidade à casa* - Lisboa: Publicação FA, 2010
- DUARTE, Daniel Filipe Folgado - *A habitação em torno de um vazio nuclear: principais de reabilitação do Alto da Cova da Moura* - Lisboa: Publicação FA, 2010
- FERREIRA, Raquel de Almeida Dias - *A reintrodução do pátio como elemento estruturante na casa Contemporânea Japonesa em ambiente urbano* - Lisboa: IST 2010
- FRANCO, Diogo Martins da Rocha - *Os objectos intermediários nos espaços de transição* - Publicação Lisboa: FA, 2011
- LADEIRA, Carolina Joana de Freitas - *Cidade Informal: a casa e os modos de habitar na Cova da Moura* - dissertação para obtenção de grau de Mestrado Integrado. Lisboa: Publicação FA, 2010
- REIS, Nuno Miguel Arenga - *O saguão na habitação urbana – o interior da casa em torno de um vazio vertical nuclear”* - *Espaços de Transição* - tese para obtenção de grau de doutor. Lisboa: Publicação FA, 2009
- PINTO, Sónia Cristina Ildefonso - *Vilas operárias em Lisboa. Emergência de novos modos de habitar. O caso da vila Berta* - Lisboa: Publicação IST, 2008

## Outros

- Câmara Municipal de Odivelas - *Termos de Referência para a elaboração do plano de Pormenor de Reabilitação Urbana do sítio do Barruncho* (<http://www.cm-odivelas.pt/extras/pdm>)
- Cruz/ Ortiz - *Catalogo de Arquitectura Contemporanea*. Barcelona: Ed. Gustavo Gili, S. A., 1988
- *Encyclopedia of vernacular architecture of the world, Volume 2 - Culture and Habitats*. Edições Cambridge University Press 1998

- FIGUEIREDO, Cândido de - *Dicionário de Língua Portuguesa* - Amadora: Edições Bertrand 1976
- *Histoire de la vie privée*, tome 1 : *De L'Empire romain à l'an mil*. Dir. Philippe Ariès e Georges Duby; 1985 (versão consultada: - *História da Vida privada. Do Império Romano ao ano mil* - Porto: Ed. Afrontamento, 1989)
- MULLER, Werner e VOGEL, Gunther - *Atlas zur Baukunst* - band 1 (versão consultada: *Atlas de Arquitectura, 1* - Editorial Alianza, 1984)
- MULLER, Werner e VOGEL, Gunther - *Atlas zur Baukunst* - band 2 (versão consultada: *Atlas de Arquitectura, 2* - Editorial Alianza, 1985)
- PEVSNER, Nikolaus; FLEMING, Jonh; HONOUR, Hugh - *A dictionary of Architecture* - pub. Penguin Books Ltd., Harmondsworth, Middlesex, 1975 (versão consultada: *Dicionário de Arquitectura*. Madrid, Alianza Editorial, 1992)
- *Arquitectura em Portugal. Prémio Secil 1992*. Odivelas: Publicação SECIL, 1994

### **Sites consultados**

<http://visao.sapo.pt/viver-numa-ilha-no-centro-do-porto>  
<http://planhabdauufes.blogspot.pt/2009/12/3-quinta-monroy.html>  
<http://www.dezeen.com/2008/11/12/quinta-monroy-by-alejandro-aravena/>  
[http://vi.sualize.us/eco\\_oficina/chile/?waterflow&page=3#page4](http://vi.sualize.us/eco_oficina/chile/?waterflow&page=3#page4)  
<http://arktetonix.com.br/2012/10/quinta-monroy-elemental/>  
<http://www.archdaily.com/10775/quinta-monroy-elemental/>  
<http://incrementalhouse.blogspot.pt/2008/10/chile-quinta-monroy.html>  
<http://www.parqueexpo.pt>  
<http://vimeo.com/673851>  
<http://www.gop.pt/>  
<http://www.mvcc.pt>  
<http://infohabitar.blogspot.pt/>

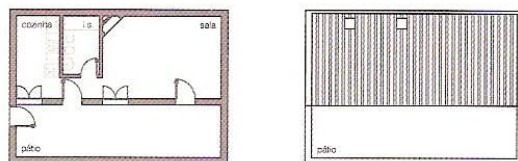
Número de palavras do texto de desenvolvimento : 19 841  
 Número de palavras total: 25 598

## **Anexos**

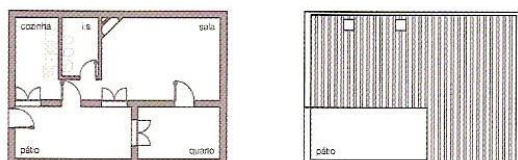
## A-I Casos de estudo

### Al.i. Bairro Alto do Moinho

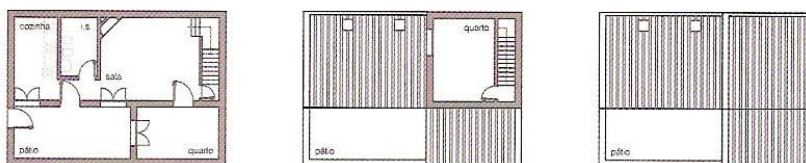
1ª fase / T0 / planta piso térreo / cobertura



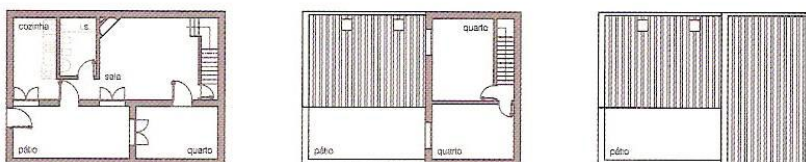
2ª fase / T1 / planta piso térreo / cobertura



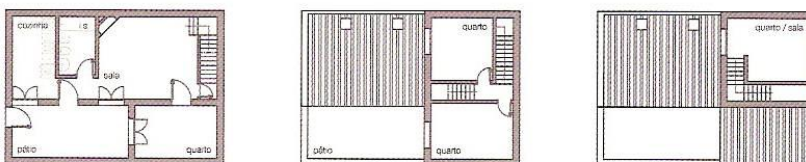
3ª fase / T2 / planta piso térreo / piso 1 / cobertura



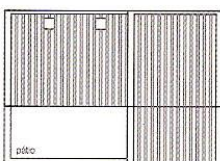
4ª fase / T3 / planta piso térreo / piso 1 / cobertura



5ª fase / T4 / planta piso térreo / piso 1 / piso 2



5ª fase / T4 / cobertura



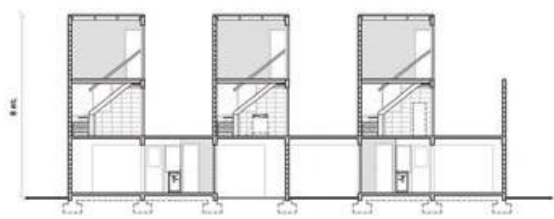
esquema evolutivo - Bairro do Alto do Moinho  
plantas 1:250

0m 2,5m 6,25m 12,5m

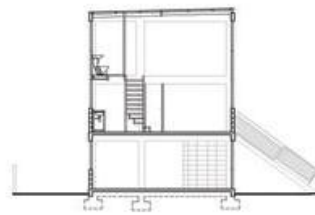
## Habitação evolutiva

(fonte: plantas e corte facultadas pela professora Isabel Raposo)

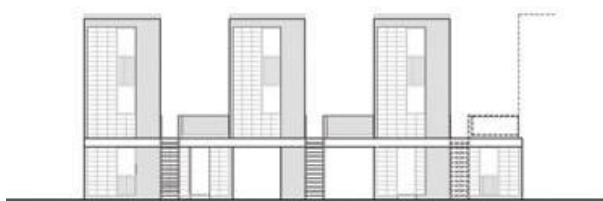
*Al.ii. Quinta Monroy*



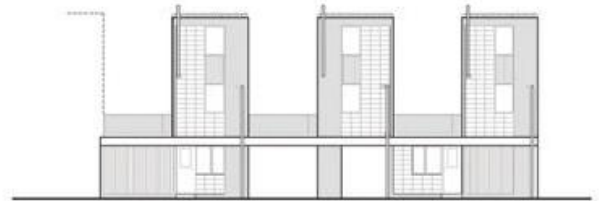
**CORTE BB | SECTION BB**



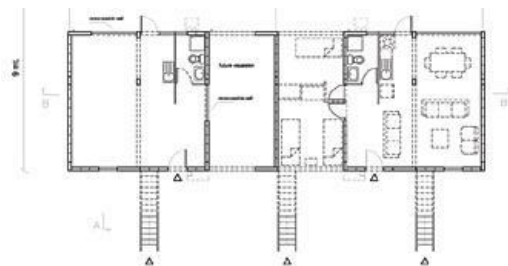
**CORTE AA | SECTION AA**



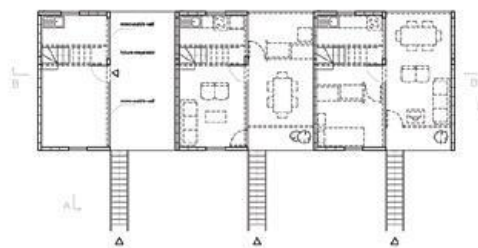
**ELEVACION FRONTAL | FRONT FACADE**



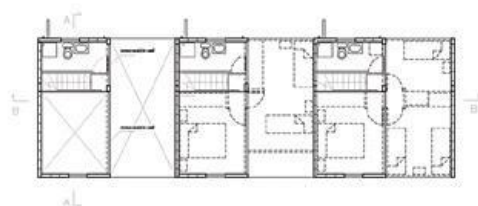
**ELEVACION POSTERIOR | BACK FACADE**



**PISO 1 | 1st FLOOR**



**PISO 2 | 2nd FLOOR**

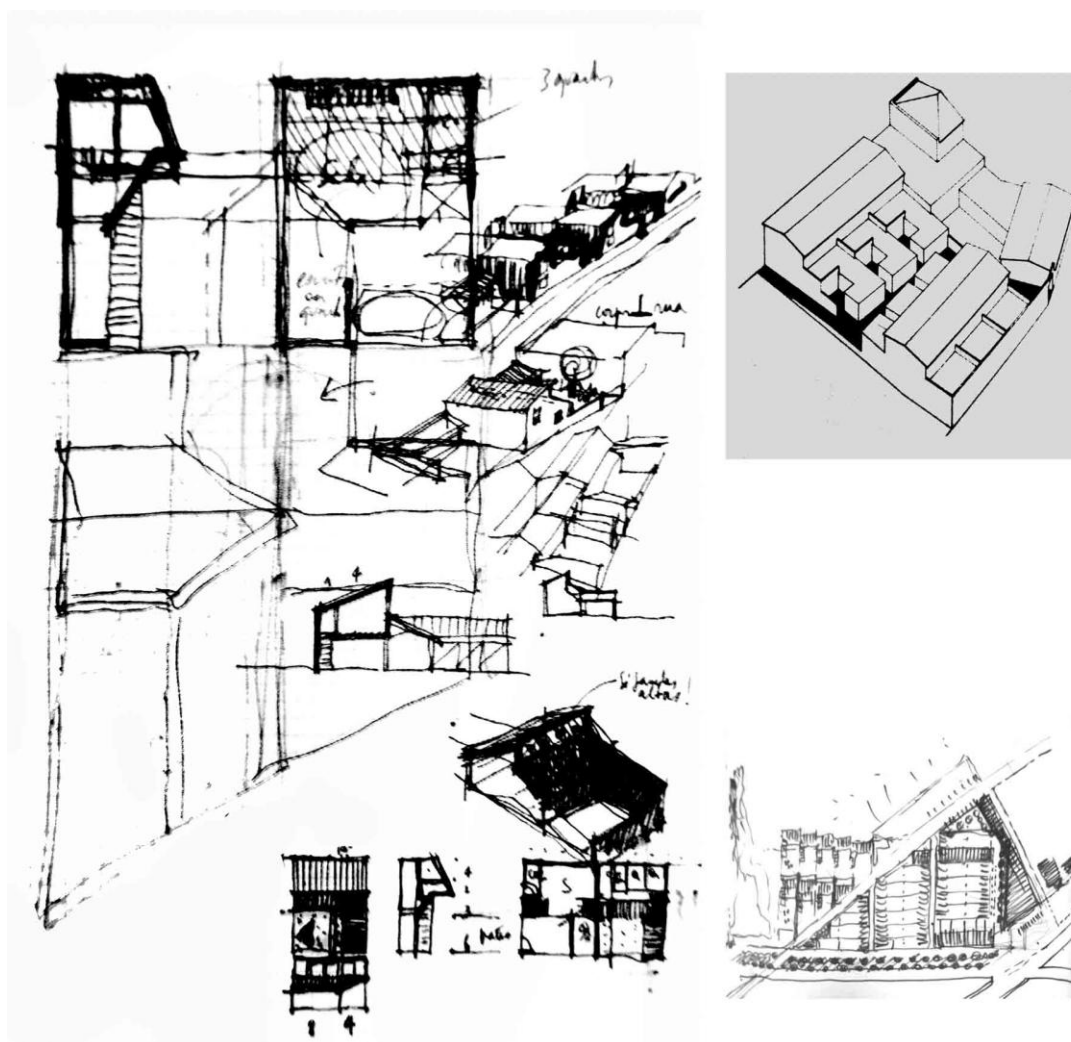


**PISO 3 | 3rd FLOOR**

**Plantas**

(fonte: [http://vi.sualize.us/eco\\_oficina/chile/?waterflow&page=3#page4](http://vi.sualize.us/eco_oficina/chile/?waterflow&page=3#page4))

Al.iii. Conjunto habitacional Somincor



Esquiços

(fonte: AAVV— *O ser urbano nos caminhos de Nuno Portas* - Ed. Imprensa Nacional Casa da Moeda, Maio de 2012)



## A-II Reabilitação do existente

Pátio rosa (cota 43)



Casa pátio (cota 36.5)





Pátio de cima (cota 43)



Pátio de cima (cota 46.5)





## A-II Maquetes

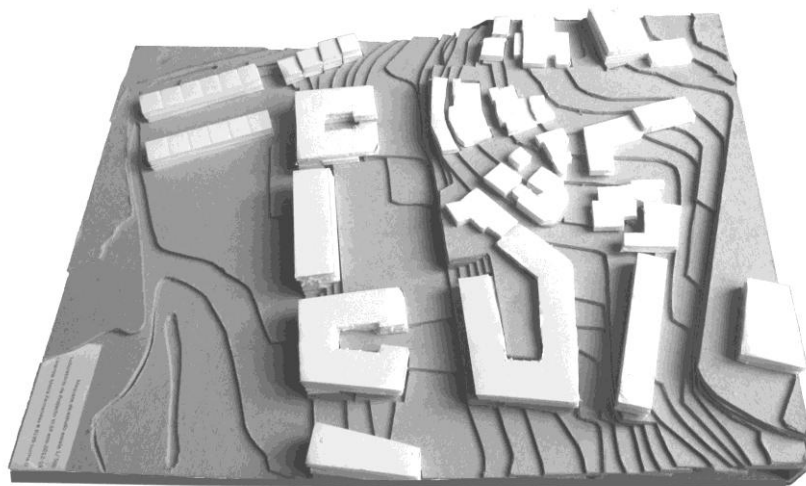


Fig. 70 Maquete de estudo: escala 1/ 500

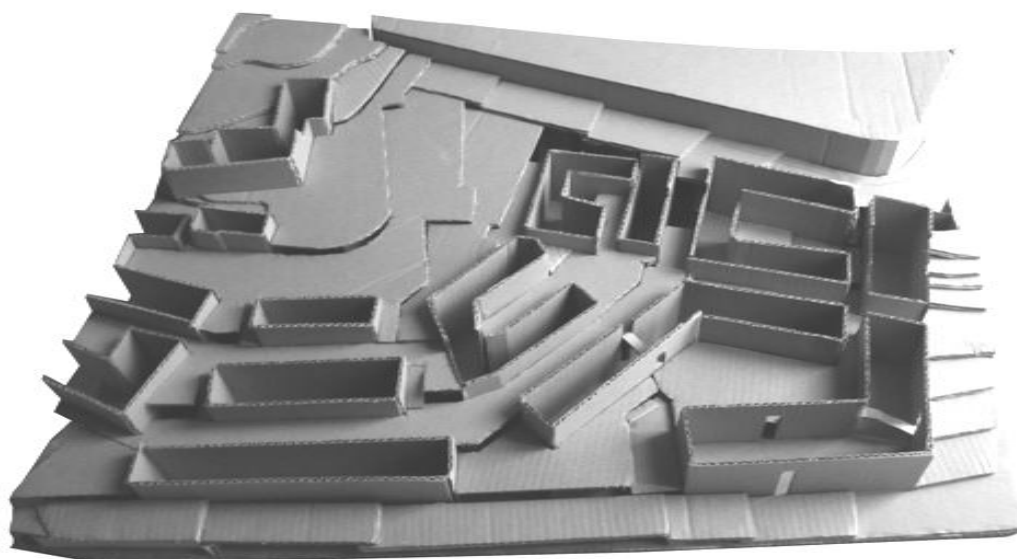


Fig. 71 Maquete de estudo: escala 1 / 200



Fig. 72 Maquete de estudo: escala 1/ 200



Fig. 73 Maquete final: escala 1/ 1000



Fig. 74 Maquete final: escala 1/ 200

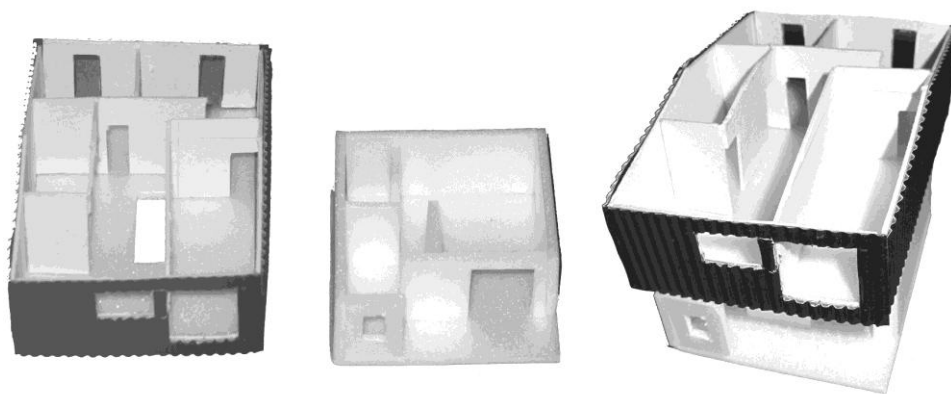


Fig. 75 Maquete final: escala 1/ 100



### **A-III Painéis finais**



	Análise SWOT			
	Potencialidades	Debilidadedes	Oportunidades	Ameaças
Acessibilidades	Proximidade dos espaços públicos e equipamentos em relação à envolvente;	- Falta de pavimentação e diferenciação dos espaços;	Ligação do bairro com a envolvente próxima;	Risco de acidentes devido ao mau estado dos pavimentos;
Espaço Público	Personalização dos espaços que antecedem a casa;	-Inexistência de espaços verdes e espaços públicos tratados para a população;	Revitalização dos espaços existentes que potenciam o bem-estar da população;	-Ocupação da rua por carros;
Usos	Localização estratégica dos usos no exterior do bairro;	Falta de instituições culturais dentro do Bairro;	Criação de instituições de carácter didáctico e recreativo;	-Falta de mobiliário e iluminação urbana;
População	- Redes sociais e relação de vizinhança;	Intolerância à mudança de hábitos;	Vontade das pessoas e sentido de auto-subsistência (hortas urbanas);	Tendência para a formação de ilhas tipológicas;
Edificado	- Riqueza cultural e desejo de divulgar a cultura;	-Multifuncionalidade dos espaços e reaproveitamento dos materiais;	Recriação do edificado com base no arquétipo pátio comum;	-Condições de habitabilidade precária;
	- Importância do pátio para estar com os outros antes de entrar em casa;	Precariedade dos materiais e sistemas construtivos;		- Condições sanitárias insuficientes;

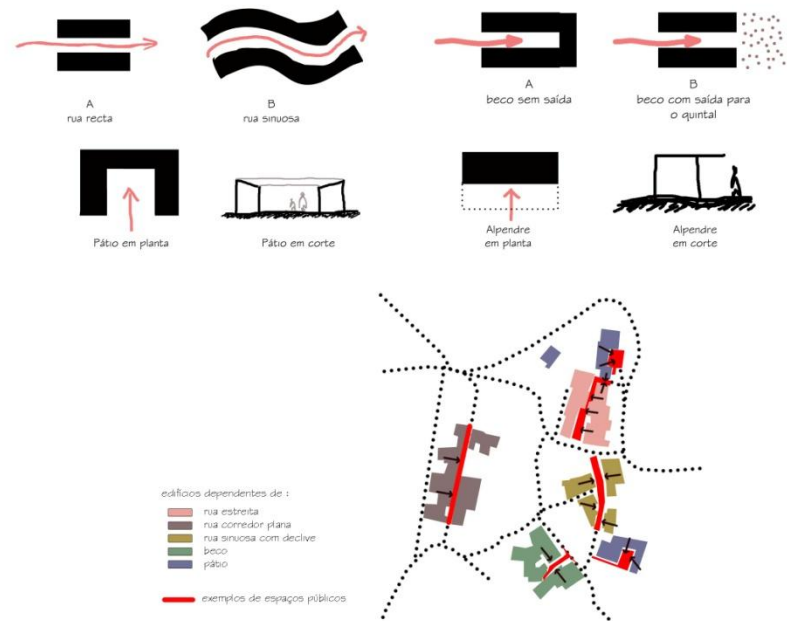


Bairro do Barruncho

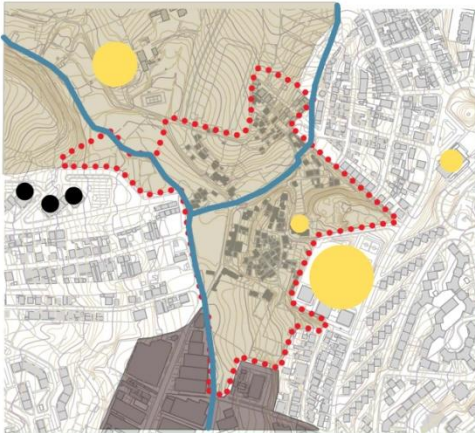
A área de intervenção situa-se na Póvoa de Santo Adrião, em Odivelas. É considerado uma ACRRU (Área Crítica de Recuperação e Reconversão Urbanística) com vista a reconversão em ARU (Área de Recuperação Urbana). Trata-se de um bairro clandestino ocupado maioritariamente por descendentes de Cabo Verde, sem infra-estruturas, luz legal e espaços públicos tratados. O local, de pendente acentuada, é ocupado por construções realizadas com materiais usados como a madeira, a chapa e o tijolo, numa lógica de crescimento decorrente da disponibilidade do material.

Apresenta uma organização espacial peculiar decorrente de memórias, gostos e ntos dos habitantes, simultaneamente moradores e construtores do bairro. O espaço foi transformado pela comunidade, e por eles tem sido transformado desde o início da sua construção.

Os principais espaços públicos existentes no Bº do Barruncho são a rua e o beco. O acesso às habitações é realizado ora directamente a partir destes, ora através de um pátio colectivo ora ainda por meio de um alpendre, já integrado na constituição da habitação.



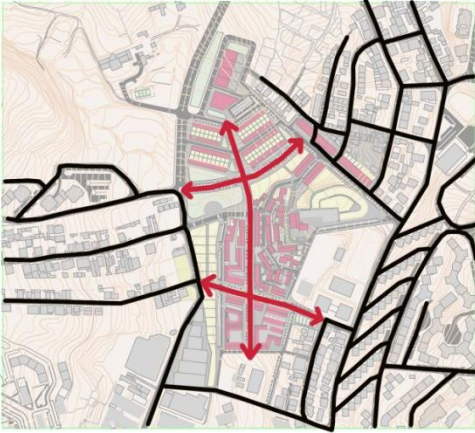
existente



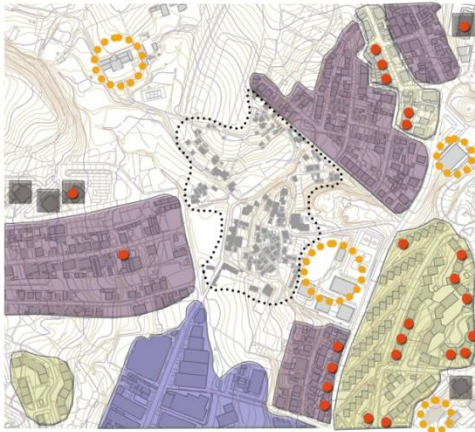
proposta



Limites



Circulação

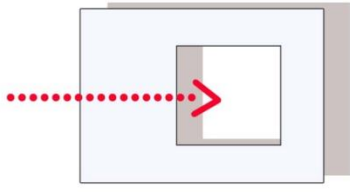


Usos

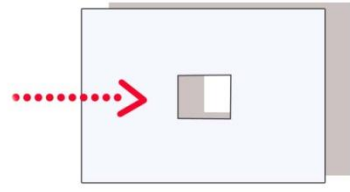


Construção existente

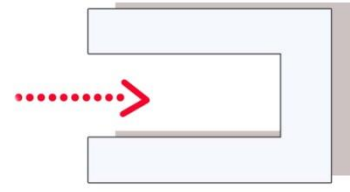




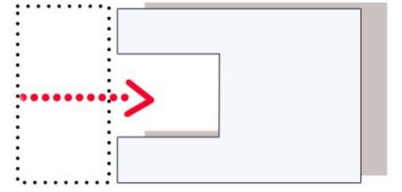
sentido sagrado/ protecção



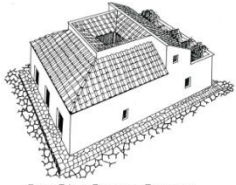
sentido mínimo



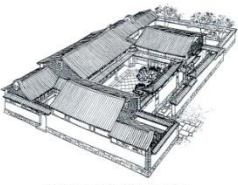
sentido íntimo colectivo



sentido cívico/ de transição



Casa Pátio Romana, Pompeia



Casa de chinesa, Yunnan



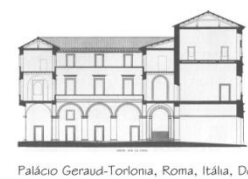
Insula romana - Casa di Diane



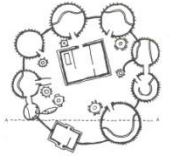
Sagão espanhol.



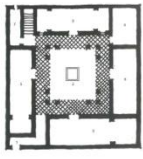
Pátios urbanos em Nussdorf, Viena.



Palácio Gerardi-Torlonia, Roma, Itália, Donato Bramante.



Aglomerados populares em Yaundé e Marrocos (vista em planta)



Revolução Industrial



Vilas operárias de Lisboa

desenvolvimento urbano



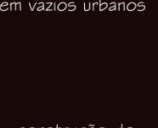
exodo rural



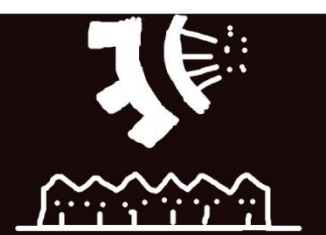
falta de habitação social



construção em vazios urbanos



construção de vilas operárias

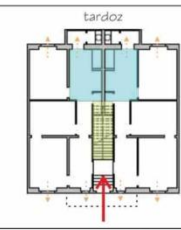
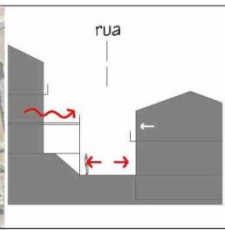


## Vilas operárias

## Bairro do Barruncho



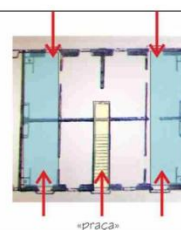
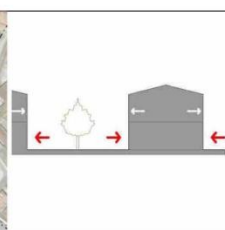
vila correnteza



Vila Berta



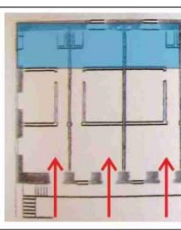
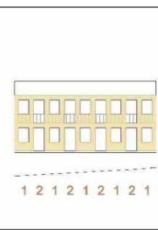
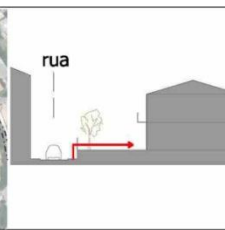
vila conformando rua



Vila Flamiano



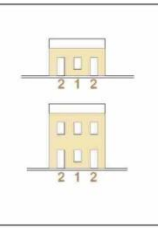
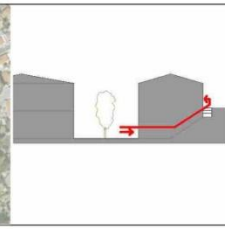
vila conformando patio



Vila Bagatela



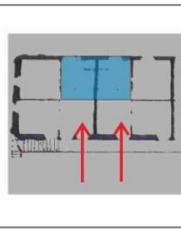
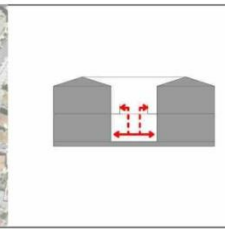
vila atrás de edifícios



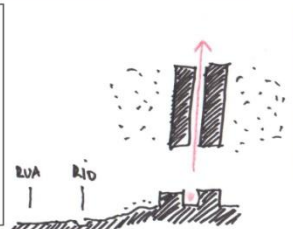
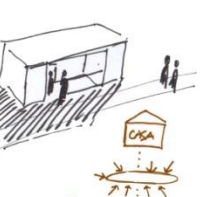
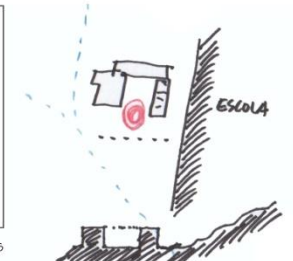
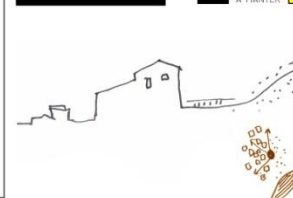
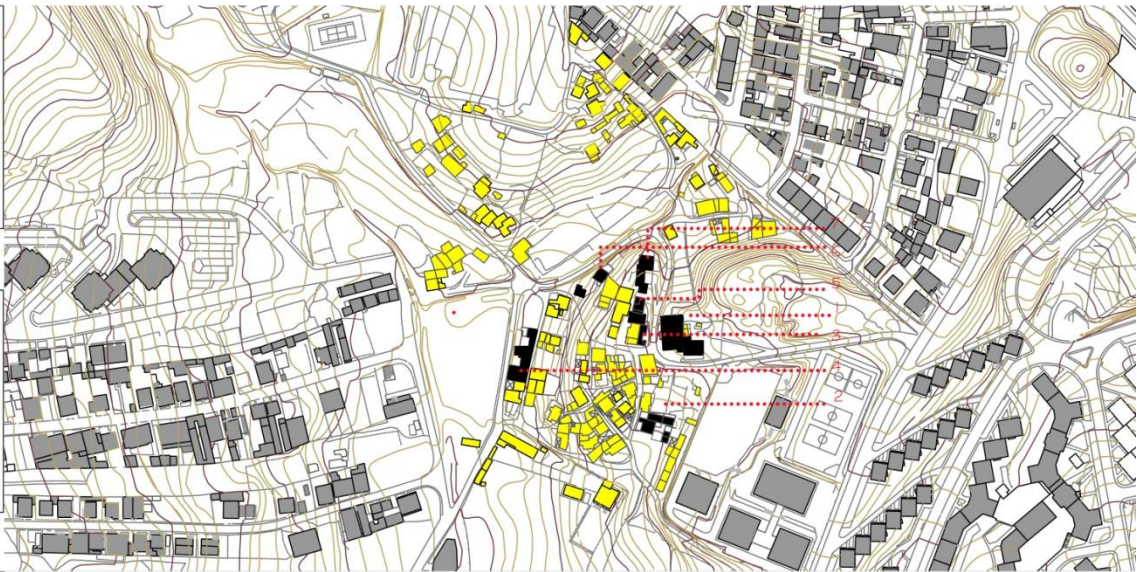
Vila Emília



bairro



Bº Estrela D'Ouro



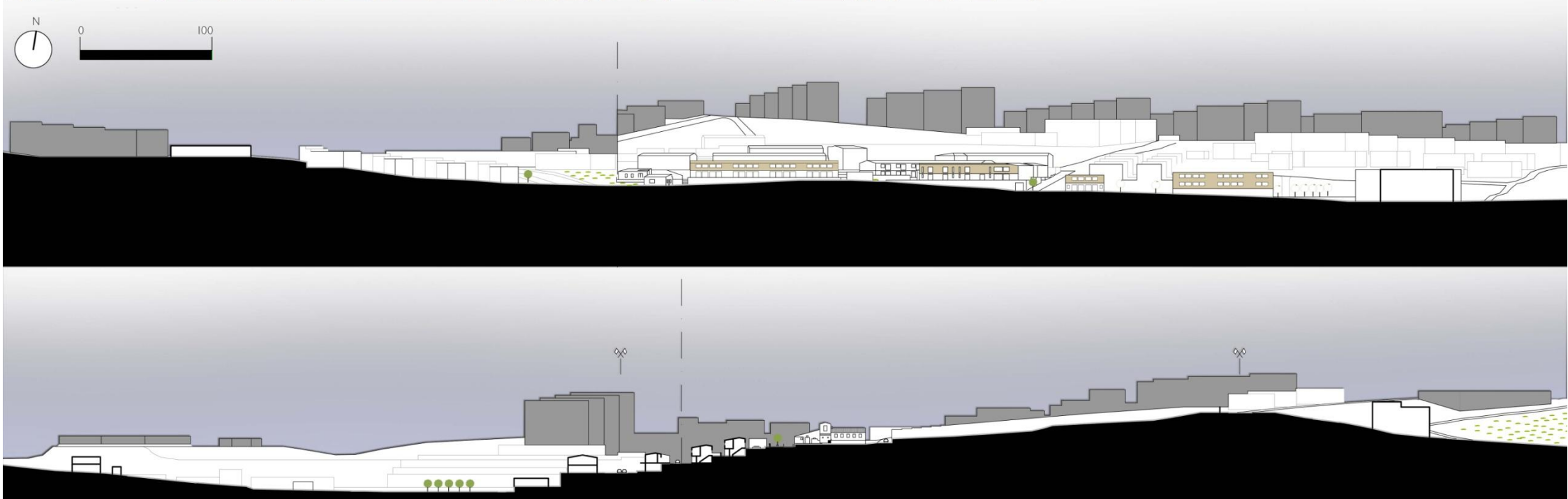
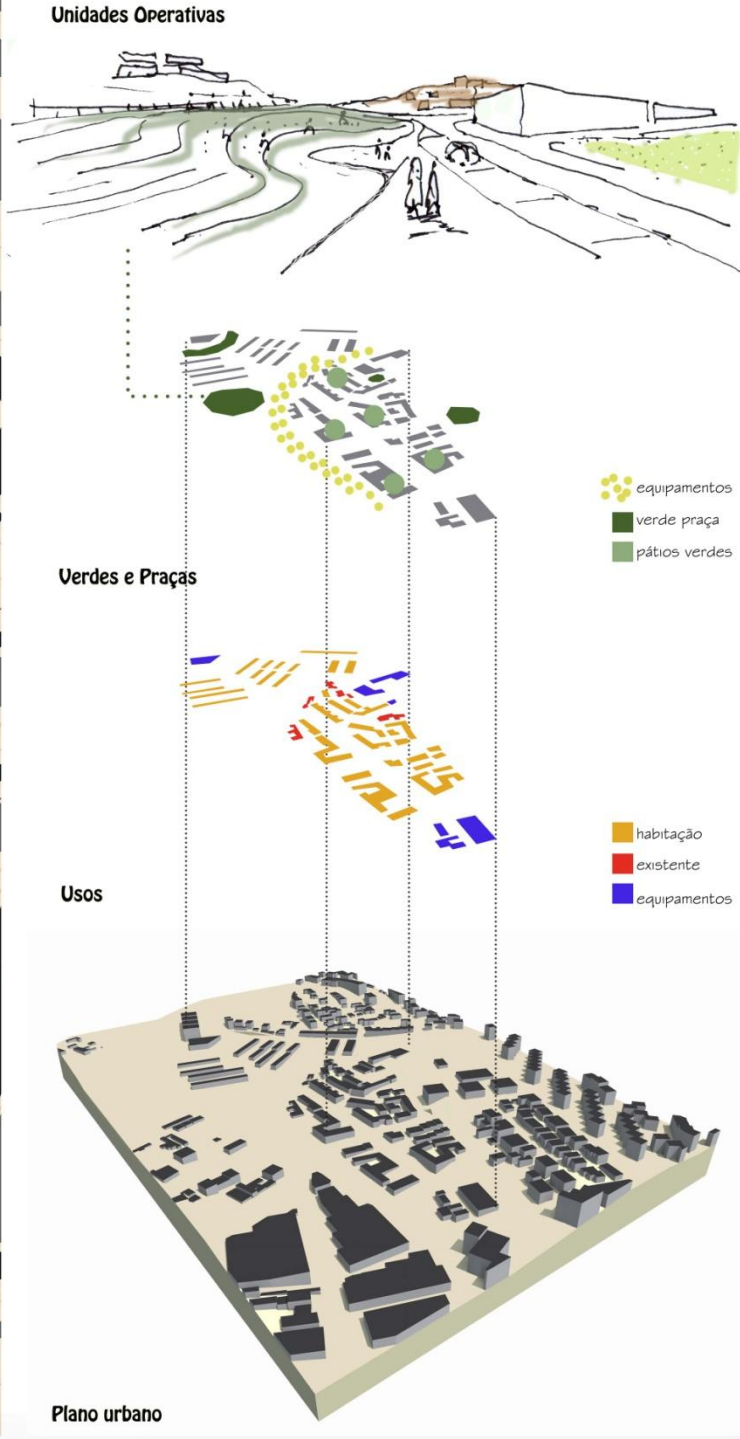
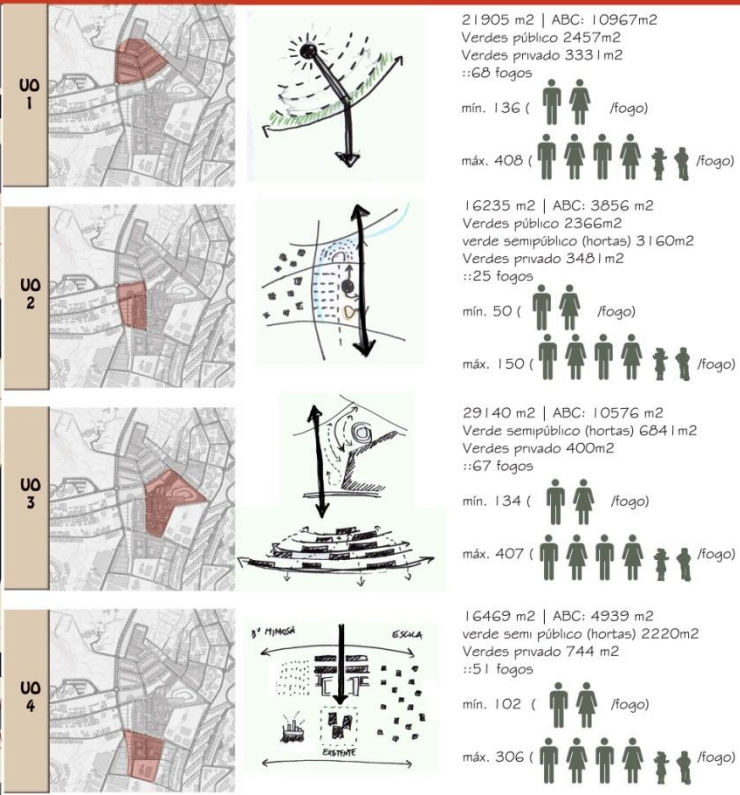
Vila Borge, Campolide



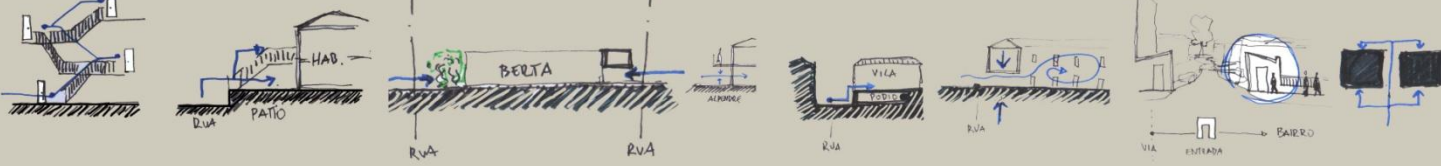
Bº do Barruncho, Odivelas









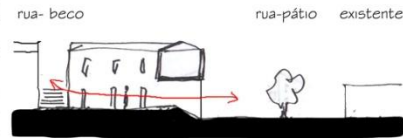


Referências:

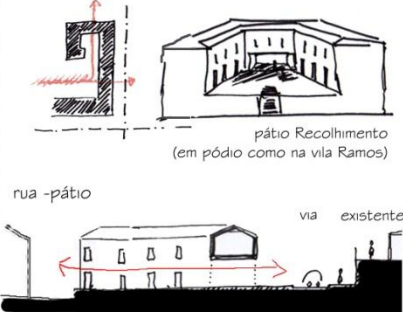


passagem em túnel:  
(vila Berta, vila Paulo)

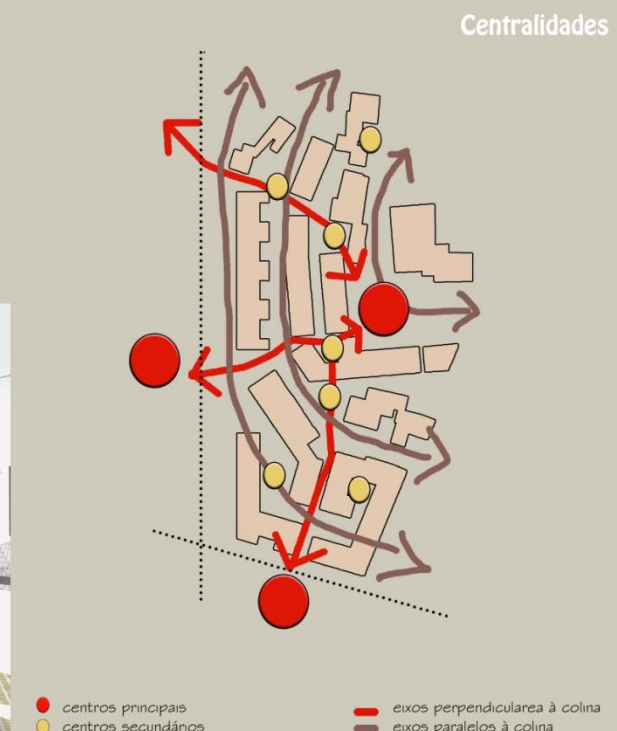
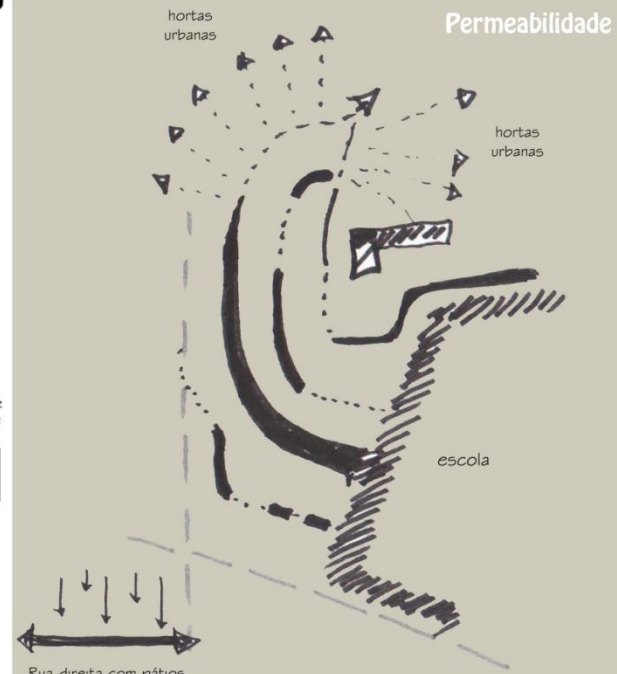
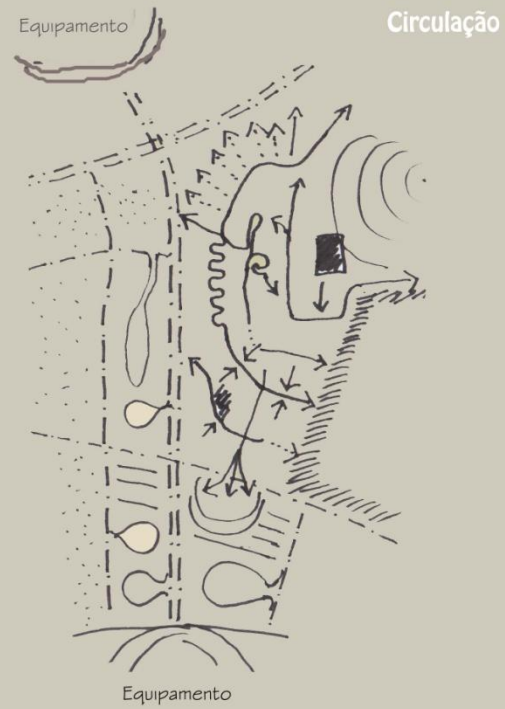
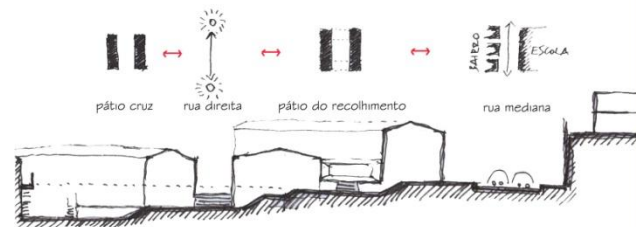
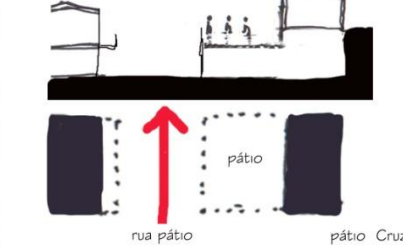
1 Pátio funil



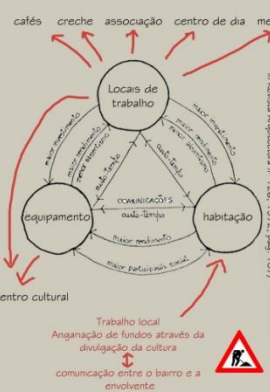
2 Pátio do recolhimento



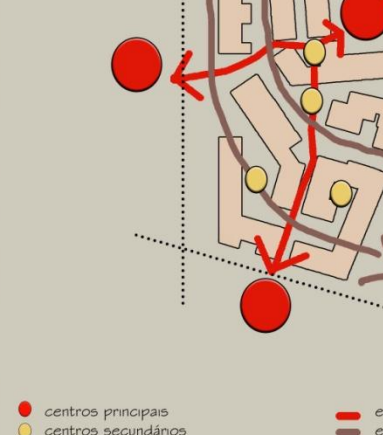
3 Pátio cruz



Trabalho e sustentabilidade da proposta



verdes (permeável)  
grelha de enlramento (semi-permeável)  
calçada





Pátio funil



Pátio do recolhimento



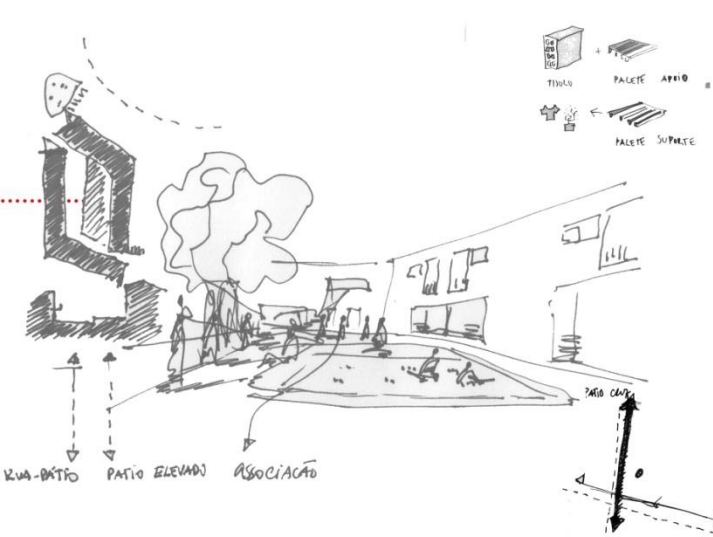
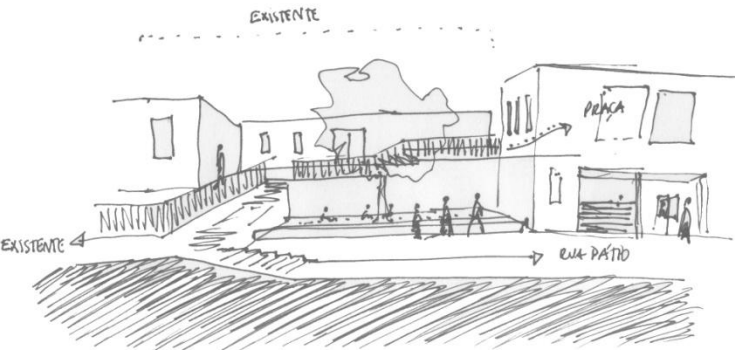
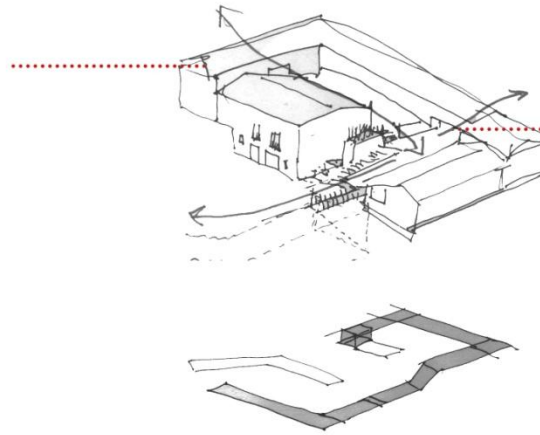
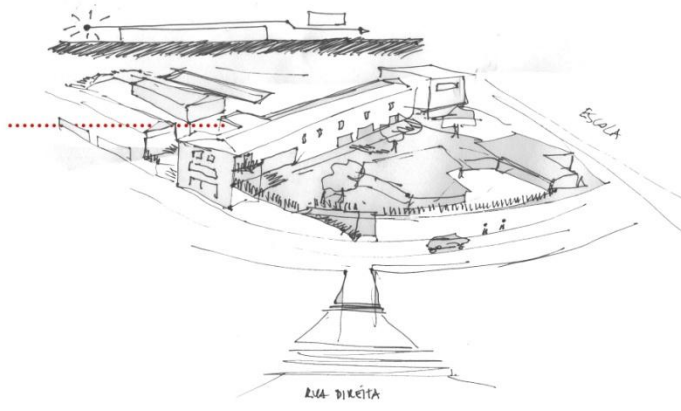
Pátio do encontro



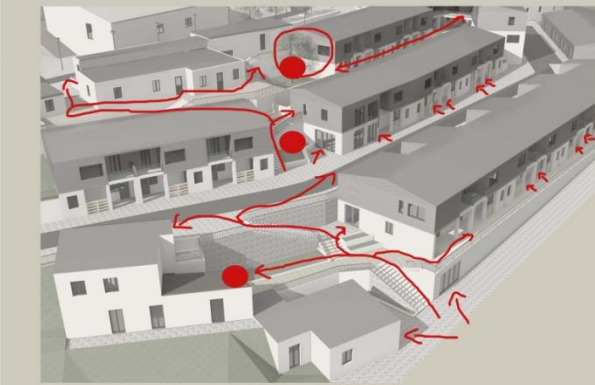
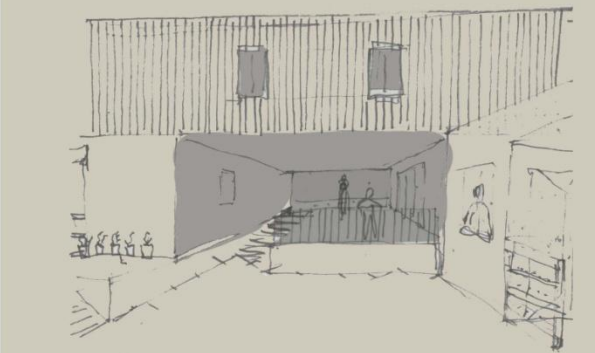
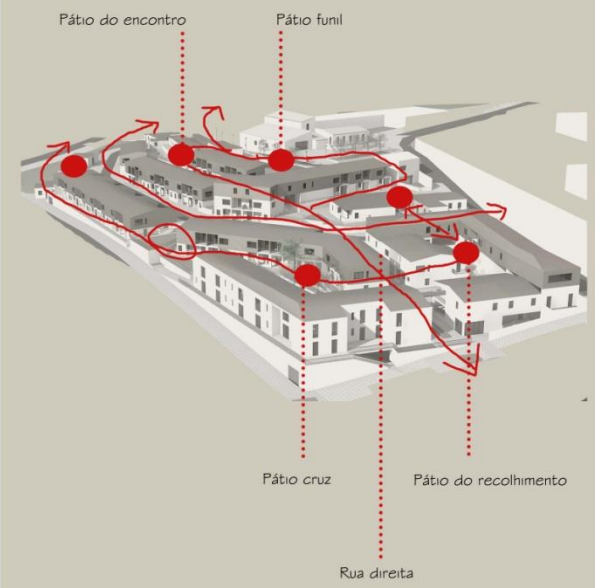
Pátio Cruz



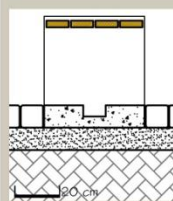
Pátio Cruz



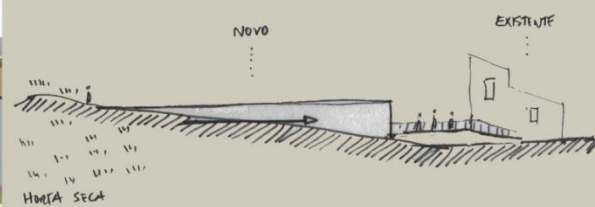
Hortas da encosta



Rua direita



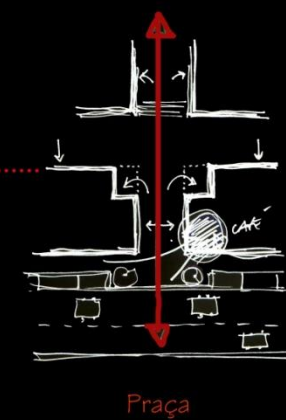
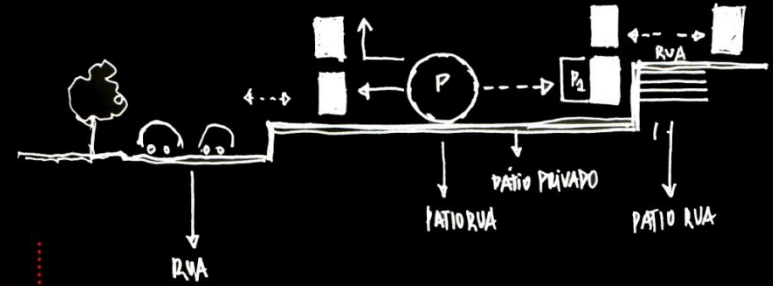
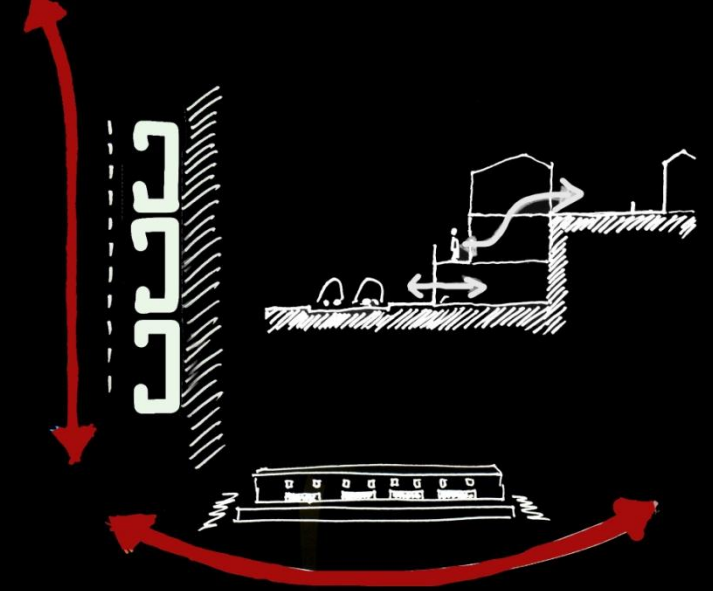
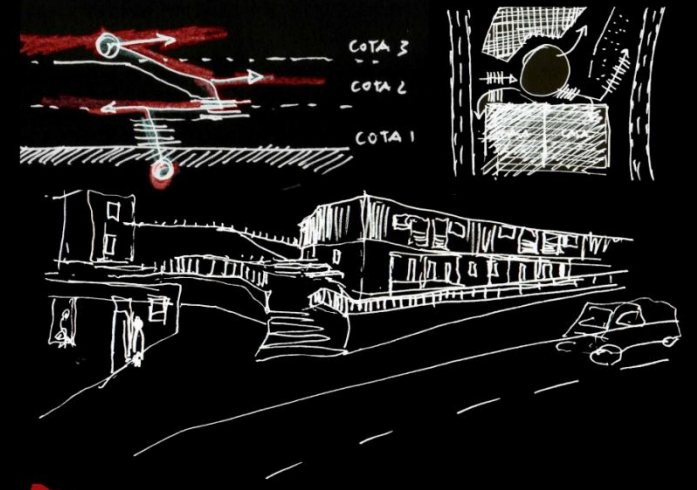
Banco em corte escala 1/20 com cavidade inferior para a passagem de águas pluviais.







Planta escala 1/ 220 - corte à cota 36.5m



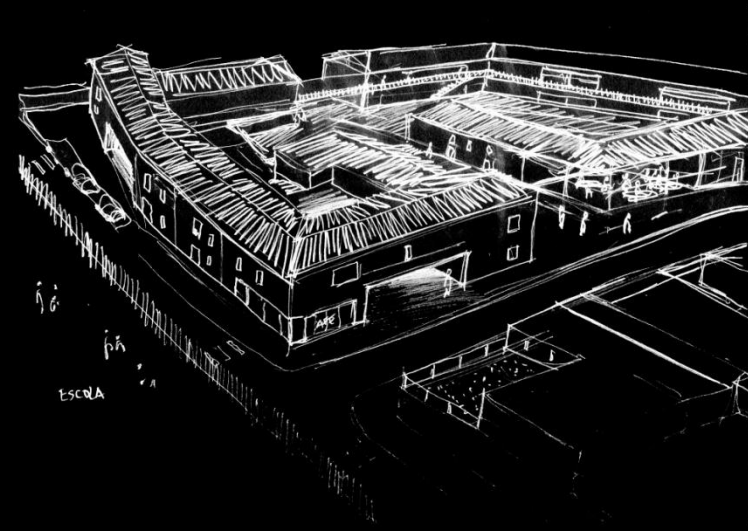
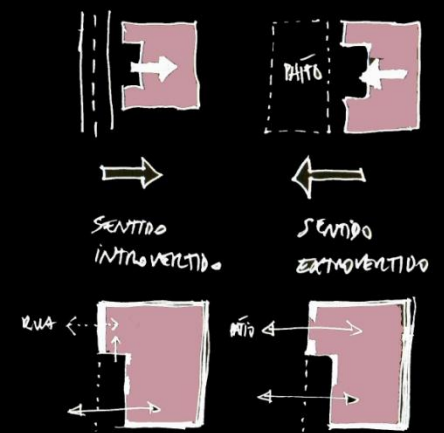
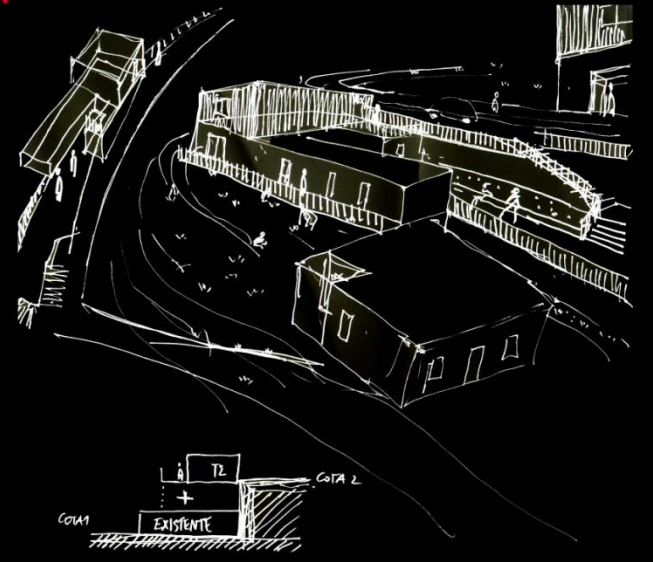
Praça







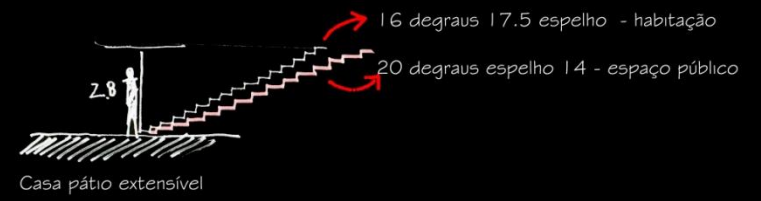
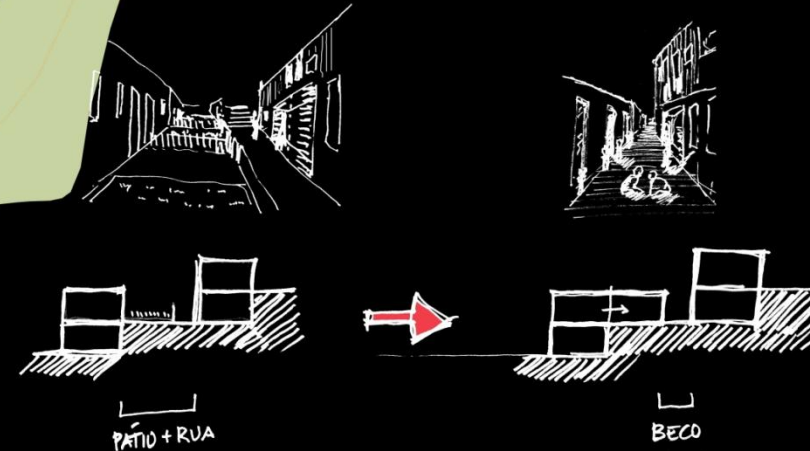
Planta escala 1/220 - corte à cota 39.5m







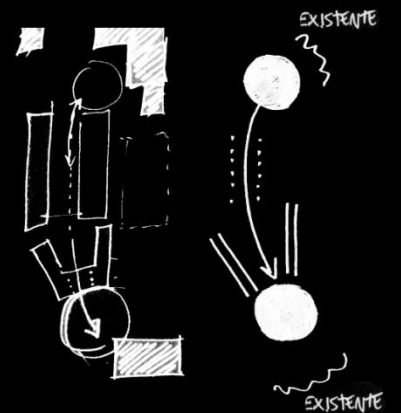
Planta escala 1/ 220 - corte à cota 43m



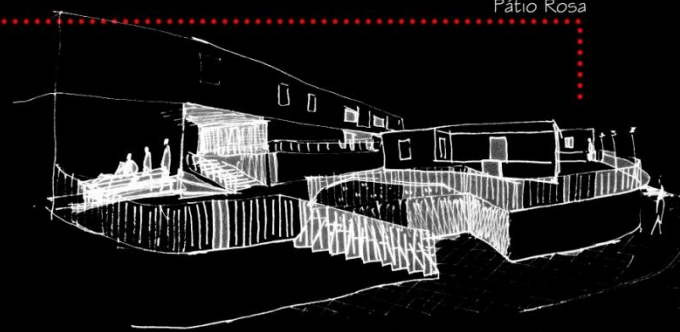
Casa de aluguer



abraço entre os residentes e inclinos



Pátio Rosa







- Café
- Associação dos Moradores
- Infantário
- Centro de dia
- Centro cultural

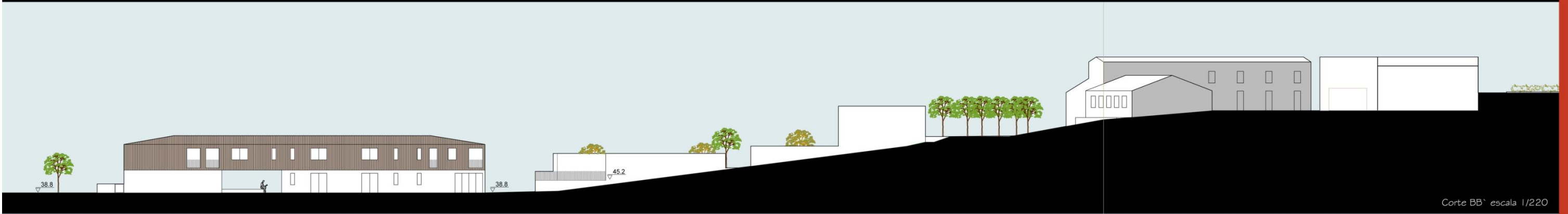


Pátio festa

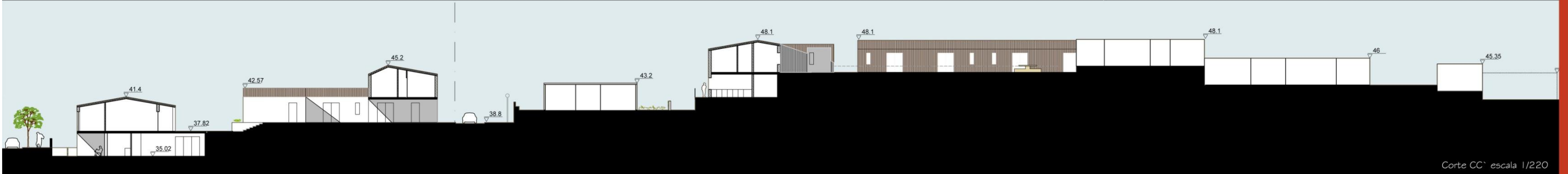




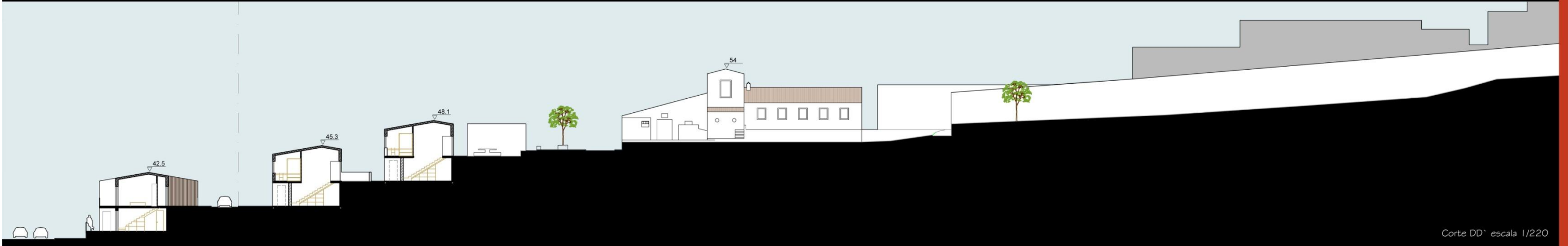
Corte AA' escala 1/220



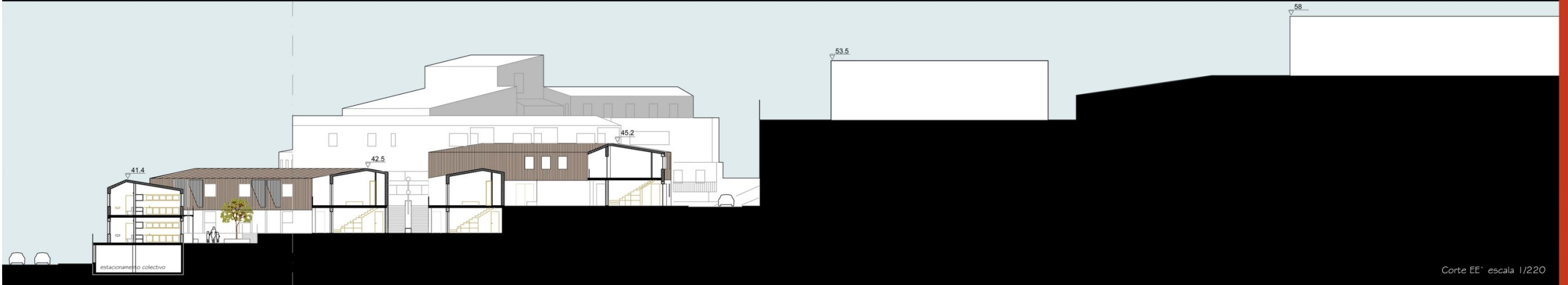
Corte BB' escala 1/220



Corte CC' escala 1/220



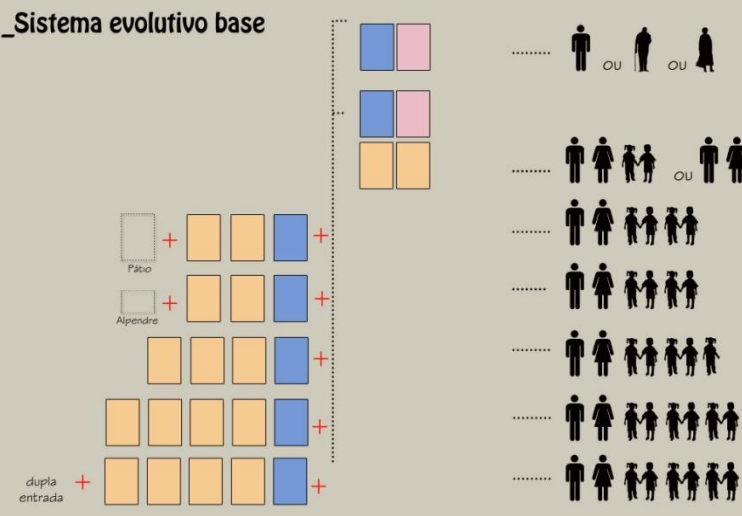
Corte DD' escala 1/220



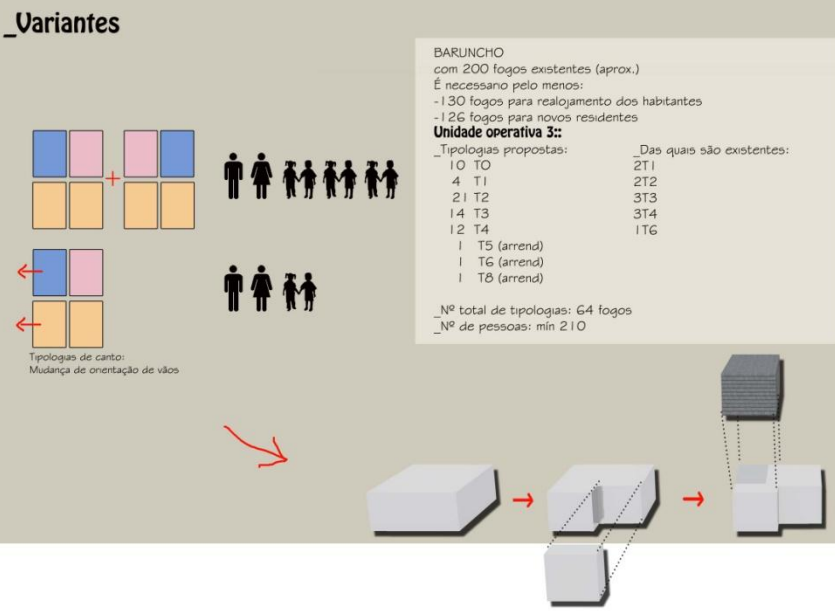
Corte EE' escala 1/220



\_Sistema evolutivo base



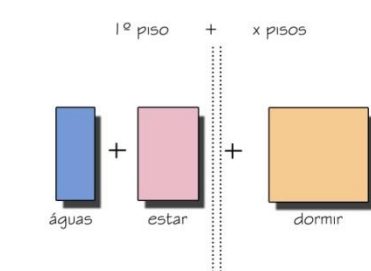
\_Variantes



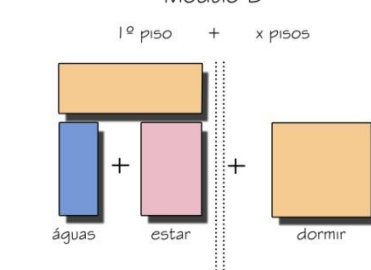
referência do sistema: Quinta Monroy, Chile



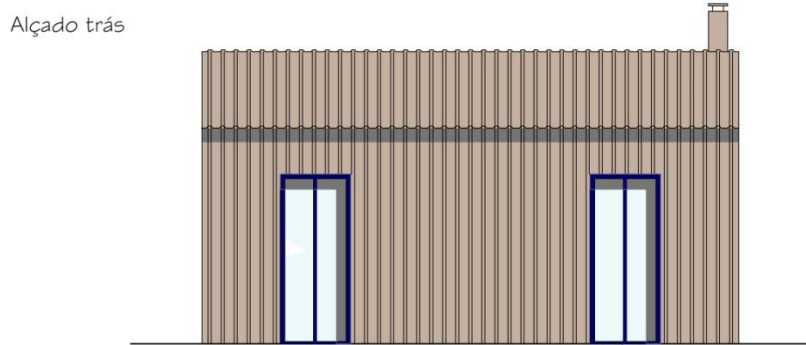
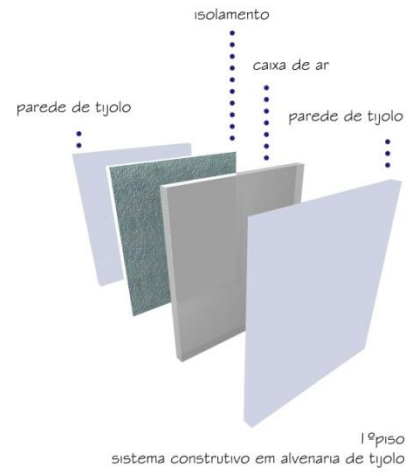
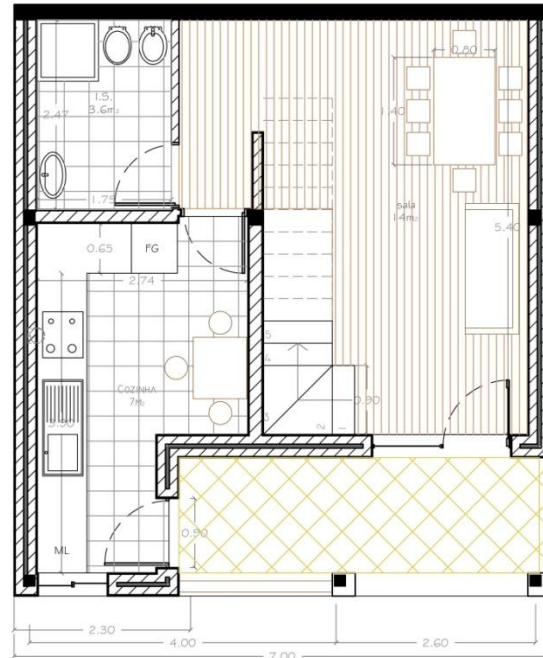
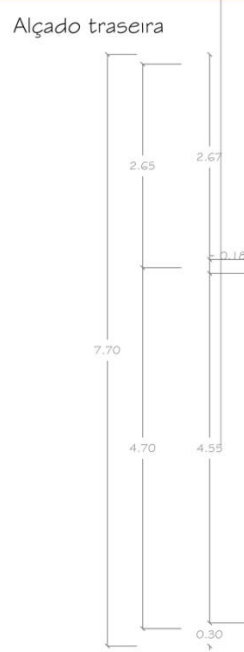
Módulo A



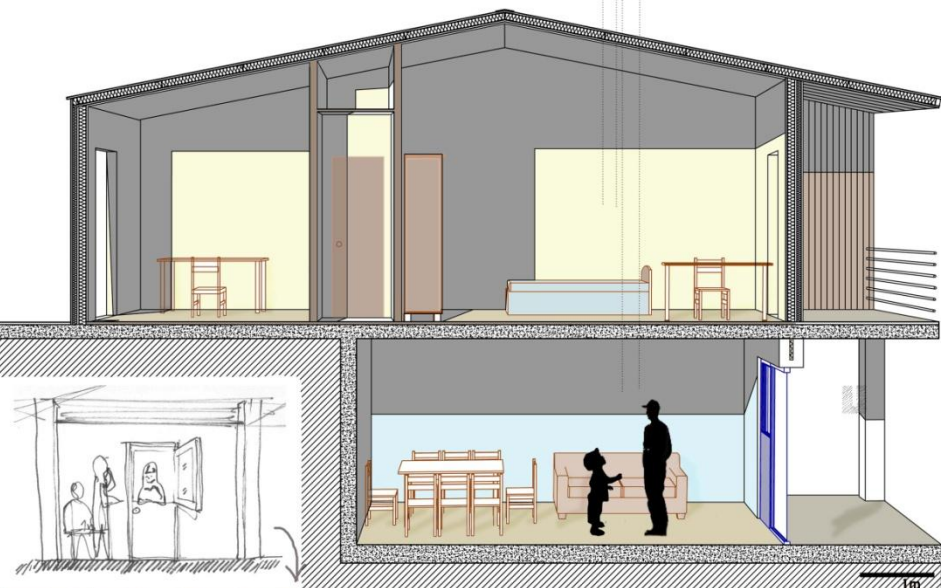
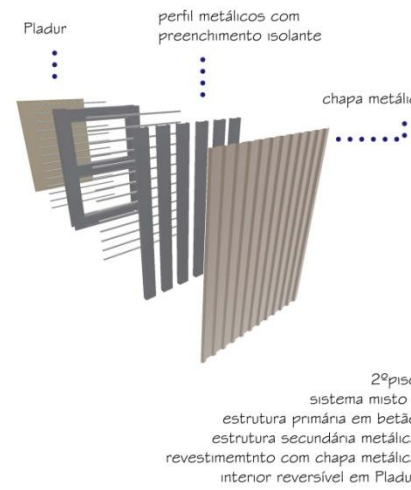
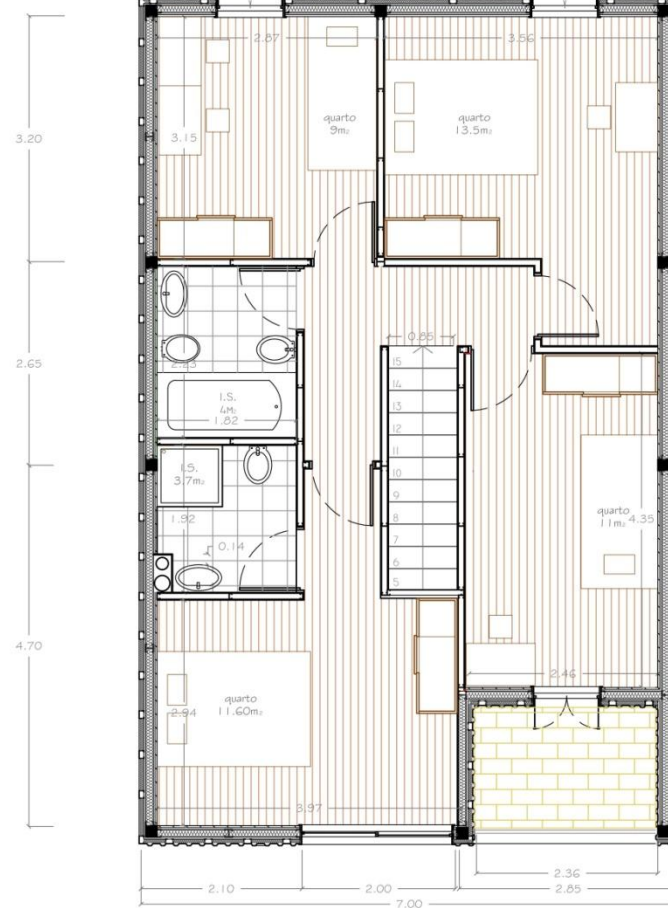
Módulo B







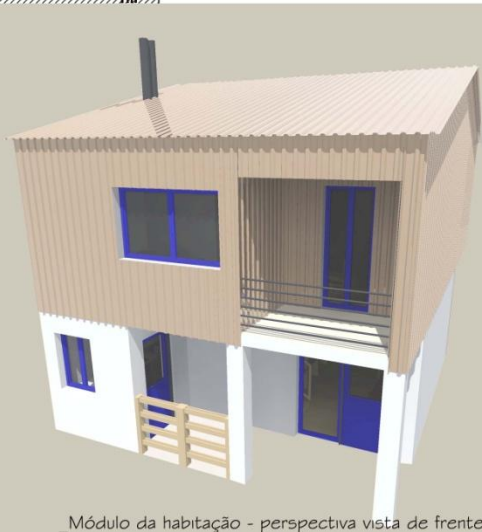
Planta 2º piso



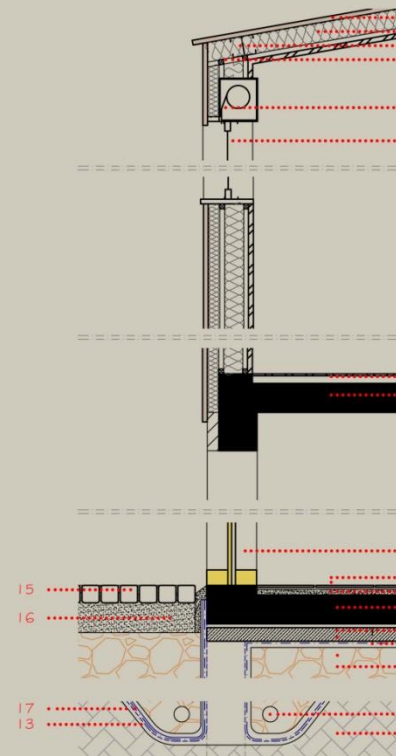
Quartos, sala  
soalho flutuante laminado DIVIRSUME, Trakett - casual  
832 ref. 8278309 - Maple 2L

I.S.  
azulejo CINCA série Algarve Azul tam. 25x33 ref. 0866  
banda CINCA Sagres/ azul escuro tam. 6,5x25 ref. 0000/721  
Pavimento CINCA provençe/ Laguna tam. 33x33 ref. 5632

cozinha  
pavimento CINCA série Heart of Stone Preto tam. 33x33 ref. 8163  
azulejo CINCA série Empire creme marfim tam. 32x75 ref. 7055  
banda Cesar tam 4x 32 ref. 0000/244

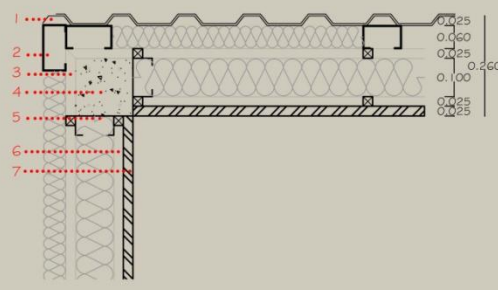


P1\_ Corte de fachada - pormenor escala 1/ 20



- 1 - chapa metálica fabricada em série por COLABORANTE PERFIL PG-170-25, acabamento pré-lacagem de 25 micron e pintura (castanho suave)
- 2 - isolamento roofmate
- 3 - perfil COBERMAT TIPO C soldado com dimensões 100x50x18 mm (2mm espessura)
- 4 - tubo metálico quadrado com costura 25\*25 mm SKYLIGHT
- 5 - caixa de estoros VEKA
- 6 - janela PORTMORMA de correr em PVC 1.2x2m
- 7 - soalho flutuante laminado DIVIRSUME, Trakett - casual 832 ref. 8278309 - Maple 2L
- 8 - laje em betão armado
- 9 - conjunto de paletes empilhadas com função de armazenar pequenos vasos
- 10 - pavimento exterior REVIGRÉS Edicer Alvão Beje 330x330 mm
- 11 - argamassa de regularização
- 12 - massante
- 13 - tela betuminosa
- 14 - bnta e enrocamento
- 15 - geodreno e geotextil
- 16 - terreno
- 15 - calçada portuguesa
- 16 - areia compactada
- 17-lâmina drenante

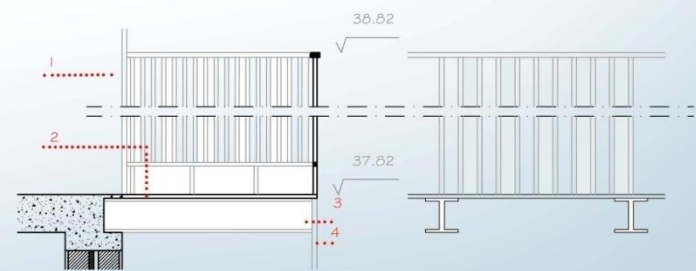
P2\_ Planta 2º piso - pormenor escala 1/20



- 1 - chapa de aço fabricada em série por COLABORANTE - perfil PG-170-25, acabamento pré lacagem de 25 micron e pintura (bordó)
- 2 - perfil COBERMAT TIPO C soldado com dimensões 120, 60, 18 mm (2mm espessura)
- 3 - tubo metálico quadrado com costura 25\*25 mm SKYLIGHT  
perfil COBERMAT tipo C, colocado no sentido longitudinal. Entre a estrutura será colocado isolamento .
- 4 - pilar em betão armado 150x150mm
- 5 - perfil COBERMAT TIPO C soldado com dimensões 100x50x18 mm (2mm espessura)
- 6 - tubo metálico quadrado com costura 25x25 mm SKYLIGHT
- 7 - Placa modular PLADUR CH, com espessura 25 mm



P3\_ pormenor da galeria metálica\_ escala 1/ 20



Corte pelo pátio cruz e pelo pátio do recolhimento\_ escala 1/ 50

